

**Miguel de Oliveira Martins Filho**

**O MISTÉRIO DA CRUZ DE JESUS  
NOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA  
EM DIÁLOGO COM  
A TEOLOGIA DE JON SOBRINO**

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Geraldo De Mori

Apoio FAPEMIG

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2019

**Miguel de Oliveira Martins Filho**

**O MISTÉRIO DA CRUZ DE JESUS  
NOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA  
EM DIÁLOGO COM  
A TEOLOGIA DE JON SOBRINO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de concentração: Teologia da Práxis Cristã

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori

Belo Horizonte  
FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia  
2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

M385m	<p>Martins Filho, Miguel de Oliveira</p> <p>O mistério da cruz de Jesus nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola em diálogo com a teologia de Jon Sobrino / Miguel de Oliveira Martins Filho. - Belo Horizonte, 2019. 126 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Geraldo De Mori Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Espiritualidade. 2. Inácio, de Loyola, Santo. Exercícios Espirituais. 3. Sobrino, Jon. I. De Mori, Geraldo. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título</p> <p>CDU 248</p>
-------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

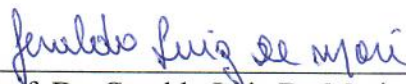
Miguel De Oliveira Martins Filho

**O MISTÉRIO DA CRUZ DE JESUS NOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS  
DE SANTO INÁCIO DE LOYOLA EM DIÁLOGO COM A TEOLOGIA  
DE JON SOBRINO**

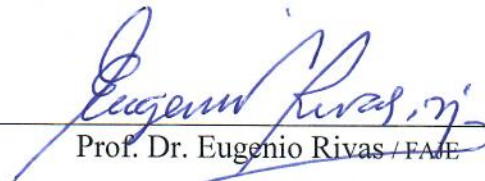
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 29 de novembro de 2019.

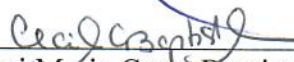
**COMISSÃO EXAMINADORA:**



Prof. Dr. Geraldo Luiz De Mori / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Eugenio Rivas / FAJE



Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ceci Maria Costa Baptista Mariani / PUC-Campinas (Visitante)

## RESUMO

A presente pesquisa situa-se no campo da Teologia da Práxis Cristã a partir compreensão de um dos textos fundamentais da espiritualidade de Santo Inácio de Loyola, o livro dos *Exercícios Espirituais*. A investigação toma como método a análise da obra, recorrendo a alguns de seus comentadores. O objetivo da pesquisa é demonstrar como a contemplação do mistério da cruz de Jesus aparece no texto e na dinâmica das etapas da experiência dos Exercícios Espirituais, em diálogo com a teologia de Jon Sobrino. O recorte temático da contemplação da cruz é motivado por uma preocupação pastoral acerca da contribuição da espiritualidade inaciana para a vivência do seguimento de Jesus no mundo contemporâneo. O diálogo com a cristologia de Jon Sobrino, atenta ao Jesus histórico e à realidade latino-americana, resulta numa eficaz contribuição tanto para quem se dedica ao apostolado dos Exercícios quanto para quem os vivencia. A contemplação do Crucificado leva ao compromisso de tirar da cruz os povos crucificados.

**Palavras-chave:** Inácio de Loyola. Exercícios Espirituais. Jon Sobrino. Cruz. Povos crucificados.

## ABSTRACT

This research is based on the Theology of Christian Praxis from the comprehension of one of the fundamental writings of Saint Ignatius of Loyola, the book of the *Spiritual Exercises*. The investigation's method is an analysis of this specific work, taking into consideration some of its commentators. This work's purpose is to demonstrate how the contemplation of the mystery of Jesus' cross is presented in the text and in the dynamic of the different moments of the whole Spiritual Exercises proposal, in dialog with Jon Sobrino's theology. The contemplation of the cross is crucial due to a pastoral concern regarding this spirituality's contribution on how to follow Jesus in this contemporary world. The dialog with Jon Sobrino's christology, which considers historical Jesus and Latin America's reality, produces an effective contribution for both the ones who work on Spiritual Exercises ministry and the ones who actually experience them. A contemplation of the Crucified drives to the engagement of taking the crucified people from the cross.

**Key-words:** Ignatius of Loyola. Spiritual Exercises. Jon Sobrino. Cross. Crucified people.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 O MISTÉRIO DA CRUZ DE JESUS NOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS.....	13
1.1 Introdução.....	13
1.2 Inácio de Loyola.....	13
1.3 Os Exercícios Espirituais.....	23
1.4 O mistério da cruz de Jesus nos Exercícios Espirituais.....	24
1.5 O mistério da cruz de Jesus na dinâmica dos Exercícios.....	27
1.5.1 Princípio e Fundamento: horizonte da experiência dos Exercícios.....	29
1.5.2 Primeira Semana: experiência de purificação e conversão diante do Crucificado	31
1.5.3 Segunda Semana: deixar-se configurar por Cristo, seguindo-o em seu caminho .	33
1.5.4 Terceira Semana: a identificação com Cristo em sua paixão e cruz.....	38
1.5.5 Quarta Semana: contemplar a ressurreição do Crucificado.....	39
1.5.6 Contemplação para Alcançar Amor: o amor do Crucificado Ressuscitado presente em todas as coisas.....	41
1.5.7 Conclusão: a opção pela cruz de Jesus nos torna livres e compassivos.....	42
2 O MISTÉRIO DA CRUZ DE JESUS NA TEOLOGIA DE JON SOBRINO.....	44
2.1 Introdução.....	44
2.2 O teólogo Jon Sobrino.....	46
2.2.1 Breves anotações biográficas.....	47
2.2.2 Percurso teológico e influências.....	48
2.2.3 O lugar eclesial da teologia sobriniana.....	51
2.3 A cristologia de Jon Sobrino no contexto da teologia latino-americana.....	52
2.3.1 Implicações da pergunta pelo Jesus histórico.....	52
2.3.2 O seguimento de Jesus, princípio epistemológico e hermenêutico fundamental ..	54
2.4 A contribuição teológica de Jon Sobrino.....	55
2.5 A abordagem sobriniana da cruz de Jesus.....	56
2.5.1 A lógica histórica e teológica da morte de Jesus na cruz.....	58
2.5.2 A perspectiva soteriológica: da cruz como escândalo à cruz como salvação.....	61
2.5.3 O sentido da cruz: interpretações das primeiras comunidades cristãs.....	65
2.5.4 O Deus crucificado e os povos crucificados.....	70
2.6 O mistério da cruz de Jesus nos Exercícios Espirituais segundo Jon Sobrino.....	74
2.6.1 A centralidade da contemplação da vida de Jesus nos Exercícios.....	76
2.6.2 O Colóquio com o Crucificado na Primeira Semana.....	77

2.6.3 O seguimento de Jesus, no serviço do Reino, sob a bandeira da Cruz.....	80
2.6.4 A conflitividade da cruz no seguimento de Jesus: Duas Bandeiras .....	82
2.6.5 A concepção de Deus nos Exercícios .....	85
2.7 Conclusão .....	86
<b>3 A EXPERIÊNCIA DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E A CRUZ DE JESUS NO ITINERÁRIO DOS SEUS SEGUIDORES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO .....</b>	<b>87</b>
3.1 Introdução.....	87
3.2 “Imaginando Cristo Nosso Senhor, diante de mim, na cruz...” (EE 53) .....	88
3.2.1 O mistério da cruz de Jesus nos povos crucificados.....	89
3.2.2 Contemplar os rostos dos povos crucificados .....	91
a) A cruz dos povos originários .....	92
b) A cruz da violência contra a mulher .....	92
c) A cruz do racismo e do preconceito .....	93
d) A cruz da violência contra crianças e adolescentes .....	94
e) A cruz e o drama dos migrantes e refugiados.....	94
f) A cruz da violência contra a nossa Casa Comum.....	95
g) A cruz da violência contra as pessoas em situação de rua.....	95
h) A cruz da homofobia e da violência contra a população LGBT .....	96
3.3 “Sair do próprio amor, querer e interesse” (EE 189).....	97
3.3.1 O seguimento do Cristo, caminho de conversão .....	97
3.3.2 Trabalhar (padecer) com ele para ter parte na sua glória .....	99
3.3.3 A contemplação dos mistérios da vida de Jesus .....	103
3.3.4 A Jornada Inaciana e a Eleição.....	106
3.4 “A divindade, que parecia esconder-se na paixão, aparece e se mostra” (EE 223)	109
3.4.1 Contemplação da Paixão do Senhor e sua morte na cruz.....	109
3.4.2 Os “efeitos da Ressurreição do Senhor” e “o ofício da consolação”.....	112
3.5 Conclusão .....	115
CONCLUSÃO.....	117
REFERÊNCIAS .....	121

## INTRODUÇÃO

*“Diante de vossos olhos, ó gálatas insensatos,  
não tinha sido afixada a imagem de Jesus Cristo crucificado?”*

(Gl 3,1)

O Apóstolo Paulo afirma que a Cruz é escândalo para os judeus e loucura para os pagãos (1Cor 1,23). Os eventos em torno da paixão de Jesus revelaram-se, na vida dos seus primeiros discípulos e discípulas, um desconcertante obstáculo. Tal “desconcerto” atravessou os séculos, persiste hoje na vida das comunidades cristãs e transparece nas inúmeras tentativas da teologia de abordar a questão no mundo contemporâneo. No entanto, mesmo configurando-se como paradoxo e sinal tão contraditório, é possível afirmar seguramente que sem a cruz não haveria cristãos nem existiria a Igreja, o que torna a experiência do mistério do sofrimento, paixão e morte de Jesus na cruz – compreendida no contexto do Mistério Pascal – a experiência fundamental do cristianismo. Tal importância é percebida a partir da observação do sentido da cruz na vida de Jesus como elemento central da sua missão e, conseqüentemente, na missão e na vida da Igreja e de cada cristão.

A pesquisa cujo resultado esta dissertação apresenta nasce de uma inquietação pastoral, ao contemplar o mundo ferido e a resposta que os cristãos, seguidores e seguidoras de Jesus, podem oferecer diante dos desafios que esta realidade levanta. Duas razões principais motivaram esta investigação. A primeira delas diz respeito ao tema da cruz de Jesus, que constitui o núcleo fundamental da experiência cristã, revelando o profundo mistério da *kenosis* de Deus como manifestação do seu amor à humanidade e a toda a criação. Num mundo tão ferido de dor, de sofrimento e morte, no qual o ser humano parece ter perdido a esperança de sentido, alheio à própria dignidade e ao senso de comunhão fraterna, a cruz de Jesus continua sendo a pergunta radical sobre Deus, o homem, o universo. A segunda razão – da ordem do desejo, da busca de sentido, da busca de Deus como horizonte de significado – está no itinerário espiritual que homens e mulheres, tocados pelo mistério, desenham em seus caminhos no mundo hoje, particularmente na experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, na contemplação do mistério da cruz de Jesus.

A intenção inicial desta pesquisa era fazer o estudo do tema da cruz nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio em diálogo com a teologia de Jon Sobrino e Urs von Balthasar, considerando que têm desenvolvido uma teologia profundamente sintonizada com os desafios do mundo contemporâneo, no marco das décadas que se seguiram ao Concílio Vaticano, desenhando uma cristologia a partir de hermenêuticas distintas, porque nascidas em diferentes contextos humanos e sociais, o primeiro na Europa pós-guerra e o segundo numa América Central assentada em injustiças sociais seculares e convulsionada por longos anos de guerra civil. Ambos trazem na raiz do seu percurso espiritual a experiência dos Exercícios Espirituais e sobre eles produziram interessante reflexão, que poderiam lançar algumas luzes sobre o tema objeto desta dissertação e sua relevância teológica, pastoral e espiritual.

No decorrer da pesquisa, porém, percebemos que o objeto de estudo ganhara uma amplitude demasiado extensa. Decidimos, então, por centrar a pesquisa no diálogo com a teologia de Jon Sobrino, repensando o recorte, para situá-la no contexto da América Latina. Sendo ele um dos principais nomes da Teologia da Libertação, tem se dedicado à reflexão teológica desde o conturbado contexto social, político e religioso da América Central e desenvolveu uma teologia profundamente sintonizada com os desafios do mundo contemporâneo, no marco das décadas que se seguiram ao Concílio Vaticano II, desenhando uma cristologia a partir da hermenêutica nascida no contexto da América Central nos anos da guerra civil. Traz na raiz do seu percurso espiritual a experiência dos Exercícios Espirituais e sobre eles produziu interessante reflexão, que lança algumas luzes sobre o tema objeto desta dissertação e sua relevância teológica, pastoral e espiritual.

O objetivo principal desta dissertação é, portanto, apresentar uma reflexão acerca da contemplação do mistério da cruz de Jesus na dinâmica dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, em diálogo com o teólogo latino-americano Jon Sobrino. Para tanto, verificamos, através de uma leitura atenta da experiência proposta por Inácio de Loyola, como o mistério da cruz de Jesus se desenvolve em toda a dinâmica das quatro semanas dos Exercícios Espirituais, destacando a contemplação dos mistérios da paixão, na terceira semana, como momento culminante da experiência de identificação do exercitante com o mistério da cruz de Jesus e chave de leitura fundamental para a compreensão da dinâmica interna dos Exercícios. Para aprofundar a reflexão sobre o mistério da cruz, dialogamos com textos selecionados da cristologia de Jon Sobrino, nas leituras que propõe dos Exercícios Espirituais a partir desta chave hermenêutica. Por fim,

demonstramos a necessidade desta reflexão para contribuir com os que acompanham ou fazem a experiência dos Exercícios Espirituais no mundo de hoje, num contexto social, religioso e pastoral desafiador como o do Brasil e da América Latina, no qual a Cruz de Jesus e seu mistério revela-se tão presente.

No primeiro capítulo, com a intenção de situar o tema, apresentamos o itinerário espiritual de Santo Inácio de Loyola, no qual se destaca a gênese dos Exercícios Espirituais e o modo como chegou a se tornar um verdadeiro tesouro para a Igreja, influenciando decisivamente tantas pessoas em suas escolhas no seguimento de Jesus, nas mais variadas circunstâncias de tempos e lugares nos últimos cinco séculos. Em seguida, descrevemos como se desenvolve a dinâmica interna da experiência (Semanas), destacando o lugar central e transversal que nela tem a cruz de Jesus.

Após apresentar os Exercícios em suas linhas gerais e sua dinâmica interna, o capítulo seguinte é dedicado a um recorte hermenêutico, tomando como perspectiva o tema do mistério da cruz de Jesus, que perpassa toda a experiência inaciana. A contribuição de Jon Sobrino revela-se interessante e pertinente para o diálogo sobre o tema, pois apresenta a perspectiva de uma produção teológica cujos referenciais teóricos e recortes epistemológicos estão enraizados no chão da América Latina, que bebe, ao mesmo tempo, da fonte da espiritualidade inaciana e já produziu reflexão sobre os Exercícios Espirituais.

No terceiro capítulo, consideramos o itinerário espiritual dos seguidores de Jesus no mundo contemporâneo, mais especificamente os que fazem a experiência dos Exercícios Espirituais hoje, num contexto conturbado e conflitivo, onde a cruz de Jesus se revela no sofrimento dos mais vulneráveis. Trata-se, portanto, de considerar como a reflexão sobre a cruz pode ajudar os que propõem os Exercícios Espirituais ou acompanham pessoas na vivência de suas escolhas e decisões, no contexto de uma Igreja em saída, convidada a atuar com discernimento, frente a desafios cada vez mais exigentes.

O método de pesquisa utilizado no presente trabalho é o bibliográfico e hermenêutico. Bibliográfico porque toma como objeto da pesquisa o texto dos Exercícios Espirituais, com o auxílio de outros textos fontais da experiência inaciana e os principais comentários sobre os Exercícios. Neste sentido, é um trabalho de hermenêutica crítica interpretativa, pois, na elaboração da dissertação, recorreremos à contribuição de autores que oferecem uma interpretação sobre os Exercícios na contemporaneidade. O texto principal da pesquisa é o texto dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. Trata-se de um olhar interpretativo dos EE à luz do tema do mistério da cruz de Jesus, à

luz da reflexão de um teólogo contemporâneo que oferece uma leitura dos Exercícios, debruçando-nos mais detidamente na interpretação dos eventos da Paixão de Jesus na experiência inaciana.

O objetivo desta dissertação – é preciso lembrar – não é apresentar a teologia de Jon Sobrino nem propor um estudo exaustivo de suas obras fundamentais. Trata-se de um recorte bem definido, a partir da seleção de alguns dos seus textos que podem contribuir no tratamento do tema, a saber: o mistério da cruz de Jesus nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola.

# 1 O MISTÉRIO DA CRUZ DE JESUS NOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS

## 1.1 Introdução

Na dinâmica interna dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, a cruz de Jesus ocupa um lugar essencial, considerando que esta constitui o núcleo central da experiência da cristã, alicerçada no mistério pascal.

O objetivo deste primeiro capítulo é mostrar como a cruz de Jesus está presente no texto dos Exercícios. Trata-se de explicitar como, na dinâmica das etapas em que se desenvolve a experiência, a cruz tem um papel fundamental no processo de conversão do exercitante, que, chamado ao serviço do Reino, toma a sua decisão – eleição – de colocar-se “sob a bandeira da cruz”, na busca de identificar-se com o Cristo.

Num primeiro momento, vamos traçar brevemente o itinerário da própria história de Inácio de Loyola, apresentando como a cruz de Jesus aparece em momentos chave de sua experiência de Deus. Em seguida, a partir da análise do texto dos Exercícios Espirituais, faremos uma descrição das etapas que compõem a experiência, destacando o lugar que a cruz ocupa no processo vivido pelo exercitante.

O método de abordagem desta temática será o estudo bibliográfico. A partir de bibliografia selecionada, com estudos de destacados comentadores dos Exercícios, além de outras obras de referência em espiritualidade inaciana, faremos uma análise da ocorrência do tema da cruz de Jesus no texto e a sua importância na dinâmica desta experiência que se tornou um tesouro para a Igreja, influenciando decisivamente tantas pessoas em suas escolhas no seguimento de Jesus, nas mais variadas circunstâncias de tempos e lugares nos últimos cinco séculos.

## 1.2 Inácio de Loyola

Nascido em 1491, em Azpeitia, na província de Guipúzcoa, Espanha, no seio de uma família de nobres bascos, Inácio de Loyola passou os primeiros anos de sua vida na casa de sua ama-de-leite, pois perdera a mãe pouco depois de nascer. Ainda adolescente, deixou a sua terra natal e foi morar em Arévalo, onde foi pajem do contador-mor do Reino. Aos vinte e cinco anos, começa a servir como gentil-homem na corte do vice-rei

de Navarra, o Duque de Nájera, a serviço do qual partiu para o combate contra os franceses, quando, no dia 20 de maio de 1521, uma bala de canhão mudaria completamente a trajetória de sua vida. Assim começa o relato de sua *Autobiografia*: “Até os vinte e seis anos de idade, foi homem dado às vaidades do mundo e deleitava-se sobretudo no exercício das armas, com um grande e vão desejo de honra”<sup>1</sup>. Na batalha em Pamplona, “uma bombarda acertou-lhe numa perna e partiu-a toda e, como a bala passou entre as pernas, também a outra ficou bastante ferida”<sup>2</sup>.

Forçado a ficar meses de convalescença na casa de sua família, em Loyola, não havendo na casa romances de cavalaria ou outra literatura que pudesse agradar o cavaleiro ferido, sua cunhada põe-lhe à disposição livros piedosos, como *A Vida de Cristo*, de Ludolfo da Saxônia e a *Lenda Áurea*, um compêndio de relatos sobre as vidas de santos. Contrariando o que se podia esperar, Inácio sente-se atraído e muito envolvido por aquelas leituras, que acabam por despertar nele questionamentos que o levarão a empreender um caminho de ressignificação de sua vida, seus sonhos e desejos mais profundos.

A batalha interna travada por Inácio adquire contornos dramáticos. Vaidoso, ambicionava uma carreira de sucesso na corte, inclusive cultivando sonhos de conquistar uma nobre dama, uma “senhora que não era de vulgar nobreza: nem condessa nem duquesa, mas o seu estado era mais alto que qualquer destes”<sup>3</sup>. Segundo seu próprio relato, quando já havia passado mais de um mês de haver quebrado a perna, ele se deu conta de que “os ossos da perna estavam mal soldados uns nos outros, ficando a perna mais curta e feia”<sup>4</sup>, decidiu se submeter a nova cirurgia, padecendo dores mais atrozes do que sofrera quando lhe quebraram a perna. E tudo isso porque não queria resignar-se à deformidade, “pois estava determinado a seguir no mundo... decidi martirizar-se por sua própria vontade”<sup>5</sup>. Tellechea Idíogras tece um comentário bastante pertinente sobre este episódio: “Inácio, que só pensava em reencaixar os ossos de seu joelho destroçado, acabou reencaixando os pedaços dispersos de sua alma e de sua personalidade esquartejada”<sup>6</sup>.

---

<sup>1</sup> INÁCIO DE LOYOLA, Santo. *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2ª ed. 2015. p. 35.

<sup>2</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 36.

<sup>3</sup> *Ibid.*, p. 40.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 37

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 38.

<sup>6</sup> IDÍOGRAS, José Ignacio Tellechea. *Inácio de Loyola, sozinho e a pé*. São Paulo: Loyola, 1991, p. 78.

O período de convalescença do cavaleiro ferido vai se revelar como um verdadeiro *kairós*, um tempo de profunda manifestação da força de Deus na sua vida, resultando num profundo conhecimento da ação divina no caminho do crescimento do ser humano, que dará origem aos *Exercícios Espirituais*, de modo particular em dois dos seus fundamentos, “o discernimento e a eleição, que constituem o núcleo primeiro dos *Exercícios*”<sup>7</sup>. Sobre esta experiência acerca da ação de Deus na história e nas circunstâncias da vida concreta de um homem, escreve Pedro de Leturia:

A coisa maravilhosa é o que aprendeu nesta experiência de Loyola. Essa descoberta por sua introspecção pessoal, sem ajuda externa, foi o forte golpe da graça. Do caminho militar, da coragem cavaleiresca, do mundo da vaidade ele foi conduzido à vida dos santos; por meio do sabor e alegria interna... Ele começou a maravilhar-se com a diversidade dos espíritos e refletia sobre eles, percebendo por experiência que alguns pensamentos o deixavam triste e outros alegre, e gradualmente, veio a reconhecer a diversidade dos espíritos que o agitavam, um do diabo e o outro de Deus. Aquela luta secreta entre Deus e o inimigo da natureza humana que falavam os seus livros, também estava acontecendo em seu interior...<sup>8</sup>

Assim, nesta experiência, Inácio de Loyola vai, aos poucos, tomando consciência do seu mundo interior, com seus dilemas, conflitos e descobertas. Seus olhos iam-se abrindo e ele deixava-se guiar pelo Espírito de Deus, percebendo os seus movimentos: “Inácio seguia o Espírito. Não se adiantava a ele. Deste modo era conduzido com suavidade para o desconhecido... pouco a pouco, o caminho se abria e ele o percorria, sabiamente ignorante, com o coração posto simplesmente em Cristo”<sup>9</sup>. No seu itinerário humano e espiritual, perscruta os sinais e discerne o caminho a seguir, deixando-se levar pelo Espírito. Desse modo, através do exercício da imaginação e da aplicação dos sentidos, vai descobrindo os critérios de discernimento dos espíritos, entre os quais se destaca a alegria que Deus concede:

É próprio de Deus e dos seus anjos dar verdadeira alegria e gozo espiritual com suas moções, tirando toda tristeza e perturbação induzidas pelo inimigo. Deste é próprio combater essa alegria e

---

<sup>7</sup> RAHNER, Hugo. *Génesis y teología del libro de los ejercicios*. Madrid: Apostolado de la Prensa, 1966, p. 9.

<sup>8</sup> LETURIA, Pedro de. *El gentilhomme Inigo Lopez de Loyola em su pátria y em su siglo*. 2ª ed. Barcelona: Labor, 1949, p. 180.

<sup>9</sup> NADAL, Jeronimo *apud* PAIVA, Raul. *O discernimento: pessoal, em família, em comunidade*. São Paulo: Loyola, 2000, p.15.

consolação espiritual, trazendo razões aparentes, sutilezas e frequentes enganos (EE 329).<sup>10</sup>

Animado com a descoberta e fundamentado nesta leitura dos movimentos do Espírito em sua alma, Inácio faz a sua eleição, a sua escolha. Entre o rei temporal e o Rei Eterno, entre servir a uma “alta dama da corte” e servir a Nossa Senhora, entre o mundo e Deus, escolhe o caminho que vai lhe trazer alegria consistente e duradoura ao invés de tristeza, consolação no caminho do serviço ao reino e não a desolação da escravidão do mundo. Uma vez tomada esta decisão, sente-se confirmado por uma visão que tem numa noite de insônia:

Estando uma noite desperto, viu claramente uma imagem de Nossa Senhora com o santo Menino Jesus, com a qual recebeu, durante bastante tempo, uma grandíssima consolação, e ficou com tal asco de toda a vida passada, e especialmente de coisas da carne, que lhe parecia terem desaparecido da alma todas as imagens que antes nela tinha impressas.<sup>11</sup>

O processo de conversão de Inácio nos meses que passou convalescente em Loyola, pode ser caracterizado por quatro etapas, segundo Jean-Claude Dhôtel:

1) É seduzido por Cristo e pelos santos. A imagem de Jesus que, logo de entrada, é-lhe oferecida, é a do *prestigioso chefe* que convida os homens para entrarem a seu serviço: uma espécie de fascinação semelhante à que o pequeno pajem deve haver experimentado quando chegou à corte de Arévalo. 2) É seduzido pelo aspecto heroico deste serviço: fazer grandes coisas e realizar difíceis empresas para *destacar-se* ante este novo rei, imitando o cavaleiro que deseja realizar proezas. 3) Enquanto se entrega à sua fantasia, toma consciência da necessidade de fazer uma *eleição*, porque é impossível perseguir dois sonhos ao mesmo tempo: seguir radicalmente a Cristo e conquistar os favores de uma dama. É a primeira experiência de *discernimento espiritual*. 4) Mas compreende, além disso, que é impossível seguir a Cristo sem tender a parecer-se com ele. A conversão não é uma “flechada” ou um súbito enamoramento. A iluminação de Loyola pôs especialmente em relevo as trevas de sua vida. O caminho que terá de empreender será o da *penitência*; mas uma penitência suportada com alegria, a fim de realizar coisas grandes, a fim de fazer-se digno de servir a Jesus Cristo.<sup>12</sup>

Tomou a decisão de peregrinar a Jerusalém. Dedicou-se por vários dias a escrever um livro com “um resumo das coisas mais essenciais da vida de Cristo e dos santos...

<sup>10</sup> INÁCIO DE LOYOLA, Santo. *Exercícios Espirituais*: apresentação, tradução e notas do Centro de Espiritualidade Inaciana de Itaici. São Paulo: Loyola, 2000. p. 127. Nota: nesta dissertação, as citações referentes aos Exercícios Espirituais serão indicados no corpo do texto, com a abreviação EE (Exercícios Espirituais), seguida do número correspondente.

<sup>11</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015. p. 43.

<sup>12</sup> DHÔTEL, Jean-Claude. *Qui es-tu, Ignace de Loyola?* Paris: Vie Chrétienne, 1981, p. 71.

Parte do tempo gastava-o a escrever, outra parte à oração”<sup>13</sup>. Ao sentir que já estava recuperado, despediu-se dos seus e tomou o caminho para a Abadia beneditina de Montserrat, de onde pretendia partir para a Terra Santa. Aí passou três dias em oração e fez a sua confissão geral. Ao fim desta estadia, entregou como doação a sua montaria para o serviço do mosteiro, pendurou sua espada e seu punhal na grade do altar de Nossa Senhora e despojou-se das suas roupas de nobre, presenteando-as a um mendigo. Vestiu-se com a rude túnica de penitente e, na véspera da Festa da Anunciação, passou a noite em vigília diante do altar da Virgem, ora de joelhos, ora de pé, apoiado ao seu bordão de peregrino. “Partiu logo ao amanhecer, para não ser reconhecido, e foi não pelo caminho direto de Barcelona... mas desviou-se para um povoado chamado Manresa”<sup>14</sup>. Permaneceu nesta cidade de março de 1522 a fevereiro de 1523.

Durante o período de quase um ano que passou na cidade, Inácio vivia de esmolas e dedicava-se à penitência, ao jejum e à oração, além de conversas espirituais com pessoas do lugar. Segundo Pedro de Leturia, “aqueles meses em Manresa, chamados, posteriormente, de sua igreja primitiva, são efetivamente a nova base de sua santidade e o novo ponto de partida para entender o seu espírito, a verdadeira gênese dos seus *Exercícios Espirituais...*”<sup>15</sup>. O Peregrino recorda os movimentos do seu coração no início daquela experiência:

E neste caminho aconteceu-lhe uma coisa que será bom escrever-se, para que se entenda como Nosso Senhor dirigia esta alma que ainda estava cega, ainda que com grandes desejos de o servir em tudo o que visse ser o seu serviço. E assim determinava fazer grandes penitências, não considerando já tanto satisfazer pelos seus pecados, mas para agradar a Deus. E assim, quando se lembrava de fazer alguma penitência que os santos tinham feito, propunha-se fazer a mesma e mais ainda. E nestes pensamentos tinha toda a sua consolação, não olhando a nenhuma coisa interior, nem sabendo o que era humildade, nem caridade, nem paciência, nem discricção para regular ou medir estas virtudes, senão toda a sua intenção para fazer grandes obras exteriores, pois também os santos as tinham feito para a glória de Deus.<sup>16</sup>

Inácio reconhece que é movido por grandes desejos de santidade. Percebe que é movido por Cristo. Ao mesmo tempo, porém, observa duas coisas importantes acerca do momento espiritual que vivia ao começar a trilhar o seu caminho de conversão: em

<sup>13</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 44-45.

<sup>14</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 56.

<sup>15</sup> LETURIA, 1949, p. 285.

<sup>16</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 51.

primeiro lugar nota a cegueira de sua alma, incapaz de perceber que as obras exteriores dos santos não eram outra coisa senão a manifestação de suas virtudes interiores de humildade, caridade e paciência – e quando não existem estas virtudes, corre-se o risco de cair num simples arremedo de imitação dos santos, na vanglória ou soberba espiritual; em segundo lugar, o Peregrino observa a sua falta de “discrição”, de discernimento, exemplificada em muitas situações testemunhadas na *Autobiografia*:<sup>17</sup> indiscrições, apegos à própria imagem, perfeccionismo, escrúpulos e até pensamentos suicidas<sup>18</sup>. Os meses de sua permanência em Manresa podem dividir-se em três períodos: “o primeiro, que segundo Laínez durou de março a julho de 1522, vivendo num mesmo estado interior, com uma grande igualdade e alegria; o segundo, de julho a outubro, de escrúpulos e lutas; e o terceiro, de outubro a fevereiro de 1523, de grandes ilustrações e dons interiores”.<sup>19</sup>

Depois de experimentar muitos e diversos momentos de conflitos interiores, nos quais se alternavam períodos de consolação e desolação, agitação espiritual e paz interior, uma experiência mística marcou profundamente o peregrino, trazendo-lhe a pacificação do espírito que tão ansiosamente buscava, e ficou conhecida como a “Iluminação do Cardoner”, pois ele a viveu às margens do rio que leva esse nome. Uma ocasião, quando Inácio se dirigia à Igreja de São Paulo Eremita, sentou-se com o rosto voltado para o rio. A *Autobiografia* assim descreve a experiência:

E estando ali sentado, começaram-se a abrir-se-lhe os olhos do entendimento; e não que tivesse alguma visão, senão entendendo e conhecendo muitas coisas, tanto de coisas espirituais, como de coisas da fé e das letras. E isto com uma ilustração tão grande, que todas as coisas lhe pareciam novas. E não se podem declarar os particulares que então entendeu, ainda que foram muitos, senão que recebeu uma grande claridade no entendimento, de tal modo que, em todo o decurso de sua vida, até aos sessenta e dois anos, coligindo todas as ajudas recebidas de Deus, e toda as coisas que soube, ainda que as junte todas, não lhe parece ter alcançado tanto como daquela só vez. Nisto ficou com o entendimento de tal modo ilustrado, que lhe parecia como se fosse outro homem e tivesse outro entendimento diferente do que tinha antes.<sup>20</sup>

Considerada um marco fundamental no itinerário espiritual do Peregrino, trata-se de uma experiência mística que englobou, numa espécie de síntese, as realidades de “coisas espirituais” e de “coisas da fé e das letras”, que o fez perceber “a relação entre os mistérios da fé (Trindade, criação, eucaristia, Encarnação) e a finalidade do mundo

<sup>17</sup> DHÔTEL, 1981, p. 83.

<sup>18</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 60.

<sup>19</sup> *Ibid.*, p. 61.

<sup>20</sup> *Ibid.*, p. 75.

naquele primeiro quarto do século XVI; o lugar do homem no universo e o sentido de sua própria existência na criação ordenada de Deus.”<sup>21</sup> Esta iluminação certamente estará refletida na meditação que abre os *Exercícios Espirituais*, a do Princípio e Fundamento (EE 23), apresentando o horizonte de sentido da vida no universo. O ser humano não é parte de um mundo estático, onde tudo está ordenado, rigidamente preestabelecido em regras imutáveis, mas integrado no movimento da criação, para crescer na liberdade, escolhendo o que melhor o conduz ao fim para o qual é criado, seguindo o caminho aberto por Cristo para libertar o mundo. O desejo de ser servidor deste desígnio começa a ganhar corpo no coração de Inácio, quando, prostrado ao pé da cruz nas cercanias do rio, agradece a Deus por tão arrebatadora experiência.

É neste momento do relato do peregrino que a cruz de Jesus aparece como “um critério de discernimento dos espíritos”<sup>22</sup>. Inácio narra uma visão, no início perturbadora mas que se revela esclarecedora da dinâmica do mau espírito, enganador:

E depois de isso ter durado um bom espaço, foi prostrar-se de joelhos diante de uma cruz que estava ali perto, a dar graças a Deus, e ali lhe apareceu a visão que muitas vezes lhe aparecia e nunca a tinha conhecido, a saber, aquela coisa que antes se disse que lhe aparecia muito bonita, com muitos olhos. Mas bem viu, estando diante da cruz, que aquela coisa não tinha uma cor tão bonita como era costume. E teve um conhecimento muito claro, com grande assentimento da vontade, que aquele era o demônio.<sup>23</sup>

A encantadora e fascinante visão que visitava o peregrino desde o início de sua estadia em Manresa – “via uma coisa no ar, junto de si, a qual lhe dava muita consolação, porque era sobremaneira formosa... parecia-lhe que era uma serpente, e tinha muitas coisas que brilhavam como olhos...”<sup>24</sup> – era “desmascarada” ali, diante da cruz, como explicita Stefen Kiechle:

Na Autobiografia, a cruz ocupa um lugar significativo: a visão serpentina, que nos inícios proporcionava ao peregrino de Manresa, muita satisfação e consolo, teve, mais tarde, “estando diante da cruz”, claro conhecimento de que aquela falsa visão “era o demônio”. Aqui, a cruz, sob a figura de um simples crucifixo (del Tort) se converte em

---

<sup>21</sup> DHÔTEL, 1981, p. 86.

<sup>22</sup> KIECHLE, Stefan. Cruz. In: CASTRO, José Garcia de (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana: A-F*. Madrid: Mensajero, Sal Terrae, 2007. v. 1, p. 508.

<sup>23</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 76.

<sup>24</sup> *Ibid.*, 2015, p. 60.

critério de discernimento de espíritos: diante da cruz o demônio revela a sua verdadeira face, pondo-se a descoberto.<sup>25</sup>

No relato, Inácio não apresenta mais detalhes de como chegou a este entendimento. A rapidez com que aquela falsa consolação desapareceu no confronto com a cruz de Jesus parece ser a explicação para a lucidez do peregrino, considerando que “só procede do espírito de Deus a consolação que se mantém diante da visão do crucificado, ou seja, sob o aspecto de dor e renúncia, sendo garantida e ainda mais aprofundada, por sua mortificação, em seu sentido etimológico”<sup>26</sup>.

Muitos anos depois, quando descreve o tempo que passou em Manresa, Inácio afirma que “Deus o tratava como um mestre escola trata a um menino que ensina. Isto sucedia por sua rudeza e dura inteligência”<sup>27</sup>. De fato, ele vai aprendendo a conviver conscientemente com a presença de Deus. Começa a perceber que “somente pela relação viva com Cristo é possível servir a Deus de maneira correta e deixar-se guiar por Ele”<sup>28</sup>. Deus vai lhe mostrando um novo modo de viver, ensinando-lhe a ser um contemplativo na ação. Ele aprende, então, a “buscar e encontrar Deus em todas as coisas”<sup>29</sup>, o que “reflete a nova maneira de olhar a criação: as coisas são expressão do amor de Deus... este amor convida o ser humano a descobrir a criação como lugar de encontro com Ele e alimentá-lo através da contemplação ativa *por e em Deus*”<sup>30</sup>.

Tendo vivido este período forte de iluminações, das quais a do Cardoner foi a manifestação mais intensa, Inácio experimentou em si uma mudança significativa. A partir de então abandona os exageros em jejuns e penitências, cuida melhor da saúde e da aparência, alimentando-se, abrigando-se e vestindo-se melhor. Passa a dedicar muito do seu tempo a conversas espirituais com as pessoas da cidade, compartilhando a sua experiência: “... depois que começou a ser consolado por Deus, e viu o fruto que fazia no trato com as almas, deixou aqueles excessos que antes praticava e já cortava as unhas e o cabelo”<sup>31</sup>. As consolações na oração e o fruto apostólico das conversas espirituais o motivam nessa mudança: “E neste tempo, havia muitos dias que era muito ávido de

---

<sup>25</sup> KIECHLE, 2007, p. 508.

<sup>26</sup> KIECHLE, 2007, p. 508

<sup>27</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 63.

<sup>28</sup> WITWER, Anton. Contemplativo en la acción. In: CASTRO, José García de (Dir.). *Diccionario de espiritualidad ignaciana*: A-F. Madrid: Mensajero Sal Terrae, 2007. v.1, p. 460.

<sup>29</sup> Inácio de Loyola, Santo. *Constituições da Companhia de Jesus anotadas pela Congregação geral XXXIV: normas complementares aprovadas pela mesma congregação*. São Paulo: Loyola, 2004, p.110.

<sup>30</sup> WITWER, 2007, p. 462.

<sup>31</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 72.

conversar sobre coisas espirituais, e de encontrar pessoas que fossem capazes delas. Ia chegando o tempo que ele tinha pensado para partir a Jerusalém”.<sup>32</sup> Um “novo” Inácio prepara-se para deixar a cidade. Já não lhe interessa a solidão da Cartuxa, ideia que lhe havia ocorrido nos tempos de convalescença em Loyola. Agora o seu desejo é ajudar os outros, servir a Cristo e à sua Igreja, embora ainda não visse com clareza como fazê-lo. Numa manhã de fevereiro de 1523, despediu-se dos amigos de Manresa e partiu rumo à Cidade Santa, movido pelo desejo de viver a experiência de pisar o chão que o próprio Cristo havia pisado.

Depois de onze meses de muitas tribulações, conseguiu finalmente realizar o sonho de chegar a Jerusalém: “E vendo a cidade, teve o peregrino grande consolação; o seu firme propósito era ficar em Jerusalém, visitando sempre aqueles lugares santos, e tinha também o propósito de ajudar as almas”.<sup>33</sup> O peregrino, porém, não teve permissão para permanecer. A sua estadia na cidade durou apenas vinte dias. Teve que empreender a viagem de volta, sob protestos, mas firmemente decidido a voltar um dia, para ficar, se esta fosse a vontade de Deus.

O desejo de “ajudar as almas” permanece firme no coração de Inácio. Entusiasmado com as maravilhas realizadas por Deus em sua vida, retoma o seu hábito das conversas espirituais, compartilhando a sua experiência com as pessoas. Mas foi repreendido duramente por algumas autoridades eclesíásticas pelo fato de estar pregando sem ter estudado teologia, tendo sido, inclusive, preso e interrogado pela Inquisição. Depois desta experiência de perseguição, e movido pelo desejo de ser fiel à Igreja, ele toma a firme decisão de estudar. O peregrino “estuda primeiro Gramática em Barcelona durante dois anos (1525-1526); em seguida, vai à Universidade de Alcalá (1526-1527), depois Salamanca (julho a setembro de 1527) e Paris (1528-1535), onde recebe o título de Mestre em Artes em 14 de março de 1535”<sup>34</sup>.

Em linhas gerais, pode-se distinguir três períodos na vida de Inácio: 1) os trinta primeiros anos até a sua conversão no leito convalescente de Loyola (1491-1521); 2) de sua conversão até a fundação da Companhia (1521-1539), período de dezoito anos de buscas e peregrinações, tanto externas como internas, durante os quais se identifica com a figura do peregrino; do ponto de vista espiritual, esta etapa culmina na experiência de *La Storta*, às portas de Roma (novembro de 1537), onde se sente confirmado a seguir Jesus carregando a sua cruz; 3) como Geral

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 79.

<sup>33</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 95.

<sup>34</sup> CACHO, Ignacio. Ignacio de Loyola. In: CASTRO, José García de (Dir.). *Diccionario de espiritualidad ignaciana*: G-Z. Madrid: Mensajero Sal Terrae, 2007. v.1, p. 976.

da Ordem, até o fim da sua vida (1556), dezessete anos, nos quais quase não sai de Roma, deslocando-se, porém, através de seus companheiros, que se dispersam pelos cinco continentes<sup>35</sup>

A segunda etapa do itinerário espiritual de Inácio, como aludido no resumo acima, culmina na famosa “Visão de La Storta”, considerada uma das experiências fundamentais no edifício da espiritualidade inaciana, juntamente com a “Ilustração do Cardoner”, em Manresa. Tal experiência teve lugar em novembro de 1537, quando Inácio se dirigia a Roma, com os companheiros Pedro Fabro e Diego Laínez, com a intenção de se colocarem à disposição do Papa. Os demais companheiros seguiam para o mesmo destino, divididos em grupos. Inácio já se havia ordenado sacerdote em Veneza alguns meses antes e se preparava para celebrar a primeira Missa. Desde então, rogava insistentemente à Virgem “que o quisesse por com o seu Filho”<sup>36</sup>. Foi então que, estando quase a chegar a Roma, fazendo oração numa capela num lugarejo conhecido como La Storta, o peregrino “sentiu tal mudança na sua alma, e viu tão claramente que Deus Pai o punha com Cristo, seu Filho, que não lhe seria possível duvidar disto, senão que Deus Pai o punha com o seu Filho”.<sup>37</sup>

Diego Laínez relatou, anos mais tarde, o que o peregrino lhe confidenciara na ocasião:

Parecia-lhe que Deus Pai lhe imprimia no coração estas palavras: “eu vos serei propício em Roma”; e não sabendo o Nosso Padre o que queriam significar estas palavras, dizia: “Eu não sei o que será de nós; talvez sejamos crucificados em Roma”. Depois, uma outra vez, disse que lhe parecia ver Cristo com a cruz às costas e o Pai Eterno junto d’Ele que lhe dizia: “quero que tu tomes este por teu servidor”. E assim Jesus o tomava e dizia: “Quero que tu nos sirvas”. E com isto, tomando grande devoção ao nome de Jesus, quis que a Congregação fosse chamada Companhia de Jesus.<sup>38</sup>

A partir desta arrebatadora visão do peregrino, a cruz de Jesus toma lugar central no seu caminho espiritual e, conseqüentemente na dinâmica dos Exercícios Espirituais e na configuração da Companhia de Jesus, que ali começava a nascer. Ao contemplar Jesus, com a cruz às costas, acolhendo-o como companheiro, compartilhando de seus trabalhos e penas, Inácio relata na Autobiografia que via em Roma “as janelas fechadas, querendo

---

<sup>35</sup> CACHO, 2007, p. 976.

<sup>36</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 176.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 177.

<sup>38</sup> *Ibid.*, p. 177-178. Nota 30.

dizer que havia que ter ali muitas contradições”<sup>39</sup>. Kiechle assim traduz esta afirmação do peregrino:

Aqui, no umbral da fundação da ordem, Inácio vê que sobrevirão a ele e aos seus companheiros dificuldades, contradições, em uma palavra, a cruz. Sob o ponto de vista histórico, esta suspeita se confirmou: Roma se converte em lugar de provas e ataques contra a incipiente Companhia; mas, graças às “cruzes”, também em lugar de crescimento e ação frutífera.<sup>40</sup>

### 1.3 Os Exercícios Espirituais

Os *Exercícios Espirituais* foram gestados ao longo da experiência de Deus vivida por Inácio, começando na experiência de convalescença em Loyola e prosseguindo na experiência de Manresa e nos anos seguintes. À pergunta de Gonçalves da Câmara, a respeito dos *Exercícios*, Inácio respondeu “que não os tinha escrito todos de uma vez, mas algumas coisas que ele observava em sua alma e as achava úteis a si e lhe parecia poderem ser úteis aos outros, as punha por escrito...”<sup>41</sup>. A *Autobiografia* é uma fonte preciosa para entender a gênese dos Exercícios. Jerônimo Nadal insistia que Inácio “expusesse o modo como Deus o dirigia”,<sup>42</sup> pois “considerava a *Autobiografia* como pilar necessário para fundar a Companhia de Jesus solidamente em seu espírito”.<sup>43</sup> Por isso, não se pode estudar o livro dos *Exercícios Espirituais* a não ser no mesmo espírito em que foi escrito: a partir da experiência humana e espiritual de Inácio de Loyola.

O Peregrino experimentou a graça de Deus para buscá-lo e encontrá-lo em todas as coisas. O método dos *Exercícios Espirituais* foi assim desenvolvido para ajudar muitas pessoas a experimentar esta graça, este modo de ser contemplativo na ação, ou melhor, este novo modo de proceder no Senhor. A profunda e intensa experiência de Deus que marcou o itinerário espiritual de Inácio, ele a sistematizou, através de um trabalho minucioso ao longo de aproximadamente vinte anos, que resultou no livro dos *Exercícios Espirituais*, e o colocou à disposição de todos os que se sentiam impulsionados pelo

---

<sup>39</sup> *Ibid.*, p. 178.

<sup>40</sup> KIECHLE, 2007, p. 508.

<sup>41</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 178.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>43</sup> JURADO, Manuel Ruiz. *Jerónimo Nadal: el teólogo de la gracia de la vocación*. Madrid: BAC, 2011. p. 69.

desejo de “buscar e encontrar a vontade de Deus na disposição de sua vida” (EE 1).<sup>44</sup> Assim como se sentiu conduzido por Deus na sua vida espiritual – “Deus tratava-o como um mestre-escola trata uma criança, ensinando-o”<sup>45</sup> – Inácio acompanhou a muitos no caminho do crescimento espiritual, tornando-se um verdadeiro mistagogo, ao deixar à disposição de todos um instrumento que, ao longo dos últimos séculos, tornou-se um verdadeiro tesouro para a Igreja, influenciando a vida de milhões de pessoas, das categorias mais diversas, desde anônimos fieis a eminentes papas e tantos santos e santas da Igreja<sup>46</sup>.

As palavras que abrem o livro dos *Exercícios Espirituais*, na 1ª Anotação, explicitam os seus objetivos: “preparar e dispor a alma para tirar de si todas as afeições desordenadas e, afastando-as, procurar e encontrar a vontade divina, na disposição da vida para a salvação da alma” (EE 1). Numa carta escrita em 16 de novembro de 1536, ao Pe. Manuel Miona, que havia sido seu confessor em Paris, Inácio fala da importância dos *Exercícios* para a vida espiritual e para o apostolado, tentando convencê-lo para que os praticasse: “os *Exercícios* são tudo de melhor que eu possa pensar, sentir e entender nesta vida, assim como para o homem ajudar a si mesmo, para poder crescer e ajudar os outros”<sup>47</sup>. Era grande o apreço que tinha Inácio pelo livro dos Exercícios. No prólogo da *Autobiografia*, Pe. Nadal declara: “Inácio desejava que Deus lhe concedesse três graças antes de morrer: a primeira, que o Instituto da Companhia fosse confirmado pela Sé Apostólica; a segunda, que fossem aprovados os *Exercícios Espirituais*; a terceira, que pudesse escrever as *Constituições*”<sup>48</sup>. É importante, portanto, que consideremos com atenção e reverência o que contém o livro do Exercícios, a metodologia consignada pelo Peregrino como caminho de encontro com Deus.

#### 1.4 O mistério da cruz de Jesus nos Exercícios Espirituais

Homem profundamente sintonizado com a realidade do seu tempo, Inácio de Loyola viverá uma espiritualidade especialmente marcada pela Cruz e a Paixão de Jesus.

---

<sup>44</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 10.

<sup>45</sup> *Ibid.*, p. 70.

<sup>46</sup> Ignacio Iparraguirre afirma, na Introdução que faz ao Livro dos Exercícios Espirituais: “São Francisco de Sales, que morreu em 1622, dizia que o livro dos Exercícios Espirituais já havia operado mais conversões do que as letras que contém”. In.: SANTO INÁCIO DE LOYOLA, *Obras Completas*, Madrid, BAC, 1991, p.182.

<sup>47</sup> IPARRAGUIRRE, Ignacio. *Obras completas de San Ignacio de Loyola*. Madrid: BAC. 1991, p. 736.

<sup>48</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 21.

A incorporação dos Mistérios da Paixão no itinerário místico proposto nos Exercícios Espirituais se apoia claramente na importante devoção da baixa Idade Média em torno da Humanidade de Cristo. As contemplações dos mistérios da Vida de Cristo propostas ao longo dos Exercícios constituem o coração da piedade medieval. A respeito disso, o Pe. Kolvenbach comenta:

O acesso ao Pai, seguindo a tradição da *devotio moderna*, Inácio o encontra nos acontecimentos e nos gestos de Jesus, descobrindo neles outras tantas teofanias, crendo que todas as cenas da vida de Jesus são outros tantos mistérios que falam e revelam o mistério do próprio Deus.<sup>49</sup>

A Paixão de Cristo e sua cruz foi, indubitavelmente, um tema que atravessou toda a vida de Inácio de Loyola. O sofrimento por Cristo e o desejo de incorporar-se à sua dor e sua cruz por amor a Ele está presente tanto no seu processo pessoal, narrado na *Autobiografia* (imitar os santos em seus exercícios de paixão; as visões de Cristo em Jerusalém; visão de Cristo com a cruz às costas - La Storta)<sup>50</sup>, como no itinerário mais sistemático que propõe nos *Exercícios Espirituais*.

Inácio concebe a cruz em sentido plenamente soteriológico:<sup>51</sup> graças à paixão e à cruz “se paga a culpa”, triunfando sobre o mal e, em consequência, sobre a morte. A linguagem teológica de Inácio se mantém nisto tradicional e escolástica. Cristo, em sua entrega à cruz por nós levou a termo a obra da redenção. Nós, seres humanos, quando assumimos nossa cruz, somos assumidos e fazemos parte de sua obra salvadora. Para Inácio, esse seguimento da cruz se realiza, antes de tudo, no trabalhoso labor apostólico. O cristão ou jesuíta “é posto” com o portador da cruz, como na visão de La Storta - “...sentiu tal mudança na sua alma, e viu tão claramente que Deus Pai o punha com Cristo, seu Filho, que não lhe seria possível duvidar disto, senão que Deus o punha com o seu Filho”<sup>52</sup> – ou recebido sob o estandarte de Cristo, conforme a meditação da Duas Bandeiras (EE 136-148)<sup>53</sup>. Todo ascetismo fica relegado à trama e à proximidade ao crucificado, vivida na Terceira Semana dos *Exercícios*, e determina a compreensão da cruz.

<sup>49</sup> KOLVENBACH, Peter-Hans. *Decir... al “indecible”*: Estudios sobre los Ejercicios Espirituales de San Ignacio. Bilbao: Mensajero, 1999. p. 70.

<sup>50</sup> *Ibid.*, p. 177.

<sup>51</sup> KIECHLE, 2007, p. 509.

<sup>52</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2015, p. 177

<sup>53</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000. p. 62-65.

O conceito de “representação” ajuda a compreender teologicamente a concepção inaciana da cruz: Inácio repete várias vezes que Cristo padece na cruz por nós e nós padecemos uns pelos outros na cruz: “Considerar como ele padece tudo isto por meus pecados, e o que devo eu padecer por ele” (EE 197).<sup>54</sup> “Representação” não pode significar que um *substitui* a ação de outro, de modo que este já não tenha mais nada a fazer a não ser cruzar os braços. Neste caso, o mal já haveria desaparecido totalmente do mundo pela obra redentora de Cristo, e aos seres humanos não restaria nada a fazer, coisa que está muito distante da realidade. “Representação” deve significar que cada ser humano, ao assumir as suas penas, faz-se solidário com a dor do outro, fazendo juntos o caminho; que um leva o peso do outro, em recíproco intercâmbio (EE 231);<sup>55</sup> que um, ao aceitar o sofrimento, prepara o caminho ao outro, para que lhe seja mais leve e suportável a carga que lhe tocou carregar. O que conta não é a eficiência nem o resultado do trabalho, mas somente a qualidade do amor. “Representação” deve ser entendida de maneira estritamente pessoal como a ajuda, aceitação e apoio mútuos. O peso a levar não diminui por isso, mas se faz mais leve e suportável na reciprocidade da ação compartilhada. Neste sentido, Cristo padece na cruz em representação nossa, e nós seres humanos, ao segui-lo, somos aceitos na representação de Cristo, padecendo com ele, um para o outro<sup>56</sup>.

A teologia tradicional, ao falar de “expição”, supõe um Deus pai vingativo que exige de seu filho o sofrimento da cruz como vítima expiatória para aplacar assim sua ira contra o pecado. No entanto, não encontramos a palavra “expição” em Inácio. Este conceito teológico de expiação seria para ele tão inaceitável como para nossa sensibilidade espiritual atual. Como podemos expressar a ação da *Via Crucis* em nossa linguagem sempre inadequada? Na cruz, o pecado é transformado em seu contrário, o amor. Aquele que sofre suporta as consequências do pecado, até anulá-las. Não basta que o pecador se converta simplesmente do seu pecado; o pecado deve ser aniquilado. Mas se Deus, com um rápido decreto, apagasse sem mais o pecado e o mal do mundo, desconsideraria a liberdade humana. Não é o Pai quem exige a paixão, mas é a consequência do ato mau e livre do ser humano, que cai no seu próprio laço. Deus respeita a liberdade como um pai que, por mais que lhe doa, exige uma penitência ao seu filho culpado. Esta pedagogia é a única capaz de induzir na criança uma limpeza real, a libertação de sua culpa e um afastamento eficaz de sua ação má. A psicologia também

---

<sup>54</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 81.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 91.

<sup>56</sup> KIECHLE, 2007, p. 509.

ratifica esta teologia: quem se fez gravemente culpado deve sentir dolorosamente sua culpa e deste modo desfazê-la, se quer ser realmente curado e libertado dela. Por paradoxal que possa parecer, só a cruz leva a sério a dignidade e a liberdade do ser humano, quando se trata de mal e de pecado. Na paixão de Cristo e no padecimento de quem o segue, se opera a salvação, conciliação e libertação. Inácio, embora não tenha refletido sobre isso de maneira teológica, viveu em si mesmo este enfoque fundamental e com sua espiritualidade o transmitiu<sup>57</sup>.

### 1.5 O mistério da cruz de Jesus na dinâmica dos Exercícios

A experiência dos *Exercícios* proposta por Inácio começa com a consideração do pecado do mundo diante da cruz (primeira semana). O exercitante é convidado à experiência de sentir internamente a sua condição de pecador perdoado, que, contemplando o crucificado, se questiona a respeito do que tem feito, do que está fazendo e do que deve fazer por Cristo (EE 53)<sup>58</sup>. O chamado do rei Eterno e a oblação de maior valor e importância (EE 98)<sup>59</sup> é o exercício que abre a segunda semana, na qual o exercitante é convidado a contemplar os mistérios da vida de Cristo, suplicando e buscando “o conhecimento interno do Senhor, que por mim se fez homem, para que mais o ame e o siga” (EE 104)<sup>60</sup>. Nesta etapa, a contemplação da encarnação e nascimento, já anuncia a cruz<sup>61</sup>; a meditação sobre os três graus de humildade, maior expressão de amor, leva o exercitante ao grau máximo de identificação com o Cristo pobre e humilhado (EE 167)<sup>62</sup>; Na terceira semana, dedicada à contemplação dos mistérios da Paixão, Inácio propõe que o exercitante peça “dor com Cristo doloroso, abatimento com Cristo abatido, lágrimas, com pena interior por tanta pena que Cristo passou por mim” (EE 203)<sup>63</sup>. Na semana dedicada à contemplação da ressurreição, o primeiro preâmbulo do primeiro exercício se abre com as seguintes palavras: “Depois que Cristo expirou na cruz...” (EE 219)<sup>64</sup>, oferecendo a tônica do que será a experiência da “profunda alegria por tanta glória

<sup>57</sup> KIECHLE, 2007, p. 510.

<sup>58</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 35.

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 51.

<sup>60</sup> *Ibid.*, p. 53.

<sup>61</sup> “... para que o Senhor nasça na maior pobreza, e, *depois de tantos trabalhos, passando fome e sede, calor e frio, injúrias e afrontas, morra na cruz*” (EE 116).

<sup>62</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 70.

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 82.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 87.

e gozo de Nosso Senhor” e o “ofício de consolar” que ele exerce” (EE 221.224)<sup>65</sup>. Até mesmo a consolação espiritual pode ser motivada pela contemplação da paixão de Cristo: “... quando derrama lágrimas, motivadas pelo amor do seu Senhor, ou pela dor dos seus pecados, ou pela Paixão de Cristo Nosso Senhor...” (EE 316).<sup>66</sup>

Existe uma coerência interna na dinâmica das semanas ou etapas dos *Exercícios*, expressa numa sucessão de oposições na qual “a tradição resumiu com exatidão e de modo dialético – embora sem percebê-lo como tal – o essencial das quatro semanas”:<sup>67</sup> *deformata reformare, reformata conformare, conformata confirmare, confirmata transformare*<sup>68</sup>. Na primeira semana, o deformado se reforma (*deformata reformare*); na segunda, o reformado se conforma (*reformata conformare*); na terceira e na quarta semanas, o conformado se confirma (*conformata confirmare*) e se transforma (*confirmata transformare*), “segundo a imagem gloriosa do Amor”<sup>69</sup>. Pode-se falar também nos termos tradicionais das três vias: purgativa, iluminativa e unitiva. Em todas as três vias, a cruz tem um papel definitivo. Na primeira semana (purgativa), a cruz indica o perdão e a vitória de Deus; na segunda (iluminativa), trata-se do horizonte sob o qual o exercitante fará sua eleição; na terceira e quarta semanas (unitiva), há uma identificação do exercitante com Cristo crucificado e, após a ressurreição, compartilhando a alegria com seus amigos e consolando-os. Em toda a dinâmica interna dos Exercícios, há sempre a insistência sobre o significado positivo da cruz, às vezes de uma forma complexa, mas bastante explícita e coerente.<sup>70</sup>

Num levantamento minucioso a respeito da menção à cruz no texto dos Exercícios Espirituais, podemos constatar: o vocábulo *cruz* aparece dezesseis vezes, enquanto o verbo *crucificar* é encontrado em cinco trechos. Além das citações explícitas, existem referências contextuais à cruz, como por exemplo ao recorrer a expressões do mesmo campo semântico como *abnegação, mortificação, penitência*, entre outras<sup>71</sup>.

---

<sup>65</sup> *Ibid.*, p. 87-88.

<sup>66</sup> KIECHLE, 2007, p. 122.

<sup>67</sup> FESSARD, Gaston. *La dialectica de los ejercicios espirituales de San Ignacio de Loyola: tiempo, gracia, libertad*. Bilbao: Mensajero, 2010, p. 52.

<sup>68</sup> Reformar as coisas deformadas, conformar as coisas reformadas, confirmar as coisas conformadas e transformar as coisas confirmadas.

<sup>69</sup> FESSARD, Gaston, 2010, p. 53.

<sup>70</sup> ENDEAN, Philip. La cruz y las gracias de los Ejercicios. In “*Pasión de Cristo, Pasión del Mundo: desafíos de la cruz para nuestros tempos*”. *Apuntes Ignacianos 61* (enero-abril 2011) p. 105. CIRE. Bogotá, Colombia.

<sup>71</sup> KIECHLE, 2007, p. 504-511.

### 1.5.1 Princípio e Fundamento: horizonte da experiência dos Exercícios

O Princípio e Fundamento, uma espécie de patamar de acesso à experiência dos Exercícios, é uma “declaração” inicial de Inácio que, mais do que uma simples inspiração, se tornará a base de tudo o que o exercitante viverá ao longo das semanas ou etapas: “O ser humano é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus, nosso Senhor e mediante isto, salvar-se” (EE 23)<sup>72</sup>. Javier Melloni assim explicita o sentido desta afirmação:

“Louvar”, isto é, expandir-se, extasiar-se – “sair de si” – na ação de graças diante do Ser que nos dá o ser, que nos faz ser; “reverenciar”, isto é, prostrar-se, recolher-se, descalçar-se diante deste Centro Incandescente que não possuímos, mas que nos possui; “servir”, isto é, dispor-se e oferecer-se para concretizar na História o lugar deste louvor e reverência, de maneira que tudo vá sendo conduzido em direção a este Horizonte de louvor e reverência, Origem e Meta de tudo o que é.<sup>73</sup>

Oferecendo-se ao mesmo tempo como chão e horizonte da experiência, o texto objetiva suscitar a atitude fundamental a ser assumida por aquele que entra nos Exercícios, sem a qual ele não conseguirá viver de maneira frutífera o processo. Trata-se do “espírito fundamental que anima todo o itinerário dos Exercícios, ou seja, o exercitante permanece constantemente sob sua influência.”<sup>74</sup>

No *princípio e fundamento* (EE 23) afirma que devemos fazer-nos indiferentes<sup>75</sup> a tal ponto que não queiramos mais estados agradáveis e plenos de vida, saúde, riqueza, vida longa, que os desagradáveis e cheios de renúncia: doença, pobreza, desonra, vida breve. Isto supõe a disposição a aceitar renúncias, isto é, a cruz, se esta conduz melhor ao fim para o qual fomos criados: reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor, e mediante isso salvar-se: “...desejando e escolhendo somente aquilo que *mais* nos conduz ao fim para o

<sup>72</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 23.

<sup>73</sup> MELLONI, Javier. *La mistagogia de los ejercicios*. Bilbao: Mensajero, 2001, p. 124.

<sup>74</sup> PALAORO, Adroaldo. *A experiência espiritual de Santo Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 86.

<sup>75</sup> Segundo Melloni (op. cit, p. 127), “a indiferença inaciana está em estreita relação com a *apatheia* do monacato oriental: *a-pathós*, ausência de paixão. Trata-se da liberdade interior de não sentir-se aprisionado por nada. Os Exercícios mencionam os quatro grandes âmbitos da vida humana nos quais se deve viver esta liberdade: a saúde corporal (a relação com a própria vida biológica), a prosperidade econômica (a relação com as coisas), o reconhecimento social (a relação com as pessoas) e a duração da vida (a relação global com a existência)”.

qual somos criados”. Aqui Inácio antecipa os *Exercícios* como um todo, especialmente a experiência da Terceira Semana.

É importante notar que, apesar de não nomear explicitamente o Cristo, pode-se perceber uma dimensão cristológica no princípio e fundamento, “implícita e veladamente, na medida em que, na imagem do homem, no fundo da liberdade humana, encontra-se incluída por essência, a vocação à configuração com o Filho, projeto perfeito de adoração e salvação.”<sup>76</sup> Segundo Arzubialde, há em muitos estudiosos da espiritualidade inaciana uma “forte tendência a interpretar o *magis* desde o mistério do abaixamento de Jesus que aparece no terceiro Grau de Humildade. O que mais conduz o Reino para o Pai é a *brecha cristológica* que introduz a cruz do Cristo histórico na estreiteza deste mundo. Sua forma kenótica é o único caminho de salvação”.<sup>77</sup> A esse respeito, o autor cita Hugo Rahner:

O fundamental dos Exercícios se situa sob o único fim da glória de sua divina Majestade; *sua maior glória* se encontra na maior assimilação a Cristo pobre e humilde [...]; este *mais* é a fonte de energia no processo dos Exercícios em seu conjunto; [...] o desejo do *magis* para chegar a uma plena identificação com o Criador e Senhor crucificado no *mais* do Princípio e Fundamento, querido com a ajuda da graça, já deu um sim a Cristo crucificado, considerando que a Palavra feita carne é o homem perfeito. Somente nele e por ele podemos dar ao Criador e Senhor a honra, o louvor e o serviço que lhe é devido: só no Deus-homem (e com ele todos os seus seguidores) foram cumpridas as exigências do *magis* com a sua morte na cruz, vencedora de Satanás, fazendo possível a salvação da alma<sup>78</sup>.

O que vai ser proposto por Inácio na segunda semana – o seguimento e imitação do Cristo como resposta de amor do discípulo, para a sua salvação – já se encontra implícito no Princípio e Fundamento, que se apresenta claramente como um texto antropológico, no qual pode-se perceber uma cristologia latina do seguimento. Numa leitura mais profunda e integral do texto, no conjunto dos Exercícios, esta dimensão do seguimento se complementa pelo ponto de vista criacional (a cristologia do Logos e da encarnação), de maneira que “o Princípio e Fundamento e a Contemplação para Alcançar Amor seriam os extremos entre os quais ficaria incluído todo o desenvolvimento do desígnio tanto criacional como salvífico de Deus”.<sup>79</sup>

---

<sup>76</sup> ARZUBIALDI, Santiago. *Ejercicios espirituales de S. Ignacio: historia y análisis*. 2.ed. Santander: Sal Terrae, 2009. p. 119.

<sup>77</sup> ARZUBIALDI, 2009. p. 121.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 121-122.

<sup>79</sup> *Ibid.*, p. 124.

### 1.5.2 Primeira Semana: experiência de purificação e conversão diante do Crucificado

Na proposta de oração que Inácio faz na Primeira Semana reflete-se claramente a experiência de conversão que viveu em Manresa. Depois de haver deixado definitivamente para trás a sua vida anterior de “ vaidades do mundo, com grande desejo de honra”, ele passou por uma fase de dolorosa purificação. Quanto ao exercitante, depois de haver considerado no Princípio e Fundamento uma visão do mundo centrada na criação e salvação cujo centro e cume é o Cristo, na Primeira Semana ele é convidado a vivenciar um caminho de purificação e conversão, “ volta-se para Cristo, confrontando-se com a realidade do mundo e a sua própria vida. O mal e o pecado constituem o entorno que o precede e o envolve, ao ponto de ser sua vítima, antes de converter-se em seu ator.”<sup>80</sup>

Na Primeira Semana, o colóquio com nosso Senhor, “ posto na cruz” ocupa lugar central. Depois que o exercitante tomou dolorosamente consciência dos seus pecados, deve dirigir-se a Cristo, “ pregado na cruz” e fazer com ele um colóquio:

Imaginando Cristo Nosso Senhor, diante de mim, na cruz, fazer um colóquio: como de Criador se fez homem e como da vida eterna chegou à morte temporal e assim morreu por meus pecados. Igualmente, olhando para mim mesmo, perguntar o que tenho feito por Cristo, o que faço por Cristo e o que devo fazer por Cristo. Enfim, vendo-o nesse estado, assim, suspenso na cruz, refletir naquilo que me ocorrer. (EE 53)<sup>81</sup>

Esta imagem cruel e sofrida faz o exercitante perceber o que Cristo fez por ele: pela sua cruz, Cristo o libertou dos seus pecados e, em consequência, da condenação eterna.

O pecado é a resposta negativa do homem ao amor de Deus, que nos deu o seu Filho e nos chama à identificação com ele. E é somente na plena manifestação deste amor de Cristo que podemos conhecer a gravidade do pecado. Cristo é o novo Adão, a iniciativa divina que renova a criação, a fonte e o princípio da salvação. Não somos capazes de “conquistar” a salvação. Foi a morte de Cristo que nos reconciliou e nos arrancou da situação de pecado. “Jesus experimentou *por mim*, ao fazer-se homem, na oração do horto

---

<sup>80</sup> ÉMONET, Pierre. Primeira Semana. In: CASTRO, José Garcia de (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana: G-Z*. Madrid: Mensajero, Sal Terrae, 2007. v. 2, p. 1477.

<sup>81</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000. p. 35.

e na agonia da cruz, a separação do Pai ('o pecado'). Sua cruz é o resultado histórico e material do pecado da humanidade e também do meu pecado".<sup>82</sup> A cruz é a revelação da plenitude trinitária. Nela o amor do Pai aos homens se revela no corpo do seu Filho crucificado. O Onipotente se fez impotente pela força do amor que tem por cada ser humano. Assim, paradoxalmente, a sua debilidade é a manifestação da sua grandeza, a expressão máxima de um amor invencível. O Crucificado manifesta o próprio ser de Deus. Em um dos pontos para a oração Inácio propõe:

Considerar quem é Deus contra quem eu pequei, segundo os seus atributos, comparando-os com os seus contrários em mim mesmo; sua sabedoria e a minha ignorância. Sua onipotência com a minha fraqueza; sua justiça com a minha iniquidade. Sua bondade com a minha malícia (EE 59)<sup>83</sup>.

Este reconhecimento move o exercitante a pensar, por sua parte, o que ele fez por Cristo, pouco menos que nada, e o que deve fazer por Cristo; só há uma resposta: fazer o mesmo, ou seja, entregar-lhe a vida. Partindo do reconhecimento de seus pecados e da sua libertação, o exercitante se vê motivado e urgido ao seguimento da cruz<sup>84</sup>. "O colóquio com o Crucificado estabelece a relação pessoal que refaz a comunhão de um diálogo amistoso de reconciliação no horizonte da graça e do perdão; e na esperança inabalável da superação do mal por parte de Deus (EE 179).<sup>85</sup> O colóquio, segundo Hugo Rahner,

consiste em cair de joelhos diante da cruz, como Inácio depois da grande iluminação do Cardoner, para discernir diante dela a luta dos espíritos que agitam o mundo, a história do mal e o caminho da salvação. O momento presente é a hora da misericórdia, quando o pecador pode cair em adoração ao Crucificado para dar graças, porque no signo da cruz chegou a hora do julgamento definitivo deste mundo.<sup>86</sup>

A respeito do colóquio diante do Crucificado, Javier Melloni oferece uma reflexão bastante inspiradora ao referir-se à passagem da "vergonha e confusão" do exercitante na meditação da dinâmica do pecado (o dos anjos, o de Adão e Eva, o pecado pessoal) à

---

<sup>82</sup> ARZUBIALDI, 2009. p. 189.

<sup>83</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000. p. 37.

<sup>84</sup> KIECHLE, Stefan. 2007, p. 505.

<sup>85</sup> ARZUBIALDI, 2009. p. 189

<sup>86</sup> RAHNER, Hugo. *Cristolologia dos Exercícios. Itaici*. Revista de espiritualidade inaciana, v. 3, n. 9, p. 7-26.

experiência de “dor e lágrimas” ao contemplar o Cristo suspenso na cruz e “refletir naquilo que me ocorrer” (EE 53):

A “vergonha” lembra a vergonha adâmica depois do pecado original (Gn 3,7-11). Este é ainda um sentimento autocentrado, mesmo que seja revelado pelo olhar do Outro: sentimos vergonha de nós mesmos porque Alguém nos olha. Mas depois do Colóquio diante de Cristo Crucificado, nu, como Adão, descobrimos que aquele que nos olha também está nu, como nós, desnudado por nós. Já não podemos sentir vergonha por nós, mas por Ele, que, olhando-nos, nos devolve a inocência. Olhando-o e vendo como Ele nos olha, começamos a descentrar-nos. E começamos a ter amor por Ele, aquele que nós desnudamos e pregamos na cruz. Assim, nossa vergonha por nós se converte agora em vergonha por Ele, em “crescida e intensa dor” e lágrimas, já não de temor, mas de agradecimento<sup>87</sup>.

### **1.5.3 Segunda Semana: deixar-se configurar por Cristo, seguindo-o em seu caminho**

Enquanto na Primeira semana as meditações giram em torno do pecado na história e na vida do ser humano, terminando na afirmação da misericórdia de Deus e no desejo do exercitante de fazer algo por Cristo, na Segunda Semana a vida real e concreta da humanidade de Jesus ocupa o lugar principal. O exercitante é introduzido nela como expectador, para contemplar e deixar-se afetar, configurar, assumindo o mesmo processo e destino<sup>88</sup>. “Contemplam-se os mistérios da vida de Cristo (‘o Mistério’), e isso contagia e configura interiormente o homem, que em seguida atuará desde este mistério de amor.”<sup>89</sup>

O exercício que abre a Semana é uma espécie de parábola, intitulada “o chamado do rei temporal ajuda a contemplar o chamado do Rei eterno” (EE 91-100), do qual destacamos um trecho:

Se julgamos a convocação do rei deste mundo digna de ser tida em conta, quanto mais será digno de consideração ver Cristo Nosso Senhor, Rei eterno, com o mundo inteiro diante dele, que chama todos e cada um em particular, e diz: “minha vontade é conquistar o mundo inteiro, vencendo todos os inimigos, e assim alcançar a glória de meu Pai. Portanto, quem quiser vir comigo há de trabalhar comigo, a fim de que, seguindo-me na luta também me siga na glória” (EE 95).<sup>90</sup>

<sup>87</sup> MELLONI, Javier, 2001, p. 136.

<sup>88</sup> ARZUBIALDI, 2009. p. 269.

<sup>89</sup> *Ibid.*, p. 339.

<sup>90</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000. p. 50.

Chama a atenção a força com que Inácio insiste em que devemos participar nos “trabalhos” (EE 93) e “penas” (EE 95) de Cristo, para assim encontrar a vitória e com Ele entrar na glória: “conquistar toda a terra dos inimigos” (EE 93) exige, portanto, esforço, renúncia, cruz.

Os títulos com os quais Inácio qualifica o Cristo na parábola são Rei e Senhor, ou seja, a imagem é de um “Cristo glorioso, Senhor Jesus, *Kyrios* exaltado, que proclama kerygmaticamente o grande projeto da salvação e exorta à participação nos ‘trabalhos’ da paixão como necessidade intrínseca para conseguir a vitória final”<sup>91</sup>. A misteriosa *descida* quenótica (“trabalhos”, “penas”) do Rei, que no fim do exercício será concretizada no momento da *oblação* do exercitante, é o fator determinante e o modo pelo qual a liberdade pessoal é incorporada ao mistério da salvação, admitida “sob a sua bandeira”. O Cristo, apresentado no exercício revestido de glória e poder divinos, anuncia a sua vitória a partir da cruz e abre a mente do exercitante para que ele compreenda que a paixão é o meio necessário para o advento do Reino e, com ele, da salvação. Segundo Karl Rahner,

Para Santo Inácio está claro que a cruzada de Cristo, a implantação do Reino de Deus no mundo significa *trabalhos*. A imitação de Cristo é imitação do crucificado, correalização do abaixamento de Deus à condição criada, à treva, ao abismo do pecado, ao sofrimento da morte [...] O oferecimento deve ordenar-se à cruz do Senhor [...] a vontade básica do *magis* do Princípio e Fundamento se traduz aqui em prontidão para a *kénosis* do Senhor Jesus Cristo.<sup>92</sup>

Nas contemplações dos mistérios da vida de Cristo, a cruz é mencionada explicitamente como objetivo da Encarnação, no terceiro ponto da contemplação do Nascimento (EE 116): “para que o Senhor nasça na maior pobreza, e, depois de tantos trabalhos, passando fome e sede, calor e frio, injúrias e afrontas, morra na cruz; e tudo isto, por mim”.<sup>93</sup> Neste ponto, fica evidente que a cruz prolonga, de certo modo, a linha da encarnação e encontra-se ancorada nela. Deus se fez homem para que a humanidade fosse salva pelo sofrimento. Teologicamente falando, Inácio segue aqui a tradição franciscana, que fundamenta na soteriologia o fim da encarnação. E enquanto Inácio caracteriza toda a vida de Jesus como cheia de trabalhos e sofrimento, a cruz se torna o

---

<sup>91</sup> ARZUBIALDI, 2009. p. 283.

<sup>92</sup> RAHNER, Karl. *Meditaciones sobre los ejercicios de S. Ignacio*. Barcelona, 1971. p. 42.

<sup>93</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000. p. 56.

momento determinante de todo este projeto de vida: a encarnação é um processo de descida, até a cruz<sup>94</sup>.

Ao propor as contemplações dos mistérios, começando pelos da infância, Inácio conduz o exercitante a percorrer o caminho que vai levá-lo ao “conhecimento da vida verdadeira” (EE 139), que é Cristo. “O exercitante vai fazendo suas, com vistas à eleição, as opções de Cristo, que se revelam já nestes mistérios cuidadosamente selecionados por Inácio”<sup>95</sup>. Tal criteriosa seleção textual dos evangelhos e da tradição produz um dinamismo interno, um caminho ao qual o exercitante deve incorporar-se: o caminho do Enviado pelo Pai, em missão. As contemplações da Encarnação e do Nascimento (EE 101-117)<sup>96</sup>, como explicita Kolvenbach, pautam o início deste caminho: “Caminho que vai do Logos (‘a segunda pessoa’), o ‘Cristo nosso Senhor’, à sua humanidade crucificada, nascida ‘em suma pobreza’. O escândalo da cruz já está no escândalo do presépio, como programa para todo seguidor”<sup>97</sup>. Os mistérios da infância são como uma ilustração viva do chamado do Rei – “quem quiser vir comigo...” – e da resposta do exercitante – “quero e desejo, e é minha determinação deliberada imitar-vos”. Estes mistérios revelam

que o mistério da salvação pela cruz constitui a essência do ser de Cristo, desde a Encarnação até a Páscoa, e dispõem à resposta do seguimento, que vai além da pura disponibilidade a servir o Senhor em sua missão. Trata-se não apenas de servir, mas de fazê-lo voluntariamente, unindo-nos ao seu poder que se revela na debilidade voluntária, “nas condições de um pequenino sem força nem poder”. Inácio propõe estes mistérios para conduzir-nos a uma eleição, na qual, com a ilimitada possibilidade de um menino generoso e gratuito, assumimos a limitação necessária que implica todo serviço concreto e real, que, para ser fecundo, tem que passar pela “pena” da cruz, que já marca a infância do Menino Jesus<sup>98</sup>.

Após a contemplação dos mistérios da Encarnação e do Nascimento, Inácio propõe que o exercitante siga contemplando os “evangelhos da Infância” e a “Vida oculta” – a apresentação do menino no Templo e a fuga e o desterro no Egito (EE 132.268.269), além de considerar “como o menino Jesus era obediente a seus pais em Nazaré e depois como eles o acharam no Templo” (EE 134.271.272). Em seguida, propõe

---

<sup>94</sup> KIECHLE, 2007, p. 505-506.

<sup>95</sup> KOLVENBACH, 1999, p. 77.

<sup>96</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 53-56.

<sup>97</sup> KOLVENBACH, 1999, p. 77.

<sup>98</sup> *Ibid.*, 1999, p. 77

uma série de três meditações, que compõem o que se convencionou hoje chamar de Jornada Inaciana, para verificar a consistência da resposta do exercitante ao chamado do Cristo, na meditação do Reino: as Duas Bandeiras, os Três tipos de Pessoas e o Três graus de Amor ou Humildade (EE 136-168).

Como no preâmbulo que introduz à meditação das Duas Bandeiras, em vista da eleição, Inácio apresenta uma orientação a respeito da matéria a ser contemplada: já considerados dois estados de vida – o Senhor servindo ao Pai na obediência aos pais, a uma família, e deixando-os para o puro serviço ao Pai Eterno (EE 135), trata-se agora de “continuar decididamente o projeto de ‘servir a Deus, que é o fim’ (EE 169) e em seguida discernir em qual estado de vida, em que condição concreta”<sup>99</sup> dar-se-á este serviço.

Na meditação das Duas Bandeiras (EE 136-148), o exercitante é colocado diante de uma polaridade fundamental: Cristo/Humildade e Lúcifer/Soberba, cada qual com sua bandeira, isto é, seus valores, seu modo de proceder, convocando as pessoas para segui-los. Trata-se de um exercício para iluminar o conhecimento a respeito das dinâmicas utilizadas por Cristo e pelo “mortal inimigo da natureza humana” (EE 136), a fim de ter lucidez para “defender-se” desta e abraçar aquela, que conduz à “vida verdadeira”. Enquanto Lúcifer propõe a dinâmica “ascendente” do orgulho, desejo autocentrado, que começa com a busca irrefreável de possuir, reter (a cobiça de riquezas), passando pelo querer dominar as pessoas (a honra vã do mundo) e culmina na autodivinização (“a grande soberba”, a absolutização do eu), a proposta do Cristo, “o supremo chefe e senhor nosso”, apresenta-se na direção oposta, num caminho gradativo que conduz à verdadeira liberdade: pobreza contra riqueza, afrontas ou desprezo contra a honra mundana, humildade contra soberba. Isso quer dizer que o caminho do crescimento para a “vida verdadeira” – Jesus – não se dá para cima, mas para baixo, para a terra fecunda – *húmus*, humilde – do seu coração: “Aprendei de mim, pois eu sou manso e humilde de coração” (Mt 11,28-29). A respeito desse tema, Javier Melloni afirma:

A humildade é, talvez, o mais divino dos atributos de Deus, e ao mesmo tempo o mais paradoxal. Participar de tal paradoxo é um dom. Em nosso mundo, o despojamento é aniquilamento e a humildade, humilhação. Na vida de Deus, o despojamento é o próprio nome da plenitude, a humildade, o nome da múltipla receptividade e doação. E ambos são o nome do Amor. Porque Deus é amor, isto é, esvaziamento infinito de si mesmo na circularidade das três Pessoas e esvaziamento de si mesmo para a sua Criação<sup>100</sup>.

<sup>99</sup> KOLVENBACH, 1999, p. 78.

<sup>100</sup> MELLONI, 2001, p. 184.

Participar deste movimento *divino e divinizador* é um dom. Por esta razão, Inácio propõe que, ao final da meditação, o exercitante faça um tríptico colóquio (EE 147): um dirigido a Maria, a mulher que na história da salvação se tornou ícone de humildade, acolhendo radicalmente, no esvaziamento de si, o dom de Deus (Lc 1,38); outro dirigido ao Filho, a Pessoa divina reveladora da *kenosis* de Deus; e um terceiro colóquio dirigido ao Pai, Fonte e Origem de todo dom, Amor infinito que flui eterna e constantemente, “gerando continuamente o Filho, ‘no qual foram criadas todas as coisas’”(Cl 1,16)<sup>101</sup>. Nos três colóquios, o mesmo pedido, a mesma súplica: ser recebido sob a Bandeira do Filho, o que significa assumir o seu caminho de pobreza, opróbrios e humilhações, ou seja, o caminho da cruz.

Na meditação sobre os Três tipos de pessoas, ou três binários (EE 149-156), Inácio propõe mais um exercício para verificar a consistência da resolução do exercitante no seguimento e serviço ao Cristo da cruz. Enquanto a meditação anterior (Duas Bandeiras) estava dirigida ao entendimento, para o conhecimento das dinâmicas opostas do Cristo e do inimigo, esta se propõe a ser uma reflexão que vai ajudar o exercitante a ponderar sobre os seus afetos, sobre o desprendimento das riquezas. O ponto de partida da meditação é “o desejo de salvar-se e encontrar a paz em Deus nosso Senhor” (EE 150). O exercitante encontra-se no limiar da eleição e precisa verificar o quanto está livre para assumir as consequências da decisão tomada. A parábola apresenta três tipos de pessoas que querem se desfazer de uma quantia em dinheiro. O que está em jogo não é a legitimidade do possuir, mas o desejo de saber o que é mais agradável a Deus, e o quanto o afeto por um bem que se possui pode ser um obstáculo à liberdade de escolher. Na sequência dos três tipos de pessoas apresentados por Inácio revelam-se três atitudes, sendo a terceira delas a da *indiferença*:

Esta disposição é a que representa o *terceiro binário*: representa aquele tipo de homem que de tal modo tira de si o afeto ao que ele possui, que é livre para querê-lo ou não querê-lo, ficando em função do querer de Deus. Nesta terceira atitude, o exercitante se situa diante da realidade tal qual ela é. “Quer somente querê-la (a quantia adquirida) ou não, conforme o que Deus nosso Senhor puser em sua vontade, e o que lhe parecer melhor para o serviço e louvor de sua divina majestade” (EE 155). (...) Trata-se de uma completa circularidade: o querer de Deus

---

<sup>101</sup> MELLONI, 2001, p. 184.

impulsiona o querer do homem, e o querer do homem se abre para acolher o querer de Deus<sup>102</sup>.

Nos Três modos de humildade (EE 164-167), o *segundo* modo coincide exatamente com o que, segundo o PF, se chama “indiferença”. O exercitante deseja a honra, a riqueza, no mesmo grau que desonra, pobreza, “sendo igual para o serviço de Deus nosso Senhor e a minha salvação”; está, portanto, disposto a aceitar uma cruz diante da alternativa de cumprir de uma ou outra maneira o objetivo descrito no Princípio e Fundamento. Se uma das alternativas conduz melhor ao fim, deve aceitá-la, prescindindo do peso da cruz que ela suponha. O terceiro modo de humildade toma outra orientação, inclinando-se pela pobreza, opróbios e humilhações; se alguém tem uma preferência, não é “indiferente”. Também aqui o que rege é o “se for de igual ou maior serviço e louvor de sua divina majestade”. Só se pode seguir esta preferência quando não se elege imediatamente, já que ao fazê-lo deve perguntar-se qual das alternativas será para a maior glória de Deus. Aqui se coloca a pergunta pelo sentido teológico da preferência pela cruz.

A respeito da eleição, Inácio afirma para fazê-la devemos achar-nos indiferentes, ou seja, aceitar ou não a cruz apenas e somente quando serve à maior glória de Deus. Nunca devemos promover a inclinação pela cruz, buscando-a deliberadamente e de plena vontade. É interessante notar a ausência da cruz nos textos de eleição. Fica evidente que a cruz não é um critério de eleição. Os únicos critérios são “a maior glória e louvor de Deus nosso Senhor e a minha salvação” (EE 179-181), critérios claramente positivos, portanto: o *magis* do maior fruto.

#### **1.5.4 Terceira Semana: a identificação com Cristo em sua paixão e cruz**

A Terceira Semana define explicitamente a cruz de Cristo como objeto de contemplação, mencionando-a várias vezes no texto e também nos “mistérios” (EE 296-298). Devemos pedir “dor com Cristo doloroso; abatimento com Cristo abatido; lágrimas, com pena interior por tanta pena que Cristo passou por mim” (EE 203). Qual o sentido de o exercitante compartilhar a dor do Cristo doloroso? Podemos aduzir três razões: em primeiro lugar, deve nos impressionar o fato de que Cristo tenha padecido “por mim”. Esta repetição do colóquio da Primeira Semana move mais uma vez o exercitante à conversão e ao seguimento. Deste modo, ele pode comprovar a eleição que acaba de fazer,

---

<sup>102</sup> MELLONI, 2001, p. 187-188.

buscando sua ratificação sob a perspectiva de que isto pode levá-lo – e certamente o levará – pelo caminho da dor. Seja qual for a forma de seguimento escolhida, ele mesmo deverá levar a cruz “com Cristo”; pode e se anima a isto. Finalmente, deverá ver a paixão de Cristo refletida nos irmãos pobres e aflitos, perspectiva que hoje em dia se deverá acentuar mais claramente, em relação a Inácio. Ao sofrer “com Cristo”, abre-se aos pobres de seu tempo e reitera expressamente uma “opção pelos pobres”.

O Pe. Peter-Hans Klvenbach propõe uma reflexão sobre a Terceira Semana – que intitula *A Paixão segundo Santo Inácio*<sup>103</sup> – destacando a opção do autor dos Exercícios por não se ater às indicações cronológicas que constam nos evangelhos, preferindo um acesso “intemporal” à Paixão, que se desenvolve “fora da cronologia, no eterno presente de Deus, no *hoje* divino. Assim, Inácio convida o exercitante a percorrer *os mistérios*, na dinâmica de um itinerário (EE 290-298)<sup>104</sup>: da ceia ao horto (290); do horto à casa de Anás (291); da casa de Anás à casa de Caifás (292); da casa de Caifás à de Pilatos (293); da casa de Pilatos à de Herodes (294); da casa de Herodes à de Pilatos (295); da casa de Pilatos até a cruz (296); na cruz (297); da cruz até o sepulcro (298). As indicações balizam um caminho a percorrer: o caminho da Paixão, o caminho pascal do Senhor.

Sem a Primeira Semana, à confissão de que o Senhor sofre por meus pecados falta profundidade pessoal. Sem a Segunda, ao desejo de ser escolhido para sofrer com Cristo que sofre falta a concretude de um projeto pessoal. No entanto, só na terceira Semana, fundada na Eucaristia da Páscoa, o pecado, que me faz pessoalmente solidário com os inimigos, que “a divindade poderia destruir e não destrói” (EE 196, cf também EE 60), provoca um verdadeiro encontro de amor com Cristo, que realiza a sua Páscoa conosco. Só na Terceira Semana, tudo quanto foi desejado e imaginado como projetos concretos de vida faz-se realidade pascal, quando sua divina Majestade “nos põe com” seu Filho crucificado<sup>105</sup>.

### 1.5.5 Quarta Semana: contemplar a ressurreição do Crucificado

Nos Exercícios Espirituais, Inácio considera a unidade do mistério pascal – a morte e a ressurreição de Jesus – ainda que proponha a sua contemplação em duas semanas: a Terceira, dedicada à paixão, e a Quarta, dedicada à contemplação das aparições de Cristo ressuscitado e a Contemplação para Alcançar Amor. “Porém, no

<sup>103</sup> KOLVENBACH, 1999, p. 91-100.

<sup>104</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 113-116.

<sup>105</sup> KOLVENBACH, 1999, p. 100.

mesmo texto dos Exercícios encontramos a unidade do mistério. No lugar onde acaba a Terceira Semana começa a Quarta Semana”<sup>106</sup>, no primeiro preâmbulo da primeira contemplação: “Depois que Cristo expirou na cruz...” (EE 219)<sup>107</sup>.

É a partir da consideração da *kenosis* de Jesus na cruz que se deve contemplar a manifestação da Vida que vence a morte. Santiago Arzubialde assim introduz a sua análise da Quarta Semana:

Este acontecimento, que é para a humanidade histórica de Jesus crucificado a sua exaltação à direita do Pai, manifesta a divindade e a plenitude da vida em Deus. A morte do crucificado de ontem não podia reter aquele que é a própria Vida; seu amor e sua fidelidade não podiam morrer. Por isso o Pai nos devolve assim, desde o seu ser de Deus, essa identidade única do amor-crucificado, elevada agora no Espírito à sua condição de Senhor igual a Deus.<sup>108</sup>

Ao propor as contemplações da ressurreição, Inácio sugere duas considerações que remetem ao mistério da cruz de Jesus. A primeira delas é: “considerar como a divindade que parecia esconder-se durante a Paixão, aparece e se mostra tão miraculosamente agora em sua santíssima ressurreição, pelos seus verdadeiros e santíssimos efeitos” (EE 223)<sup>109</sup>. Inácio, assim, recomenda que o exercitante adentre, em primeiro lugar, através da “*theologia crucis*”, neste âmbito mistérico da experiência da Infinitude do Mistério trinitário até chegar à percepção da milagrosa manifestação da divindade em si mesma, reconhecida agora pelos verdadeiros e santíssimos efeitos dela<sup>110</sup>.

A segunda consideração que remete ao mistério da cruz de Jesus é: “olhar o ofício de consolar, que Cristo Nosso Senhor exerce, comparando como os amigos costumam consolar-se” (EE 224)<sup>111</sup>. Inácio dirá que Cristo exerce o ofício próprio dos amigos mais íntimos e fiéis, que é o de consolar. Como aos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35), ele fala sobre a necessidade da cruz como caminho para entrar na glória, abrindo-lhes os olhos para o plano misterioso e salvífico de Deus. Os discípulos, como o exercitante, depois de terem vivido a dor e o sofrimento da cruz com Jesus, experimentam profunda consolação. “Ser consolado é participar da ressurreição de Jesus e ser confirmado na

---

<sup>106</sup> TEJERA, Manuel. Cuarta semana. In: CASTRO, José Garcia de (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana: A-F*. Madrid: Mensajero, Sal Terrae, 2007. v. 1, p. 511.

<sup>107</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000. p. 87.

<sup>108</sup> ARZUBIALDI, 2009. p. 540.

<sup>109</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000. p. 88.

<sup>110</sup> ARZUBIALDI, 2009. p. 550.

<sup>111</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000. p. 88.

verdadeira esperança, pela qual o ser humano adentra no âmbito do Espírito paterno de Deus”<sup>112</sup>.

### **1.5.6 Contemplação para Alcançar Amor: o amor do Crucificado Ressuscitado presente em todas as coisas**

A Contemplação para Alcançar Amor “condensa numa forma superior transcendente, o mais vital dos Exercícios”, segundo Iparraguirre<sup>113</sup>. É, ao mesmo tempo, a síntese e consumação de toda a experiência, que abre o exercitante para a realidade da vida cotidiana que lhe tocará viver após a Eleição feita e confirmada, buscando e encontrando Deus em todas as coisas.

Na proposta de Inácio para este exercício, a cruz de Jesus aparece em um lugar de destaque no terceiro ponto da Contemplação para Alcançar Amor: “Considerar como Deus trabalha e age por mim em todas as coisas criadas” (EE 236)<sup>114</sup>. Na Terceira Semana, o exercitante contemplou Cristo no que Inácio chamou de “seus trabalhos”, o grande preço e sofrimento anunciado no chamado do Rei. A cruz é para onde este chamado conduz o exercitante, na proposta da consideração dos mistérios da Paixão (EE 195)<sup>115</sup>, “trazendo à memória, frequentemente, os trabalhos, fadigas e dores que Cristo nosso Senhor passou desde o dia em que nasceu até o mistério da Paixão” (EE 206).<sup>116</sup>

Este tema da Terceira Semana é retomado, na Contemplação para alcançar Amor, como Deus que trabalha em todas as coisas, das quais a Paixão de Cristo é paradigmática e na qual todas elas, as cósmicas e as subatômicas, se veem como fatos ou momentos nos quais Deus trabalha para a salvação humana. Também aqui o movimento interno é óbvio: Deus, que dá todas as coisas, Deus que habita em todas as coisas, e agora, Deus que trabalha em todas as coisas. Aqui se dá uma visão profunda de todas as coisas: todas as coisas são dom; todas as coisas são sagradas; todas as coisas estão providencialmente recolhidas na história da salvação humana.<sup>117</sup>

Esta visão panorâmica inaciana que encerra os Exercícios alude, com as palavras “trabalhar e agir”, de maneira clara e direta, à cruz, na qual Deus realizou “por mim”, em

<sup>112</sup> ARZUBIALDI, 2009. p. 551.

<sup>113</sup> IPARRAGUIRRE, I. *Líneas directivas de los ejercicios ignacianos*, Mensajero, Bilbao, 1949, p. 59.

<sup>114</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000. p. 93.

<sup>115</sup> *Ibid.*, p. 80.

<sup>116</sup> *Ibid.*, p. 83.

<sup>117</sup> BUCKLEY, Michael J. *Contemplación para alcanzar amor*. In: CASTRO, José Garcia de (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana: A-F*. Madrid: Mensajero, Sal Terrae, 2007. v. 1, p. 455.

Cristo, o mais duro e penoso trabalho, a libertação de todo mal. Esta obra redentora é uma obra permanente e se prolonga durante toda a vida do exercitante, que o conduzirá e acompanhará, dia após dia, no esforço do seu trabalho cotidiano.<sup>118</sup>

### 1.5.7 Conclusão: a opção pela cruz de Jesus nos torna livres e compassivos

A cruz de Jesus está presente nos Exercícios de diferentes maneiras e em vários momentos do processo vivido pelo exercitante. A modo de conclusão, apresentamos três modos como a cruz se manifesta na experiência inaciana da busca da vontade de Deus: a indiferença, a opção pela cruz e a compaixão:

A Indiferença é a atitude que Inácio sugere como fundamental já na abertura dos Exercícios, na consideração do Princípio e Fundamento. Trata-se da disposição da própria liberdade “para eleger, como próprio bem, alternativas piores, cheias de renúncia e de dor, se esta for a vontade de Deus, isto é, se nesta forma escolhida do seguimento, se vê um *magis* em honra, serviço e louvor a Deus”<sup>119</sup>. Segundo Kiechle, o critério da eleição não é, no entanto, a cruz em si mesma. A cruz “apenas” se admite. Esta atitude está presente em outros momentos e trechos dos Exercícios, além do Princípio e Fundamento, como por exemplo, no segundo modo de humildade e nos textos relativos à eleição. Jesus não escolheu diretamente a cruz, no Getsemani. Ele estava, porém, disposto a beber o cálice da paixão, se esta fosse a vontade do Pai. De sua parte, apenas rogava que afastasse dele este cálice.

A “opção pela cruz” traduz-se no caminho rumo à identificação plena com Cristo, por parte do exercitante. “Por amor a Cristo busca-se ativamente uma renúncia, um sofrimento, uma pobreza, a pobreza se faz atual, uma cruz”<sup>120</sup>. O sentido desta atitude deve ser buscado na luta interna contra as afeições desordenadas à riqueza, à honra vã do mundo, à vaidade (EE 157)<sup>121</sup>. Esta atitude é um exercício que ajuda a fazer-se indiferente. É uma “ascese”, termo que em grego significa *exercício*. É a atitude que se transforma no requisito essencial em vista de uma boa eleição. Inácio adverte o exercitante sobre os exageros em relação às penitências, que não devem ser extremas nem radicais (EE 83-86)<sup>122</sup>, considerando que elas não são o objetivo, mas um meio para

<sup>118</sup> KIECHLE, 2007, p. 507.

<sup>119</sup> *Ibid.*, p. 507.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 507.

<sup>121</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000. p. 66.

<sup>122</sup> *Ibid.*, p. 46.

vencer-se a si mesmo e identificar-se com Cristo. No livro dos Exercícios, encontramos ainda a opção pela cruz de Jesus nas adições da Primeira Semana a respeito da penitência (EE 82.90)<sup>123</sup>; na oblação da meditação do chamado para o serviço do Reino (EE 97)<sup>124</sup>; no exercício das Duas Bandeiras (EE 136-148)<sup>125</sup>; no terceiro modo de humildade (EE 167)<sup>126</sup>. Ao tomar em consideração o combate ao afeto desordenado, a opção pela cruz é “humildade perfeitíssima”, insistindo, obviamente, que a humildade não é a meta da realização da vocação humana, mas um meio. O objetivo é tão somente o serviço e o louvor divinos.

Feita a eleição, na Segunda Semana, o exercitante é convidado a provar o caminho da cruz, na Terceira Semana, o que exige uma mudança de atitude. Ele vai experimentar a compaixão, viver uma peculiar passividade: é levado a padecer com e por Cristo. Ele não escolheu a cruz nem se esforça para alcançá-la. Deve levar em conta, porém, que o seu compromisso com o Reino de Deus, que ele escolheu e concretizou na Segunda Semana, levam-no a viver situações que implicam renúncia e sofrimento. O mundo continua sendo tão ferido pela maldade, que um cristão que opta pelo direito dos pobres e por um mundo melhor, provoca as forças do mal e da injustiça, excitando-as contra ele e contra os outros.<sup>127</sup> Deve fazer por si mesmo esta experiência de Jesus. Nos Exercícios Espirituais, ele se compromete a isso e aceita este destino com fé e confiança. Em seu compromisso ativo, permanece na realidade passivo, como Jesus na paixão descrita por Inácio. Em último termo, medita como Deus se preocupa por ele e vice-versa, como ele se preocupa por Deus. Na *Via Crucis* há um mútuo dar e receber, por puro amor (EE 231)<sup>128</sup>.

---

<sup>123</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 45-46.48.

<sup>124</sup> *Ibid.*, p. 51.

<sup>125</sup> *Ibid.*, p. 62-65.

<sup>126</sup> *Ibid.*, p. 70.

<sup>127</sup> KIECHLE, 2007, p. 507-508.

<sup>128</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 91.

## 2 O MISTÉRIO DA CRUZ DE JESUS NA TEOLOGIA DE JON SOBRINO

### 2.1 Introdução

A reflexão sobre a cruz ocupa um lugar central na teologia do século XX. Vários autores, como Barth, Rahner, Balthasar e Moltmann, entre outros, dedicaram seus estudos ao tema, profundamente tocados pelos dramas vividos pela humanidade, no século atravessado por duas grandes guerras mundiais e outros tantos conflitos, que deixaram o saldo de milhões de mortos e uma humanidade gravemente ferida na sua dignidade. A teologia da cruz, que tem a sua origem no apóstolo Paulo, retorna com força, quando, diante desse quadro avassalador, a Igreja sente-se desafiada a oferecer uma reflexão que abra alguma possibilidade de resposta e traga alento para a combalida fé dos discípulos e discípulas de Jesus no mundo contemporâneo.

A obra *O Deus crucificado*, do teólogo reformado Jurgen Moltmann, constitui um marco desta teologia, ao dar consistência e densidade à reflexão sobre o sofrimento de Deus na cruz. A sua publicação impulsionou “uma discussão longa e frequente, de âmbito internacional e interconfessional”, em torno de questões como as que o próprio Moltmann resume no prefácio à mais recente edição brasileira do livro, de 2011:

Deus é capaz ou incapaz de sofrer? A divindade, em sua essência, é apática, como esclareceu Aristóteles em sua *Metafísica*, ou Deus, em sua essência e ser, é amor e misericórdia? Se Deus é amor, como diz o Novo Testamento, então toma parte do sofrimento e aflição dos seus filhos amados. Outro ponto controverso de discussão é a questão da dor divina do Pai quando da paixão e morte de seu Filho na cruz. Deve-se pensar teopaticamente ou patripassianamente? Ou a dor do Pai pertence ao mistério trinitário da cruz de Cristo? A discussão dura até hoje e perpassa as diferentes confissões.<sup>1</sup>

O Concílio Vaticano II impulsionou e inspirou a teologia católica a mergulhar fundo na reflexão, como bem o expressou o início da *Gaudium et spes*, ao mencionar, número 1, “as dores e angústias” dos homens e mulheres do nosso tempo, fornecendo as bases da reflexão católica hodierna. Assim se expressa S. João Paulo II na Encíclica *Dominum et Vivificantem*, de 1986, “Se o pecado fez aparecer o sofrimento, então a dor de Deus no Cristo crucificado encontrou por meio do Espírito Santo a sua mais plena

---

<sup>1</sup> MOLTSMANN, J. *O Deus Crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011, p. 15.

expressão humana. Aqui temos diante de nós um mistério paradoxal do amor: em Cristo, Deus sofre”.<sup>2</sup> O Papa Bento XVI, referindo-se a este mistério, afirma em sua Encíclica *Spe Salvi*, de 2007: “O ser humano é tão importante para Deus, que ele mesmo se fez humano, para poder sofrer junto com o ser humano, plenamente real em carne e sangue, exatamente como nos foi mostrado na história da paixão de Jesus”.<sup>3</sup>

Na América Latina, a teologia da cruz adquire uma interpretação bastante particular e original, porque nasce da própria realidade sofrida do povo, considerando que aqui “tanto Cristo como o continente estão hoje crucificados”<sup>4</sup>. Jon Sobrino, um dos mais importantes teólogos latino-americanos a dedicar-se ao tema, toma a cruz de Jesus como um dos elementos centrais da sua cristologia.

Espanhol radicado desde 1957 em El Salvador, Jon Sobrino tem se dedicado à reflexão teológica desde o conturbado contexto social, político e religioso da América Central, sendo um dos mais importantes nomes da Teologia da Libertação. Da sua extensa obra, destaca-se a produção em torno da Cristologia<sup>5</sup>, bastante marcada pela abordagem do Jesus histórico e seu significado para a fé no horizonte hermenêutico que oferece a realidade densa e grave do sofrimento do povo latino-americano. Neste horizonte, a cruz de Jesus e a cruz do seu corpo na história – o povo crucificado – são o ponto culminante de sua cristologia<sup>6</sup>. Mesmo considerando que a ressurreição é a última palavra de Deus sobre Jesus, a cruz será sempre o lugar da manifestação extrema do amor de Deus.<sup>7</sup>

Sobrino desenvolveu uma teologia profundamente sintonizada com os desafios do mundo contemporâneo, no marco das décadas que se seguiram ao Concílio Vaticano, desenhando uma cristologia a partir da hermenêutica nascida no contexto de uma América Central assentada em injustiças sociais seculares e convulsionada por longos anos de guerra civil.

Sua cristologia traz também as marcas da espiritualidade inaciana, que privilegia a experiência do seguimento de Jesus, com os olhos bem abertos e atentos à presença de Deus no mundo. Sendo jesuíta, Sobrino traz na raiz do seu percurso espiritual a experiência dos Exercícios Espirituais e sobre eles produziu interessante reflexão

<sup>2</sup> JOÃO PAULO II, Papa. Encíclica *Dominum et Vivificantem*, n. 41. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 64.

<sup>3</sup> BENTO XVI, Papa. Encíclica *Spe Salvi*, n.39. São Paulo: Paulinas, 2007, p. 62.

<sup>4</sup> SOBRINO, Jon. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 17.

<sup>5</sup> Obras essenciais de sua reflexão cristológica: *Jesus na América Latina* (1982), *Jesus Cristo Libertador* (1991) e *A Fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas* (1999).

<sup>6</sup> SOBRINO, 1996.

<sup>7</sup> SOBRINO, Jon. *El Cristo de los ejercicios de San Ignacio*. Santander: Sal Terrae, 1990, p. 32.

teológica, que lança algumas luzes sobre a temática da cruz e sua relevância teológica, pastoral e espiritual. No seu artigo *O Cristo dos Exercícios de Santo Inácio*, aponta para os traços da cristologia do Jesus histórico presentes na experiência inaciana, afirmando que “o verdadeiro cerne da espiritualidade e da teologia dos Exercícios se assenta no intenso conhecimento interno do Jesus histórico e da decisão iluminada e realista de segui-lo<sup>8</sup>”.

O objetivo deste segundo capítulo é, num primeiro momento, retomar brevemente alguns aspectos da cristologia de Sobrino, com ênfase no lugar que nela ocupa a cruz de Jesus. Num segundo momento, apresentaremos a leitura que ele faz da experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola, destacando nela a cruz de Jesus.

Para isso, utilizaremos como método a leitura e análise de bibliografia selecionada a respeito do tema, especificamente suas obras de cristologia e alguns artigos publicados pelo autor dedicados à reflexão sobre a espiritualidade dos Exercícios Espirituais.

## 2.2 O teólogo Jon Sobrino

Sobrino deixa-se afetar pela realidade de El Salvador<sup>9</sup>, país ensanguentado de tantas vítimas. Faz delas o elemento estruturante da teologia. Conforme sua eloquente expressão, trata-se de “descer da cruz os crucificados”. Esse é o lugar social e eclesial de sua teologia. A realidade histórica é constituída como mediação determinante para se

---

<sup>8</sup> SOBRINO, Jon. *El Cristo de los ejercicios de San Ignacio*. Santander: Sal Terrae, 1990, p. 7.

<sup>9</sup> Com uma extensão de apenas 34.126 Km<sup>2</sup> de superfície, El Salvador é a menor das seis Repúblicas da América Central, com forte densidade populacional. O regime autoritário no País foi instalado em 1931. No ano seguinte aconteceu uma reação por parte de camponeses, havendo um massacre executado pelas forças repressivas do governo. A partir de 1974 o Regime Militar levou a cabo uma ação mais sangüinária e seletiva, visando a atingir dirigentes e pontos estratégicos do movimento popular. Dois massacres repercutiram mais diretamente a nível eclesial: o de La Caytana, na Diocese de San Vicente (novembro de 1974) e Tres Calles (Diocese de Santiago de Santa Maria – junho/1975). Estas tragédias representam o começo da repressão aberta contra os cristãos.

fazer teologia<sup>10</sup>. Apropriadamente, nosso teólogo fala do “entorno vital” e ressalta que “o primado do real parece fundamental para a teologia”<sup>11</sup>.

Apesar de não se considerar um teólogo profissional, Sobrino faz parte do grupo de expoentes da Teologia da Libertação. Com extrema perspicácia, observa que fazer teologia não é exercer a profissão de teólogo, mas uma forma de ser.

### 2.2.1 Breves anotações biográficas

Jon Sobrino nasceu em Barcelona, Espanha, em 27 de dezembro de 1938. Entrou para a Companhia de Jesus em 1956, sendo ordenado sacerdote em 1969. Desde 1957, pertence à Província da América Central, residindo na cidade de San Salvador, em El Salvador, que ele adotou como sua pátria<sup>12</sup>.

Licenciado em Filosofia e Letras pela Universidade de St. Louis – USA, sua formação teológica aconteceu no período que abrange o contexto pré-conciliar, a realização e aplicação do Concílio Vaticano II e da II Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-americano, em 1968, na cidade de Medellín, Colômbia. Doutorou-se em teologia no ano de 1975, em Frankfurt, Alemanha. Sua tese versou sobre “El significado de la cruz y resurrección de Jesús en las Cristologías sistemáticas de W. Pannenberg y J. Moltmann”.

Sobrino é doutor *honoris causa* pela Universidade de Lovaina, na Bélgica (1989), e pela Universidade de Santa Clara, na Califórnia (1989). Atualmente é professor de Teologia na Universidade Centro-americana; é responsável pelo Centro Pastoral Dom Oscar Romero; diretor da Revista Latino-americana de teologia e do informativo *Cartas*

---

<sup>10</sup> Durante muitos séculos, parece que os lugares teológicos considerados eram: a Escritura, a Tradição e o Magistério da Igreja. Mas no Concílio Vaticano II, a teologia se abre à realidade circundante, à modernidade: filosofia, história, sociologia, psicologia, ciências da natureza, religiões e culturas. O Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, inicia uma nova epistemologia teológica partindo da realidade, dos sinais dos tempos (GS. 4;11;44). É preciso responder aos novos interrogantes que surgem no mundo de hoje. Esta nova metodologia se aprofunda na América Latina, a partir de Medellín, ao fazer dos pobres um lugar privilegiado. A Teologia da Libertação parte sempre da realidade do povo pobre, para desde aí ler a Palavra e em seguida ir à prática. Certamente a teologia que nasce desse contexto latino-americano é muito diferente daquela que nasce das Universidades europeias ou norte-americanas. Cf. CODINA, Victor. Teología desde la Cancha. *Revista CBR*, La Paz, 2006, p. 5-8.

<sup>11</sup> SOBRINO, Jon. Teología desde la realidad. In SUSIN, L. C. (org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 153-170. p. 154.

<sup>12</sup> Jon Sobrino foi para El Salvador em 1957 como noviço da Companhia de Jesus. Desde então, passou a viver neste país, com duas grandes interrupções: cinco anos em St. Louis (Estados Unidos), para estudar filosofia e engenharia e sete anos em Frankfurt (Alemanha) onde estudou teologia. Cf. SOBRINO, J. *O princípio Misericórdia: Descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 12.

a las Iglesias. Participa ainda de atividades pastorais e presta assessorias; orienta cursos e palestras, bem como participa de congressos em várias partes do mundo.

## 2.2.2 Percurso teológico e influências

Ao descrever sua trajetória teológica, Sobrino se refere a uma etapa prévia e a dois momentos significativos.

Na etapa prévia – que abarca o período da juventude e os primeiros anos de vida sacerdotal –, a vivência da fé e da vocação desafiava muito mais a vontade que a inteligência, isto é, “não levava a refletir”. Entretanto, foi neste período que foram lançadas raízes e sementes que mais tarde vão dar seus frutos; estavam implícitas muitas perguntas e um modo de pensar que desabrochariam mais tarde<sup>13</sup>.

A essa etapa prévia, sucederam-se dois momentos expressivos. Sobrino os compara a um duplo despertar: do “sono dogmático” e do “sono da cruel inumanidade”.<sup>14</sup> No primeiro momento da trajetória teológica de Sobrino, são mais explícitas as influências da teologia moderna – aquela que se inicia após o fim da 1ª guerra mundial, por volta de 1920<sup>15</sup>. Destacam-se, entre outras, as figuras de K. Rahner, J. Moltmann, E. Schillebeeckx e W. Pannenberg. Nesta primeira etapa, o pensamento de Sobrino reflete a presença da teologia moderna e progressista europeia, especialmente a forte influência do pensamento de Karl Rahner<sup>16</sup>. Entre outras, três categorias teológicas são destacadas: a radicalização antropológica (“toda a teologia é eternamente antropologia”), a concentração cristológica (Cristo é o homem mais radical possível), a centralidade do Reino de Deus (Jesus anuncia o Reino e isso é central em sua vida e missão). O conceito rahneriano de “mistério” marcará profundamente o pensamento teológico de nosso teólogo, numa tríplice vertente: o mistério de Deus, o mistério do ser humano e o mistério da realidade<sup>17</sup>. Esta descoberta teve consequências decisivas para sua trajetória teológica,

<sup>13</sup> SOBRINO, 2000, p. 158.

<sup>14</sup> *Ibid.*, p. 155-161.

<sup>15</sup> CAPORALE, V. *Dimensione antropológica della cristologia moderna*. Napoli: M. D’Auria Editore Pontificio, 1973. p. 10.

<sup>16</sup> Karl Rahner, natural de Friburgo (Alemanha). Ingressou na Companhia de Jesus em 1922. Foi professor de Teologia Dogmática em várias Universidades em seu país desde 1948. Foi um dos peritos do Concílio Vaticano II. Membro da Comissão Teológica Internacional de Teólogos. Suas obras e seus inúmeros escritos foram traduzidos em vários idiomas. Faleceu em 30 de Março de 1984.

<sup>17</sup> “A teologia de Rahner – para dar um exemplo de mais impacto e benefício para mim – acompanhou-me durante aqueles anos, e suas páginas sobre o mistério de Deus continuam me acompanhando até o dia de hoje”. SOBRINO, *O princípio misericórdia*, p. 13.

constituindo uma espécie de substrato teológico<sup>18</sup>. “Todo o conhecimento teológico (e humano) tem que participar do mistério”<sup>19</sup>.

Outro pensamento teológico europeu que marcará a teologia de Sobrino é o de Jürgen Moltmann<sup>20</sup>, particularmente a compreensão dialética de Deus. A ênfase colocada sobre o “Deus Crucificado” e o sentido libertador da cruz<sup>21</sup>, possibilita uma volta para a realidade dos sofridos do mundo, cuja realidade se identifica com a da cruz. A cruz é, portanto, um questionamento permanente da existência cristã.

No segundo momento da atividade teológica de Sobrino, percebe-se a decisiva influência de sua vivência em El Salvador e na América Latina. Ele se dá conta, em primeiro lugar, da necessidade de se fazer uma releitura da teologia europeia. Mais tarde, constata que é necessário fazer uma teologia convincente para a situação de El Salvador e para a realidade de injustiça, já que o país em que vive se encontra em um continente marcado por extrema pobreza e exclusão social. A vivência direta e comprometida com a situação dos pobres e o amadurecimento teórico são fatores configuradores da segunda fase teológica de Sobrino. A realidade martirial vista de perto por ele merece destaque especial, considerando que o seu contato direto com várias pessoas que foram martirizadas marcou-o tão profundamente que isso transparece de forma constante em seus escritos.

Do ponto de vista teórico, duas figuras marcaram o pensamento teológico de Sobrino. Trata-se de José Xavier Zubiri, filósofo e teólogo espanhol e, particularmente, de Ignacio Ellacuría, companheiro de comunidade e de trabalho em El Salvador<sup>22</sup>. É deste a expressão “povos crucificados”, nascida num contexto de opressão e repressão que se abateu sobre o povo pobre de El Salvador.

---

<sup>18</sup> BOMBONATTO, V. I. *O seguimento de Jesus: Uma abordagem segundo a cristologia de J. Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 23.

<sup>19</sup> SOBRINO, 2000, p. 157.

<sup>20</sup> Jürgen Moltmann é teólogo reformado. Nasceu em 1926, em Hamburgo, na Alemanha. Doutorou-se em 1952. Lecionou História dos dogmas e Teologia Dogmática em Wuppertal e Bonn. É conhecido como teólogo da “esperança”. Mostra preocupação e sensibilidade para os problemas sociais e ecológicos de nosso mundo de hoje.

<sup>21</sup> MOLTSMANN, J. *O Deus Crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011, p. 218.

<sup>22</sup> Ignacio Ellacuría é também filósofo e teólogo espanhol. Foi enviado a El Salvador em 1949. cursou Humanidades e Filosofia na Universidade Católica de Quito (Equador). Estudou Teologia na Universidade de Innsbruck, na Áustria. Foi reitor da Universidade Centroamericana de San Salvador. Discípulo e colaborador de J. X. Zubiri e prestou relevante colaboração a D. Oscar Romero.

Destaque mais especial ainda merece a pessoa de Dom Oscar Romero<sup>23</sup>, mártir da justiça. Seu testemunho profético e corajoso foi decisivo para o desabrochamento teológico de Sobrino. Surge, a partir daí, uma teologia enraizada na realidade de pobreza e opressão, comprometida em “descer da cruz os crucificados”<sup>24</sup>. Para nosso teólogo, o pobre é aquele “humano que nos salva e redime de nosso egoísmo e de nossa pequenez, semelhante a Jesus em quem podemos ‘ter os olhos fixos’ em nossas aflições”<sup>25</sup>.

Sobrino é um teólogo marcado pelo sofrimento e pela morte na luta em favor da vida. Pode ser chamado de “mártir sobrevivente”, por ter escapado da morte e ter vivido, na fé e na esperança, a dura experiência de ver seus companheiros assassinados, particularmente seu grande amigo Ignacio Ellacuría. Essa tragédia deixou marca profunda em sua vida e solidificou sua decisão de lutar pela justiça<sup>26</sup>.

Sobrino é testemunha da cruel pobreza e da injustiça de grandes massacres. Ele afirma que “viver em El Salvador é sempre um fardo bastante pesado de carregar”<sup>27</sup>. Mas, em meio a essa realidade de dor e de morte, em seu contato com os pobres, consegue ver luz, esperança, gratuidade, generosidade e criatividade. Por isso, de maneira simples, eloquente e carregada de convicção, expressa sua experiência de fé:

Penso que posso resumi-la nas palavras do profeta Miqueias, 6,8: “Praticar a justiça, amar com ternura, caminhar humildemente com Deus na história”, acrescentando a expressão de Jesus: com gozo e esperança<sup>28</sup>.

Neste contexto de uma sociedade injusta, desumana e pecaminosa emerge, com força evangélica, o tema da misericórdia. Sobrino, inspirando-se na expressão de Ernest Bloch – “o princípio esperança” – escreverá sua obra: “O princípio misericórdia:

---

<sup>23</sup> Oscar Arnulfo Romero y Galdámez assumiu o ministério de Arcebispo de San Salvador em 1977, em um momento de grande repressão e miséria do povo. Foi assassinado em 24 de março de 1980, quando celebrava a Eucaristia. Suas inúmeras atividades, exercidas no período de 31 de Março de 1978 a 20 de Março de 1980, estão documentadas na obra “*O profeta dos oprimidos da América Latina: diário de D. Oscar Romero*”.

<sup>24</sup> Sobrino, ao referir-se ao Bispo, assim escreve: “Convivi com D. Romero durante três anos. Vi-o pela primeira vez em Aguilares na noite em que assassinaram o Padre Rutilio Grande, S.J. Uma semana antes do seu martírio, falei com ele pela última vez, transmitindo-lhe a solidariedade dos participantes do IV Congresso Ecumênico Internacional de Teologia, celebrado em São Paulo. Recordo-me com gratidão sua amizade, o impacto de sua fé e a inspiração para a reflexão teológica”. SOBRINO, J. *Oscar Romero: Profeta e mártir da libertação*, Madrid: PPC, 1980. p. 71.

<sup>25</sup> SOBRINO. *Moseñor Romero: Exigencia, juicio y buena noticia*. En el XX aniversario de su martirio. San Salvador: UCA, 2000.

<sup>26</sup> BOMBONATTO, 2002, p. 25.

<sup>27</sup> SOBRINO, J. *Terremoto, terrorismo, barbarie y utopía: El Salvador, Nueva York, Afganistán*. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 30.

<sup>28</sup> BOMBONATTO, 2002, p. 26.

descer da cruz os povos crucificados”<sup>29</sup>. Trata-se da imperiosa necessidade de misericordiosamente voltar o olhar e o coração da humanidade para os povos crucificados, vítimas de um sistema inumano e sem compaixão. O que está em jogo no princípio misericórdia é a própria noção de que todos formam uma só família humana. Trata-se, sem dúvida, de uma utopia que nos interpela a configurar nossas vidas e nossas instituições desde “o princípio misericórdia”<sup>30</sup>.

### 2.2.3 O lugar eclesial da teologia sobriniana

O teólogo salvadorenho respirou os ares da primavera da Igreja, provocada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) e pela II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizada em Medellín (1968). Neste impulso eclesial, foi tecendo sua linha de pensar e seu fazer teológico no confronto com a injustiça e a opressão de El Salvador<sup>31</sup>, numa Igreja latino-americana que, progressivamente, se abre à causa dos pobres, os preferidos da Boa Nova de Jesus. Sobrino sabiamente observa que se faz necessário recordar a importância do Concílio Vaticano II, repensando suas intuições fundamentais, mas sem esquecer Medellín.

Retornando somente ao Vaticano II não surgirá a Igreja dos pobres... Foi em Medellín que nasceu esta intuição, depois explicitada por Puebla... Na América Latina, desde Medellín, tem sido central para a teologia auscultar a presença de Deus no sofrimento e na esperança dos pobres<sup>32</sup>.

Com agudez e sabedoria, observa: “Medellín colocou o cristianismo na direção de Jesus... Sem Medellín caímos na irrealidade do atual mundo de pobres e vítimas”<sup>33</sup>.

Assim, os pobres são novos intérpretes do refletir eclesiológico. Isso, entretanto, exige abertura e despojamento: “Experimentar Deus na Igreja dos pobres é

---

<sup>29</sup> SOBRINO, J. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 8.

<sup>30</sup> Ibid., p. 9.

<sup>31</sup> “A realidade salvadorenha nos deu muito que pensar e nos ajudou também a pensar sobre Jesus Cristo... Tanta tragédia e tanta esperança, tanto pecado e tanta graça oferecem um poderoso horizonte hermenêutico para compreender Cristo e fazem o Evangelho ter o sabor da realidade”. SOBRINO, J. *Jesus o libertador: a história de Jesus de Nazaré*, Petrópolis: Vozes, 1996. p. 21.

<sup>32</sup> SOBRINO, 2000, p. 168-169.

<sup>33</sup> SOBRINO, 2002. p. 208-209.

um processo de conversão que só se faz a partir de dentro, a partir do lugar onde o próprio Deus disse que estaria, a partir dos pobres e deserdados deste mundo”<sup>34</sup>.

### **2.3 A cristologia de Jon Sobrino no contexto da teologia latino-americana**

A reflexão teológica de Jon Sobrino, particularmente a sua cristologia, nasce no chão da América Latina, cuja história, nas últimas décadas do século XX e início do presente século, tem sido marcada por importantes acontecimentos sociais e políticos. Um continente tradicionalmente pobre e explorado, que começou a viver um processo de tomada de consciência impulsionado pelo desejo de transformação social, rumo a uma sociedade mais justa e igualitária. Um caminho difícil, marcado por muitas lutas, com avanços e retrocessos, cheio de luzes e sombras. Uma das novidades importantes deste processo é a presença de cristãos comprometidos na luta pela justiça e libertação em nome do evangelho, cristãos das classes populares de outros setores sociais, identificados conscientemente com os interesses e expectativas dos pobres e oprimidos do continente.

#### **2.3.1 Implicações da pergunta pelo Jesus histórico**

As indagações acerca do Jesus histórico atravessaram o século XX, pautando a reflexão de vários renomados teólogos, tanto católicos como protestantes, na busca de desenvolver uma teologia mais sintonizada com o pensamento contemporâneo, usando os recursos e descobertas das demais ciências, ajudando os cristãos a pensar e viver sua fé num diálogo permanente com a realidade, em um mundo cada vez mais secularizado e fascinado pela ciência e a técnica.

Na Europa, o problema do Jesus histórico surge a partir da crítica histórica, marcando primeiramente o interesse dos teólogos em termos de *saber* ou *não saber* os dados históricos sobre Jesus<sup>35</sup>. A este interesse histórico somou-se depois o interesse sistemático, ou seja, a reflexão que procura por ver no Jesus histórico a possibilidade de uma existência cristã. Como consequência disso, hoje se multiplicam, na teologia, os estudos sobre o Jesus histórico na busca de mostrar que a universalidade de Jesus não se

---

<sup>34</sup> SOBRINO, J. *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 153-161.

<sup>35</sup> SOBRINO, Jon. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 33.

revela a partir de fórmulas, símbolos, abstrações ou conceitos, que em si são universais. Paradoxalmente, a universalidade de Jesus reside no acesso ao Jesus “concreto”, à sua história.

A Cristologia nascida no continente europeu adquire, em solo latino-americano, características peculiares. Aqui, a teologia da libertação foi-se orientando espontaneamente para o Jesus histórico, pelo simples fato de que essa teologia se desenvolve no contexto de uma práxis de fé libertadora, num contexto histórico concreto. Desse modo, e dentro desta dinâmica, a pergunta pelo Jesus histórico tornou-se a base para uma cristologia encarnada, que lança luzes para a superação do risco de fazer de Cristo uma abstração, um conceito ou ideologia passível de ser utilizada ao sabor dos interesses do momento.

Entre as grandes linhas de reflexão teológica de Jon Sobrino, o tema da encarnação do Filho de Deus merece destaque. Ao “fazer-se carne e habitar entre nós” (Jo 1,14), o Verbo divino “manifesta, sem ambiguidades, a preferência, a solidariedade e a especial ternura divinas para com os pobres e sofredores”.<sup>36</sup> Este movimento quenótico evidencia o resgate da dimensão humana de Jesus na cristologia sobriniana, como comenta o teólogo Carlos Eduardo Catalfo, ao referir-se à análise que ele que faz do Prólogo do Quarto Evangelho:

Através de uma detalhada hermenêutica exegética e sistemática, Sobrino descreve a riqueza e a profundidade do prólogo joanino, evidenciando o significado e a relevância do mistério do Deus-Homem, encarnado na plenitude do tempo (cf. GL 4,4). Jesus é a Palavra, a Verdade e a Boa-Notícia que se faz carne na história humana, para oferecer dignidade de vida, misericórdia e redenção ao homem dilacerado pela miséria, pela opressão e pelo pecado.<sup>37</sup>

Em tom autobiográfico, Sobrino descreve o impacto da descoberta do mundo dos pobres para a sua cristologia. Na introdução da obra *O princípio misericórdia* refere-se às mudanças que o fizeram ver a verdade da realidade – verdade dos seres humanos e verdade de Deus. Ele diz que despertou

de um sonho de inumanidade para uma realidade de humanidade. Aprendemos a ver Deus a partir deste mundo de vítimas e aprendemos

---

<sup>36</sup> CATALFO, Carlos Eduardo. A teologia da encarnação na cristologia de Jon Sobrino. In: SOARES, Afonso Maria Ligório (org). *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 63.

<sup>37</sup> CATALFO, 2009. p. 64.

a ver este mundo de vítimas a partir de Deus. Aprendemos a exercitar a misericórdia e a ter nisso alegria e sentido da vida.<sup>38</sup>

### **2.3.2 O seguimento de Jesus, princípio epistemológico e hermenêutico fundamental**

A cristologia de Jon Sobrino é uma ampla e profunda reflexão sobre a importância do seguimento de Jesus, não apenas como questão de espiritualidade pessoal, mas também como lugar desde o qual se acessa e se conhece Jesus e é possível desenvolver uma cristologia.

Na cristologia de corte mais tradicional partia-se de uma noção já conhecida de Deus e se aplicava a Jesus. Jesus aparecia mais como um Deus disfarçado de homem do que como um homem de verdade. As tentações de Jesus, seus sofrimentos e fracassos, só valiam como um exemplo, pois ele, na realidade, no mais profundo do seu ser, seu ser Deus, mantinha-se alheio a tudo isso. Neste tipo de cristologia, a vida histórica de Jesus tinha pouca ou nenhuma importância. A dimensão salvadora de sua vida ficava praticamente reduzida ao sacrifício de sua morte. A cruz, desprovida de seu significado histórico, aparece como satisfação infinita que repara a ofensa infinita do pecado. A prática e a história de Jesus não têm significado porque, no fundo, não são reais, é uma espécie de teatro. Numa cristologia assim não faz o menor sentido falar de seguimento de Jesus, porque o histórico está desprovido de significado, é abstrato e não tem densidade teológica.

A perspectiva da cristologia de Sobrino é outra. Segundo ele, para dar consistência e densidade à teologia e à vida cristã é necessário recuperar a história de Jesus. Para isso, é necessário começar recuperando aquilo que é o mais profundo de Jesus: a sua fé. Citando Leonardo Boff, Sobrino afirma que “Jesus foi um crente extraordinário e teve fé. A fé foi o modo de existir de Jesus”<sup>39</sup>. Portanto, “com os olhos fixos naquele que é o iniciador e o consumidor da fé, Jesus, corramos no certame que nos é proposto” (Hb 12,1-2). Este texto da Carta aos Hebreus aponta muito claramente a possibilidade de seguimento de Jesus, pois ele é o “pioneiro” e o “consumidor” da fé. É exatamente aí, na realização e na história dessa fé, e em nosso prosseguir esta história, onde conhecemos que Jesus é o Filho:

---

<sup>38</sup> SOBRINO, 1994, p. 28.

<sup>39</sup> SOBRINO, 1983, p. 98.

Se no caminho de Jesus, isto é, se a revelação do caminho do Filho fosse incapaz de incorporar outros a este caminho, então Jesus não seria o Filho. Neste sentido, à divindade de Jesus corresponde ser o “primogênito”, o que conhece o caminho para Deus e o possibilita a seus irmãos.<sup>40</sup>

## 2.4 A contribuição teológica de Jon Sobrino

Sua primeira obra – *Cristologia a partir da América Latina*: esboço a partir do seguimento de Jesus histórico –, publicada em 1976, assinala a incorporação de Sobrino entre os teólogos da libertação. A partir de então, o teólogo salvadorenho destacou-se por uma ampla produção teológica, com inúmeros livros e artigos de revistas. Seu maior mérito está no fato de ter contribuído para a elaboração de uma cristologia da libertação, articulando, com fina sensibilidade teológica, os marcos da teoria e da práxis, da história e da transcendência. “No panorama da cristologia latino-americana, suas obras se tornaram referência obrigatória”<sup>41</sup>, a ponto de Sobrino ser considerado “um dos maiores expoentes do universo teológico atual”<sup>42</sup>.

José Comblin situa o labor teológico do nosso teólogo como uma das tendências atuais da Teologia da Libertação, pois ele desenvolveu “a revisão da teologia a partir da opção pelos pobres, assim como a necessária conversão da Igreja. As obras de J. Sobrino destacam-se nesta linha”<sup>43</sup>.

A produção teológica de Sobrino é vasta e rica. Abrange vários campos fundamentais da teologia, tais como o mistério de Deus, a espiritualidade, a eclesiologia e, particularmente, a cristologia. É quase impossível analisá-la em sua globalidade. Daí a necessidade da escolha de um tema e de uma perspectiva de abordagem. O tema da misericórdia nos possibilita captar o que é mais original na teologia sobriniana: pensar a fé em Cristo no contexto dos povos crucificados.

A publicação do livro *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*, em 1992, assinala marco importante no pensar teológico de Sobrino. Na apresentação, descreve o objetivo da obra: centrar-se no imperativo essencial da misericórdia e na conseqüente necessidade de configurar a missão da Igreja e da atividade

---

<sup>40</sup> SOBRINO, 1983, p. 108.

<sup>41</sup> BOMBONATTO, 2002, p. 26.

<sup>42</sup> BOMBONATTO, V I. O compromisso de descer da cruz os pobres: cristologia da libertação. In: VIGIL, J. J. (org.). *Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 38.

<sup>43</sup> COMBLIN, J. 30 anos de teologia latino-americana. In. SUSIN, L. C. (org.). *O mar se abriu*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 192.

teológica a este imperativo<sup>44</sup>. A misericórdia é eleita como princípio configurador do cristão e do humano. “Não há nada mais essencial que o exercício da misericórdia diante de um povo crucificado, e não há nada mais humano e humanizante que a fé”<sup>45</sup>. O Autor quer, portanto, mostrar a imperiosa necessidade da misericórdia diante dos povos crucificados. No dizer de Francisco Taborda, esta obra é “um livro de grande sensibilidade evangélica, que merece ser lido e meditado para sermos questionados em nossa dureza de coração”<sup>46</sup>.

Este tema da misericórdia já vinha sendo explicitado nas obras anteriores. Vejamos. É o caso de *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, o lugar teológico da ecclesologia* (1981), *Jesus na América Latina: seu significado para a fé e a cristologia* (1982), *Jesus Cristo, o libertador I: a história de Jesus de Nazaré* (1991), *A espiritualidade da libertação: estrutura e conteúdos* (1992). Posteriormente, sua obra de maior vulto - *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas* (1999) - retoma o tema da misericórdia, dando-lhe contornos teológico-éticos. Trata-se do insondável mistério de Deus e do compromisso de descer da cruz os povos crucificados<sup>47</sup>: uma abordagem da misericórdia diante do mundo das vítimas que clamam por uma ação misericordiosa, fundada na justiça e na solidariedade. Sobrino insiste na necessidade de configurar nossas vidas e a vida da Igreja a partir do “princípio misericórdia”.

## 2.5 A abordagem sobriniana da cruz de Jesus

Ao longo dos séculos, a cruz de Jesus tem sido interpretada de diversas maneiras. Dentre tantos modos de compreendê-la, o sentido devocional foi-se impondo na tradição das comunidades e no modo de viver dos cristãos, ganhando mais importância do que o sentido original, considerando que a morte de Jesus na cruz é vista pela maioria como um desígnio divino para a salvação da humanidade, sendo este um dos fundamentos da fé cristã: Jesus Cristo nos salvou por sua morte na cruz. Com o passar do tempo, à cruz em si mesma acabou sendo atribuído um valor salvífico: a cruz, sem a história do Jesus, que nela foi crucificado e morreu.

---

<sup>44</sup> SOBRINO, 1994, p. 7.

<sup>45</sup> Ibid., p. 269.

<sup>46</sup> TABORDA, F. Apreciações. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. LVI, 1996, p. 243.

<sup>47</sup> SOBRINO, J. *A fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 10-19.

A reflexão de Sobrino a respeito da cruz nasce justamente da inquietação de perceber o distanciamento da concepção que se tem hoje da cruz de Jesus – um símbolo às vezes esvaziado de sentido e manipulável – em relação ao evento original da crucificação.

Para isso, o autor levanta, num primeiro momento, a pergunta a respeito do sentido histórico da morte de Jesus, suas causas, o seu impacto na comunidade dos discípulos: “por que matam Jesus?”. Começa a elaborar sua resposta partindo de uma constatação inequívoca: Jesus morre violentamente, pregado na cruz, padecendo a morte mais cruel e vergonhosa de sua época. Morre como um criminoso, submetido a um julgamento, sofrendo uma condenação. Em diálogo com outros teólogos, Sobrino interpreta as razões da morte de Jesus, a partir da análise dos processos religioso e político aos quais foi submetido. A originalidade de sua reflexão reside na conclusão de que por trás do processo sofrido Jesus há uma luta entre divindades, na qual Jesus e seu Deus, ao menos em princípio, parecem ser derrotados.

Num segundo momento, Sobrino volta-se para a análise das interpretações a respeito da cruz de Jesus feitas pelas primeiras comunidades cristãs. Mais do que responder “por que mataram Jesus”, as comunidades dos primeiros discípulos e discípulas sentiram-se desafiadas a responder “por que Jesus morreu”. Esta preocupação nasce da necessidade e do desejo de encontrar um sentido para o que aconteceu com Jesus. Numa consistente pesquisa nas sagradas escrituras, o autor encontra as respostas teológicas das comunidades nascentes, que colocam Deus como o sentido último da cruz. Mas não um deus sanguinário, ídolo sedento de sangue. A cruz revela, pelo contrário, um Deus que é pleno Amor.

Sobrino chega à conclusão de que a morte de Jesus é consequência de sua práxis, de sua pró-existência histórica, o que se revela como a forma mais adequada de recuperar o sentido original da cruz de Jesus. Quanto ao sentido teológico da cruz, o autor o encontra na inter-relação encarnação-vida-morte-ressurreição de Jesus. A cruz é parte intrínseca dessa relação, dessa visão integrada e integradora das dimensões da vida de Jesus.

Evocando a originalidade cristã que professa um “Deus crucificado”, que sofre e que ama – visto que na cruz Deus sofre com o sofrimento de seu Filho –, Sobrino prossegue a sua reflexão, levantando a pergunta pelo silêncio de Deus na cruz de Jesus. Tal silêncio aponta para descontinuidades em relação à revelação de Deus como proximidade e como Pai trazidas e apresentadas por Jesus. Para Sobrino essa originalidade desfaz a visão de um “Deus onipotente”, como geralmente se pensa. A cruz

de Jesus nos faz conhecer quem é Deus: um Deus próximo, que assume em si a natureza e o sofrimento humano.

Depois de apresentar sua reflexão sobre o “Deus crucificado”, Sobrino insere na sua cristologia o conceito dos “povos crucificados”, referindo-se a eles como corpo de Cristo crucificado na história. Os povos crucificados são, analogamente, comparados ao servo sofredor de Isaías e vistos como povo martirial. Além disso, Sobrino destaca a importância de muitas mulheres e homens que doaram sua vida em nossa realidade latino-americana em favor da vida. A esses Sobrino denomina “mártires jesuânicos” e propõe uma mudança no conceito oficial de martírio para que sejam reconhecidos oficialmente como mártires.

### **2.5.1 A lógica histórica e teológica da morte de Jesus na cruz**

Jesus padeceu uma morte de cruz, isso é um fato. O significado dessa morte na cruz e seu valor salvífico têm suscitado grandes debates, pois é um dos pontos que a reflexão cristológica nos últimos anos tem procurado interpretar. Há basicamente duas concepções a esse respeito: há os que veem a morte de Jesus como desígnio divino para trazer a salvação, e há os que afirmam que a morte de Jesus foi consequência de sua práxis. Estas duas posições, se consideradas isoladamente, em desarmonia, podem desviar o sentido originário da cruz de Jesus.

A Cristologia produzida na América Latina – como toda a teologia em geral – foi um reflexo daquela que se fazia na Europa por muito tempo. Nas afirmações dogmáticas, enfatizava-se mais a divindade de Cristo do que sua verdadeira humanidade, destacando-se, assim, o seu significado salvífico individual e transcendente, em detrimento do aspecto histórico. Na religiosidade popular, de corte devocional, o destaque foi dado, sobretudo, ao Cristo sofredor, pelo fato de que o povo sentia maior proximidade a Deus em seus sofrimentos<sup>48</sup>. A partir de Medellín a reflexão cristológica ganha rosto na América Latina, marcando o nascimento de uma teologia fonte, desenvolvida a partir do seu “próprio poço”<sup>49</sup>, na expressão de Gustavo Gutierrez.

---

<sup>48</sup> SOBRINO, 2000, p.17. O exemplo típico das devoções ao Cristo sofredor é ênfase dada na Sexta-feira Santa, onde a participação do povo é maior do que nos outros dias do Tríduo pascal. Em determinadas regiões privilegia-se a procissão do Senhor morto.

<sup>49</sup> Uma das obras fundamentais de Gustavo Gutierrez tem como título *Beber em seu próprio poço*.

Nessa perspectiva, a pergunta pelo Jesus histórico ganha relevância fundamental na Cristologia latino-americana. Sobrino afirma que “O interesse que os latino-americanos têm demonstrado pelo Jesus histórico não provém do mero interesse exegético e histórico, mas porque veem nele o modo mais adequado e mais teológico de enfocar os diversos temas da teologia da libertação”<sup>50</sup>. Para ele, é necessário sublinhar que não se pode conceber nem chegar ao absoluto senão através da história<sup>51</sup>. Um dos temas centrais de sua reflexão é a cruz de Jesus como ponto fundante do seu seguimento.

O escândalo da cruz de Jesus, desde os primeiros séculos da Igreja, foi motivo de grandes debates e de rejeição por parte de muitas pessoas, considerando que é, no mínimo, contraditória a concepção de um Deus que sofre. Mas é exatamente este o núcleo que diferencia a fé dos seguidores de Jesus em relação a outras religiões. Apenas no cristianismo Deus se faz tão humano e tão próximo, identificando-se com a humanidade até mesmo na dor e no sofrimento, chegado ao extremo de morrer numa cruz.

Sobrino faz um primeiro ensaio de Cristologia em 1976, ao publicar *Cristologia a partir da América Latina*, com o objetivo de apresentar Jesus Cristo a partir da perspectiva da libertação. Anos mais tarde, em 1991, amplia a sua reflexão, na obra intitulada *Jesus, o libertador*. Assim, aprofunda os conteúdos da obra anterior e ressalta a diferença entre esta obra, que destaca Jesus como o libertador, e as Cristologias europeias. Evidenciar Jesus como o libertador adquire importância fundamental para a realidade latino-americana e para todo o terceiro Mundo, “onde campeia a cruz”<sup>52</sup>. Sobrino afirma escrever o seu livro “no meio da crucificação, mas, definitivamente, com a esperança de libertação”<sup>53</sup>. Teve o desejo de intitular sua obra *Jesus Cristo crucificado*, pois para ele tanto Cristo como o Continente estão hoje crucificados<sup>54</sup>. Podemos considerar a cruz como eixo de sua Cristologia: “O Jesus Cristo crucificado tão onipresente, é realmente uma boa notícia, é na verdade um Jesus Cristo libertador”<sup>55</sup>. Nesta obra ele faz uma leitura histórico-teológica da vida e morte de Jesus. Em 1999, completando a sua reflexão, publica a obra *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*, na qual trata da realidade última de Jesus Cristo, proclamado como Filho de Deus

---

<sup>50</sup> SOBRINO, J., El Jesús histórico, crisis y desafío para la fe, p. 202. In: *ECA*, abril, 1975, n. 318, p. 201-224.

<sup>51</sup> SOBRINO, 1983, p.16.

<sup>52</sup> SOBRINO, 1996, p. 287.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>54</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 22.

a partir da ressurreição e confessado como verdadeiro Deus e verdadeiro ser humano na fé da Igreja.

Podemos considerar a cruz de Jesus como um ponto de partida para contemplar toda a sua vida. É difícil olhar a cruz com crueza e realismo. Por isso colocamos “adornos” em torno dela para melhor explicá-la. Sobrino enfatiza que

na prática o que se costuma afirmar da cruz de Jesus é que com ela o homem foi salvo. A repetição irreflexiva desta afirmação chegou a uma concepção mágica da redenção, e no fundo, a eliminar o aspecto escandaloso da cruz histórica de Jesus<sup>56</sup>.

Jesus morreu crucificado, de forma violenta. Foi preso, torturado, assassinado, como nos confirmam os escritos neotestamentários, mais especificamente os quatro Evangelhos, onde se encontram as narrativas de sua paixão e morte. Na América Latina, a violência tem caracterizado a morte de muitas pessoas, vítimas de um sistema cruel que tem gerado multidões de “crucificados” a cada dia. Este é o ponto de partida de teologia sobriniana da cruz :

a cruz de Jesus remete às cruzes existentes, mas que estas, por sua vez, remetem à de Jesus, e que são – historicamente – a grande hermenêutica para compreender por que matam Jesus, e teologicamente, expressam em si mesmas a pergunta que não pode ser calada sobre o mistério do por que Jesus morre. Os povos crucificados no Terceiro Mundo são hoje o grande lugar teológico para compreender a cruz de Jesus<sup>57</sup>.

Em sua reflexão, Jon Sobrino apresenta duas questões relacionadas entre si, mas distintas, a respeito da morte violenta de Jesus. A primeira está relacionada à pergunta histórica pelas causas da sua morte: “por que matam Jesus?”. A segunda refere-se à pergunta teológica pelo sentido de sua morte: “por que Jesus morre?”<sup>58</sup>. Em sintonia com a reflexão dos teólogos da libertação, o autor chama a atenção para os perigos existentes nas afirmações que igualam soteriologia e cruz, considerando que as mesmas desviam a atenção dos aspectos históricos da cruz de Jesus: ela não foi um erro nem um acaso. Segundo Sobrino,

“a cruz é tudo, menos uma metáfora. Significa morte e crueldade, ao que a cruz de Jesus acrescenta inocência e indefensibilidade. Para os teólogos cristãos, a cruz remete-nos a Jesus de Nazaré. Ele é o crucificado. Por isso, ao chamar os pobres deste mundo de povos

---

<sup>56</sup> SOBRINO, 1983, p.192.

<sup>57</sup> SOBRINO, 1996, p.288.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 287.

crucificados, nós os tiramos do anonimato e conferimos-lhe a máxima dignidade”<sup>59</sup>.

## 2.5.2 A perspectiva soteriológica: da cruz como escândalo à cruz como salvação

Jesus foi submetido a um juízo que o condenou à morte, e morte de cruz. Era a condenação mais vergonhosa, pois este era o castigo para escravos e subversivos, segundo a lei romana, para os acusados de crimes atrozes como assassinato, furto grave, traição e rebelião.

Não se tratava somente de uma condenação particularmente cruel, mas também de um ato profundamente discriminatório. Condenar à morte de cruz os escravos e os combatentes pela resistência aos romanos significava também o seu cruel desprezo por esta gente<sup>60</sup>.

Foram os persas que introduziram a crucificação no Ocidente. Pena pouco utilizada pelos gregos, era muito usada pelos cartagineses e romanos<sup>61</sup>, embora nunca fosse aplicada a estes últimos. Os cidadãos romanos, quando condenados, podiam ser decapitados. A Lei judaica não menciona a crucificação. A pena adicional para blasfemos ou idólatras, no direito penal judaico, consistia em “pendurar no madeiro após a morte mediante apedrejamento ou decapitação (Dt 21,22s), e assim o executado era tachado publicamente como amaldiçoado por Deus: ‘Maldito quem for pendurado no madeiro’” (Dt 21, 23b)<sup>62</sup>.

Os romanos são os principais responsáveis diretos pela morte de Jesus, pois o direito de proferir sentenças de morte (*ius gladii*) era reservado a eles. Os judeus tinham perdido o direito de conduzir processos com penas capitais quarenta anos antes da destruição do templo (70 d.C)<sup>63</sup>. Jesus morreu como um condenado; houve, portanto, um processo e uma razão para tal condenação à morte.

Sobrino afirma que foi a concepção que Jesus tinha de Deus que o levou à cruz<sup>64</sup>. Para chegar a tal afirmação, toma como ponto de partida a análise dos processos religioso e político de sua condenação.

<sup>59</sup> SOBRINO, J. Epílogo, p. 350. In: VIGIL, J.M. (Org.), *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 345-357.

<sup>60</sup> KASPER, W., *Gesù, il Cristo*. Brescia: Queriniana Editrice, 1992, p. 153.

<sup>61</sup> MCKENZIE, J. L., Cruz, p. 203. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 203-204.

<sup>62</sup> KESSLER, H., Cristologia, p. 256. In: SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 219-400.

<sup>63</sup> THEISSEN, G.; MERZ, A., *O Jesus histórico*. Um manual. São Paulo: Loyola, 2000, p. 482.

<sup>64</sup> SOBRINO, 1983, p. 216.

Há muitas discussões exegéticas a respeito da historicidade dos processos apresentados pelos relatos evangélicos. Poucas informações são aí encontradas sobre o que aconteceu historicamente nos interrogatórios conduzidos pelas autoridades judaicas e romanas. No entanto, são historicamente certos os fatos da crucificação, da condenação por Pilatos e da inscrição no alto da cruz em três línguas conhecidas dos judeus<sup>65</sup>. As narrativas da paixão são tecidas por explicações teológicas com o objetivo de oferecer um sentido para o que aconteceu com Jesus. São relatos descritos desde a perspectiva da ressurreição, considerando que a fé da comunidade cristã tem aí a sua origem – é a partir deste evento que ela se torna consciente de si mesma. Assim, nas narrativas dos evangelhos, encontramos a história, entremeada por reflexões teológicas dos autores e interpretações de fé das comunidades, que acabam por dificultar ver a morte de Jesus como uma morte criminosa e escandalosa<sup>66</sup>.

Jesus é julgado pelos chefes religiosos do seu povo, e segundo os Sinóticos, é condenado como blasfemador (Mc 14,64; Mt 26,66) e por isso deveria morrer. As causas históricas que levaram Jesus a esta condenação é a questão levantada por Sobrino.

Em matéria religiosa, Jesus foi um liberal. Suas práticas levantavam sérios questionamentos à opressão que a religião impunha ao povo, devido à concepção de Deus que possuíam. Jesus questiona a reverência a Deus prestada através do rito e do culto como justificação automática da pessoa religiosa. O que traz a salvação não são as práticas da lei em detrimento do ser humano, pois Deus não é manipulável.<sup>67</sup> Sobrino afirma que “o culto, além de hipócrita, necessita literalmente de sentido se não está acompanhado do amor ao irmão, porque não é nem pode ser a maneira de corresponder a Deus”<sup>68</sup>. Exemplo típico é a rigidez da observância do sábado sublinhada por Jesus (Mc 2,23ss; Mt 12,1-8; Lc 6,1-5; Jo 5,9ss). “Deus não é um ser egocêntrico, cuja realidade é ser para si mesmo, mas é um ser para os outros”<sup>69</sup>. Além disso, Jesus “pregou um rigorismo ético e exigente e um total desprendimento daquilo que comumente é considerado bom (família, posses etc.) daqueles que o seguem”<sup>70</sup>. Foi exatamente devido

---

<sup>65</sup> BOFF, L. *Paixão de Cristo – Paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado, ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 52. As línguas eram o aramaico, o dialeto local; o grego, a língua do mundo romano; e o latim, a língua oficial da administração romana.

<sup>66</sup> SOBRINO, 1983, p.196.

<sup>67</sup> *Ibid.*, p. 216.

<sup>68</sup> SOBRINO, J. *A oração de Jesus e do cristão*. São Paulo: Loyola, 1981, p. 30.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 33

<sup>70</sup> SOBRINO, 1983, p. 215.

a atitudes como estas que Jesus entrou historicamente em conflito com os líderes religiosos.

Segundo Sobrino, a razão da condenação de Jesus é o fato de querer destruir o templo (Mt 26,61; Mc 14,58). O templo era o centro configurador da sociedade judaica, assim é compreensível que os dirigentes judaicos, que eram religiosos, políticos e ricos ao mesmo tempo, quisessem eliminá-lo<sup>71</sup>. Ora, Jesus, ao longo de sua vida, pregou o Reino de Deus e denunciou o antirreino, apresentando uma alternativa diferente para uma relação com Deus não mais centrada no templo, que havia se tornado o centro de uma teocracia política, social e econômica da vida de Israel<sup>72</sup>. O modo como Jesus falava de Deus, tornando-o presente no mundo, de modo tão diferente do que pensavam as autoridades, o levou a morte. Ele é, portanto, condenado em nome de um deus<sup>73</sup>.

O processo político, diante do procurador romano Poncio Pilatos, ratificou a decisão do Sinédrio. As acusações de ordem religiosa são transformadas em difamações de ordem política. Segundo Sobrino, nos relatos evangélicos há uma tendência a transferir a responsabilidade da morte de Jesus aos chefes judeus e não a Pilatos<sup>74</sup>. Não há dúvida, porém, de que Jesus morreu crucificado como um malfeitor político e subversivo, por ter-se proclamado o rei dos judeus, tendo sido condenado a um tipo de morte que apenas os romanos poderiam realizar. Prova disso é a equiparação a Barrabás, na oferta de troca de prisioneiros que Pilatos fez à multidão. Olhando por esta perspectiva, ambos eram subversivos políticos.

Dois tipos de acusações são levantadas para conseguir a condenação de Jesus nesse processo político. Uma baseada em fatos político-subversivos supostamente atribuídos a Jesus, e outra com base na oposição religioso-política, que Jesus representava em relação a Roma. Esta última será a acusação que o levará a ser condenado<sup>75</sup>. Há a acusação de subversão por não querer pagar o tributo a César, relatada em Lucas (23,2) e João (19,12-15), sendo Jesus apresentado como alguém politicamente perigoso diante de Pilatos, pois pretende ser rei. No relato joanino, porém, Jesus se declara rei, porém de “um reino que não é deste mundo”, excluindo a ideia de que tenha pretensão do poder político<sup>76</sup>.

---

<sup>71</sup> SOBRINO, 1996, p. 302.

<sup>72</sup> *Ibid.*, p. 302

<sup>73</sup> *Ibid.*, p. 302.

<sup>74</sup> *Ibid.*, p. 303.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p. 303.

<sup>76</sup> *Ibid.*, p. 304-305.

As acusações feitas a Jesus pelas autoridades judaicas não convencem Pilatos, que até procurou livrá-lo, acreditando em sua inocência (Jo 18,38b). No fim do processo, porém, é o próprio Pilatos quem condena Jesus à morte. Sobrino destaca que foram as palavras dos judeus que levaram Pilatos a condená-lo: “se soltas este homem, não és amigo do Imperador, porque quem se faz rei se declara contra César” (Jo 19,12)<sup>77</sup>. A condenação de Jesus é injusta, resultado de chantagens e jogos de poder. A tese defendida por Sobrino sobre o porquê matam Jesus é assim formulada:

As divindades e suas mediações estão em luta, e por isto, também seus mediadores estão em luta. O processo contra Jesus é um processo contra o mediador, mas é realizado para defender uma mediação e isso é feito em nome de um deus. Em outras palavras, o processo contra Jesus é também um processo contra seu Deus. A partir de agora se pode ver a tragédia que vai acontecer. Jesus será condenado à morte em nome de um deus, e Jesus e seu Deus parecem perder no processo<sup>78</sup>.

Trata-se, portanto, de uma luta entre deuses, “na sua dupla ramificação de ‘luta entre as mediações’ e de ‘luta entre os mediadores’<sup>79</sup>. Jesus e Pilatos são os dois mediadores. As duas mediações são o Reino de Deus e o Império romano. Por trás deles está a luta entre duas divindades: o Deus de Jesus versus o deus de Pilatos, o imperador César. O reino de Deus, no entanto, não se instalará através do poder. É por essa razão que Jesus não prega nenhum nacionalismo religioso nem teocracismo político, como o dos zelotas. O reino de Deus será um reino de verdade, justiça e amor. E será instalado pela graça, não pela força, como esperavam outros grupos do seu tempo<sup>80</sup>.

Jesus foi sistematicamente perseguido por sua forma de apresentar Deus e seu reino a seus destinatários. Os processos religiosos e político são frutos desta perseguição. O modo como Jesus realizava o anúncio do reino de Deus incomodava as estruturas estabelecidas pelos dirigentes da sociedade (Mt 6,33;18,3;19,23; Mc 10,23-27; Lc 18,24-25). L. Boff afirma que “a aceitação que Jesus encontrava nas camadas populares preocupava as autoridades, causando-lhes inveja e má vontade”<sup>81</sup>. Jesus enfrenta os poderes opressores. O seu modo de agir é solidário e inclusivo, o que atrai a ira dos poderosos que só sabem maltratar e desprezar os pequenos. Sobrino diz que “a perseguição é ocasionada porque Jesus ataca os opressores (dimensão histórica), os quais, além disso, justificam a opressão em nome de Deus (dimensão transcendente). E, ao

---

<sup>77</sup> SOBRINO, 1996, p. 305-306.

<sup>78</sup> *Ibid.*, p. 300.

<sup>79</sup> TAVARES, S. S., *A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo*. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 37.

<sup>80</sup> SOBRINO, 1996, p.314.

<sup>81</sup> BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*, 21ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 114.

atacá-los, defende suas vítimas”<sup>82</sup>. O escândalo da cruz encontra-se em sintonia com as inúmeras cruces da história. D. Romero expressa bem esta realidade nas palavras dirigidas a alguns camponeses tomados pelo terror, após terem sobrevivido a um massacre no município de Aguilares: “Vocês são o divino transpassado”<sup>83</sup>.

### 2.5.3 O sentido da cruz: interpretações das primeiras comunidades cristãs

Por que Jesus morreu? Esta era a pergunta que latejava na cabeça e no coração dos primeiros seguidores e seguidoras de Jesus nas comunidades cristãs primitivas. Devia haver uma explicação, algum significado, considerando que na cruz não morreria um ser humano qualquer, mas o Filho de Deus. Segundo Sobrino, “o Novo Testamento tem uma resposta precisa a essa pergunta *depois* da ressurreição”<sup>84</sup>. Para proceder racionalmente diante de um fato em si mesmo escandaloso como a morte de Jesus na cruz, a primeira explicação possível é que “isso pertence ao mistério de Deus”. Haveria, porém, algum significado bom e positivo num evento em si mesmo mau para Jesus e para todos? Sim. “Através da cruz de Jesus Deus concedeu salvação”. Esta resposta, no entanto, pode fazer-nos correr o risco de desvirtuar ou suavizar o que há de escândalo na cruz de Jesus e nas cruces da história. Por isso, é necessário considerar que as explicações e o sentido que os cristãos dão para a cruz de Jesus são objeto de fé<sup>85</sup>. As primeiras comunidades cristãs não apresentam respostas sobre o porquê histórico da morte de Jesus. As suas respostas situam-se mais no nível teológico. Ao transmitir a mensagem da ressurreição, os cristãos sentiram a necessidade de pensar, elaborar uma reflexão a respeito do escândalo da cruz<sup>86</sup>.

Num primeiro momento, os cristãos situam a resposta sobre o porquê da morte de Jesus na cruz no mistério de Deus<sup>87</sup>. Só nele se justifica a morte de Jesus. A reflexão sobre a questão foi-se desenvolvendo desde os primeiros anos da experiência cristã. Já no escrito mais antigo do NT encontra-se a consideração da cruz de Jesus como o destino de um profeta: “eles (os judeus) mataram o Senhor Jesus, como mataram os profetas e como também perseguiram a nós...” (1Ts 2,15). A comunidade cristã liga a perseguição que estava sofrendo ao destino dos profetas e o de Jesus. Os evangelhos recorrerão a esta

---

<sup>82</sup> SOBRINO, 1996, p. 294.

<sup>83</sup> SOBRINO, 2007, p. 350.

<sup>84</sup> SOBRINO, 1996, p. 320

<sup>85</sup> *Ibid.*, p. 320.

<sup>86</sup> KESSLER, 2002, p. 269.

<sup>87</sup> SOBRINO, 1996, p. 321-323.

explicação ao referirem-se à rejeição de Israel aos profetas (Mt 23,37; Mc 12,2ss, Lc 11,49-50; Mt 23,34ss); os sinóticos acrescentam que o profeta rejeitado retornará para julgar seus verdugos (Lc 12,8-9; Mt 10,32-33s; Mc 8,38). Pensar a morte de Jesus como a morte de um profeta esclarece por que o mataram, mas ainda não responde à questão do sentido da sua morte.

Para os cristãos vindos da tradição judaica, uma importante explicação da cruz era a argumentação de que ela já estava predita nas Escrituras. Esse argumento amenizava o choque produzido pelo escândalo da cruz. O relato dos discípulos de Emaús (Lc 24,13-35) destaca este anúncio. Paulo afirma que “Cristo morreu por nossos pecados segundo as escrituras” (1Cor 15,4). No relato de Marcos encontramos Jesus interpretando sua morte como predita nas escrituras (Mc 8,31; 9,31; 10,33). Estes textos, porém, ainda não respondem ao por que da morte de Jesus.

A comunidade cristã dá um passo mais teologal quando assevera que Jesus morre “segundo os desígnios da presciência de Deus” (At 2,23; 4,28). E mais ainda quando diz que “que a cruz era necessária” (Lc 24,26; Mc 8,31), expressão que acaba por se tornar um termo técnico para esclarecer o porquê da cruz.

Embora muitos textos lancem alguma luz sobre a cruz de Jesus, é necessário reconhecer que todos fazem remontar a explicação do seu sentido ao próprio Deus.

#### Segundo Sobrino

apelar em última instância para Deus, para que ao menos nele a cruz tenha sentido, mostra, por um lado, a renúncia das pessoas a encontrarem esse sentido, o que é sinal de honradez para o que em si mesmo é só tragédia e escândalo. E mostra, por outro lado, a teimosia destas mesmas pessoas em manter que existe algum sentido; em outras palavras, que a história não é absurda, que a esperança continua sendo uma possibilidade. E colocam esse sentido em Deus<sup>88</sup>.

O porquê da morte na cruz só tem resposta em Deus. Isto significa que a morte não é última palavra, mas o próprio Deus. Esta convicção traz um certo alívio para a razão, mas também pode significar um perigo: pensar assim é eliminar as arestas do escândalo da cruz, posto que já se possui a resposta para o porquê – o desígnio de Deus. Mais perigoso ainda seria a pretensão de se saber por que e como a cruz de Jesus se torna algo lógico e até necessário em Deus<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> SOBRINO, 1996, p. 322.

<sup>89</sup> *Ibid.*, p. 322-323.

A explicação do porquê da cruz apelando para o mistério de Deus não é capaz de dirimir um questionamento necessário: por que foi esse e não outro o desígnio de Deus? Ou ainda: como um Deus bom, libertador dos oprimidos, pode querer a morte do próprio Filho? “A bondade de Deus e o fato nu da cruz do Filho parecem incompatíveis”. É neste ponto da reflexão que se deve passar necessariamente da pergunta noética – por que Jesus morre? – para a pergunta salvífica: para que Jesus morre e o que há de bom na cruz de Jesus, já que esse é o desígnio de um Deus bom?”. A esta pergunta o Novo Testamento responde: é pela cruz de Jesus que Deus nos salvou do pecado (At 5,31; Jo 11,50-52; 2Cor 5,14-15; 1Tm 2,6; Jo 6,51)<sup>90</sup>.

Ao refletir sobre o “para-quê” salvífico da cruz, os escritos neo-testamentários apresentam alguns pontos que merecem atenção, segundo Sobrino. O primeiro deles é o risco de se restringir a ideia de salvação à “salvação do pecado” trazida pela cruz de Jesus. Embora este seja um termo totalizante, é importante lembrar que o reino de Deus anunciado por Jesus traz salvações plurais, e pode ser que estas não estejam sendo mais explicitadas, como por exemplo, a salvação de qualquer tipo de opressão interna ou externa, espiritual e física, pessoal e social. O segundo ponto é a necessária distinção entre dois níveis da reflexão: os cristãos não têm dúvida de que Deus quer salvar e que quer salvar através de Jesus. Mas é preciso esclarecer o que há especificamente na cruz que a torna mediação de salvação. No nível da fé, o mais profundo, pode-se afirmar que na cruz há salvação. No nível da reflexão, o mais teológico, pergunta-se como pode haver salvação na cruz.<sup>91</sup>

Nesta reflexão teológica sobre como na cruz pode haver salvação, os primeiros teólogos cristãos buscaram a teologia do Antigo Testamento. Os principais modelos soteriológicos que o Novo Testamento apresenta unem a cruz de Jesus ao sacrifício, à nova aliança e à figura do servo sofredor. Há também os escritos de Paulo, que, por sua vez, apresentam o sentido salvífico da cruz de maneira própria. Esses modelos não explicam a salvação que a cruz enquanto tal traz, mas são um modo de explicitar racionalmente que na cruz se manifestou o amor salvífico de Deus. Correm, também, o perigo de eliminar o escândalo da cruz em si mesma, o fato de Deus deixar seu Filho morrer para trazer a salvação<sup>92</sup>.

---

<sup>90</sup> SOBRINO, 1996, p. 323-324.

<sup>91</sup> *Ibid.*, pp. 323-324.

<sup>92</sup> *Ibid.*, pp. 324-325.

O sacrifício, tanto na religião de Israel como em outras religiões, é estabelecido para vencer a infinita distância que separa o ser humano de Deus, distância intransponível, por princípio, pelo pecado da criatura. O sacrifício é introduzir a oferenda do mundo da criatura no mundo sagrado, tornando-a sagrada. Ao consagrar ou consumir a oferenda o ser humano pensa que venceu a distância entre ele e Deus. Em vários lugares do Novo Testamento a figura e a ação de Jesus são relacionadas ao sacrifício, descritas numa linguagem cultural sacrificial: “cordeiro pascal imolado” (1Cor 5,7), “cordeiro reconciliador (Ap 5,9), “o sangue” de Cristo que aponta para o sacrifício da cruz (Rm 3,25; 5,9; Ef 1,7; 2,13), o “sangue derramado” por “vós”, por “muitos” nas palavras da última ceia (Mc 14,24; Mt 26,28; Lc 22,20)<sup>93</sup>. A Carta aos Hebreus, usando uma terminologia cultural-sacrificial, declara abolido todo sacrifício e todo sacerdócio anterior e posterior a Cristo. Faz uma crítica radical aos sacrifícios do Antigo Testamento. Segundo esta crítica, os sacrifícios no AT não podem vencer a separação, pois não são aceitos por Deus. O sacrifício de Jesus na cruz, porém, realiza a comunhão porque foi aceito por Deus<sup>94</sup>. O sangue expiatório da nova aliança é o sangue de Jesus (Hb 9,12- 14). O sacrifício expiatório de Jesus deve ser oferecido apenas uma vez, já que é totalmente eficaz (Hb 9,25-28)<sup>95</sup>. Jesus torna-se sacerdote e ao mesmo tempo a “oferenda perfeita” que, sendo aceita por Deus, pode trazer a salvação.

Outro modelo soteriológico do Novo Testamento é o da aliança. A relação entre aliança e salvação está presente no Antigo Testamento. Havia derramamento de sangue para selar a aliança. O Novo Testamento aplica essa relação a Jesus, cujo sangue derramado na cruz torna-se o sangue da nova aliança. A carta aos Hebreus afirma que em Jesus ocorreu uma aliança superior à do Sinai (8,6), e fora predita em Jr 31,31-34. Os sinóticos e 1Cor 11,25 afirmam que, na última ceia, o sangue de Jesus é o que produz uma aliança nova e definitiva entre Deus e os seres humanos.

A salvação que a cruz traz é explicada também no Novo Testamento pela figura do servo sofredor, descrita nos quatro cânticos de Isaías (42,1-9; 49,1-6; 50,4-9; 52,13 – 53,12). Após a morte de Jesus, a comunidade primitiva identificou os sofrimentos do servo com os sofrimentos de Jesus e se apropriou dos cânticos, principalmente do último cântico, que faz referência direta aos sofrimentos do servo para explicar como Jesus morreu. Porém, tal identificação não explicou o sentido histórico da morte de Jesus.

---

<sup>93</sup> SOBRINO, 1996, p. 325-326.

<sup>94</sup> *Ibid.* p. 326.

<sup>95</sup> MCKENZIE, 1984, p. 823.

Sobrino destaca ainda algumas reflexões que ressaltam o valor salvífico da cruz, que podem ser encontradas nos escritos paulinos. A cruz de Jesus é o tema central da pregação do Apóstolo, notadamente em três de suas Cartas: 1Cor, 2Cor e Gl<sup>96</sup>. Paulo critica os cristãos que se esquivavam da cruz: “Os judeus pedem sinais e os gregos procuram sabedoria, enquanto nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para judeus, loucura para os pagãos, mas poder e sabedoria de Deus para os chamados, quer judeus, quer gregos” (1Cor 1,22-24). Sobrino afirma que o que torna salvífica a cruz de Jesus é justamente o escândalo que ela provoca, constituindo-se uma autêntica revelação de Deus. Se Deus se revela na cruz, aceitá-lo desta forma é aceitá-lo do jeito que Ele é e do jeito que se revela, e não como nós queremos ou imaginamos que Ele seja<sup>97</sup>. Na segunda carta aos coríntios Paulo, acentua o valor salvífico da cruz, apresentando em que consiste a salvação que a cruz traz: a fraqueza máxima se transformou em força (13,4), a pobreza em riqueza (8,9), o egoísmo em descentramento (5,15), a divisão em reconciliação (5,19), ou seja, o negativo em positivo<sup>98</sup>. Na carta aos Gálatas, Paulo explica o salvífico da cruz, que nos libertou da lei convertida em maldição. Segundo ele, a lei provém de Deus e por isso é boa. A situação existencial do ser humano, porém, em sua fragilidade, converte a lei em maldição: a lei diz o que é para ser feito, mas não dá a força para fazê-lo. Sem Cristo, o ser humano ficaria condenado ao fracasso. Ao nascer sujeito à lei, Cristo resgatou os que estavam sob a lei (Gl 4,4-5). Esta libertação aconteceu na cruz, pois “Cristo resgatou-nos da maldição da lei, fazendo-se maldição por nós” (Gl 3,13)<sup>99</sup>.

Sobrino conclui que as principais interpretações da cruz nas primeiras comunidades não explicam o porquê da morte de cruz de Jesus. Os modelos soteriológicos – sacrifício, aliança, expiação vicária do servo, libertação da lei – dão consistência à afirmação de que a cruz de Jesus é salvífica. Os escritos neotestamentários não acentuam um dolorismo ou a salvação como fruto do sofrimento. O que a teologia do Novo Testamento apresenta é a vida de Jesus como vida doada com amor gratuito até o extremo. É a revelação plena do amor de Deus, que salva.

---

<sup>96</sup> SOBRINO, 1996, p. 329-330.

<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 330.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 331.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p. 331.

### 2.5.4 O Deus crucificado e os povos crucificados

Qual a imagem de Deus que a cruz revela? A imagem de um Deus Pai amoroso, próximo, compassivo, misericordioso e justo, que Jesus revelou durante a sua vida, fica ofuscada pelo silêncio e o abandono do Pai na morte de Jesus na cruz. Sobrino se pergunta: como o não fazer, o não dizer, o silêncio e o abandono de Deus na cruz de Jesus podem revelar algo de Deus?<sup>100</sup>

Uma reflexão sobre o sofrimento humano e a onipotência de Deus ajuda a começar a responder esta pergunta. O sofrimento humano questiona a onipotência de Deus. O que compreendemos por onipotência como atributo de Deus, porém, não condiz com aquilo que de fato é. Se consideramos, por exemplo, que Deus é onipotente no amor, temos que admitir que quem ama está aberto ao sofrimento. Se Deus é amor, então ele não é o Deus apático apresentado pela metafísica. Como afirma Leonardo Boff, é necessário passar da concepção de “um Deus estático, apático (que não sofre), para um Deus vivo, patético (que tem *phatos* e pode sofrer)”.<sup>101</sup> É nessa perspectiva que Moltmann apresenta o Deus cristão como o “Deus crucificado”, afirmando, a partir da cruz de Jesus, que o sofrimento afeta o próprio Deus:

Deus e sofrimento se pertencem mutuamente, da mesma forma como, nesta vida, o grito de Deus e o sofrimento experimentado na dor se pertencem. A questão de Deus e a questão do sofrimento são uma só questão. A sua resposta da mesma forma é uma só; ou então, nenhuma das duas encontra resposta satisfatória. Neste mundo ninguém consegue <sup>102</sup>resolver a questão da teodiceia, mas também ninguém consegue removê-la. Viver neste mundo significa conviver com essa questão aberta e voltar-se para o futuro, onde a busca de Deus será preenchida, o sofrimento superado e o que foi perdido será recuperado.<sup>103</sup>

A cruz de Jesus, mais do que revelar uma nova ou diferente imagem de Deus, desfaz todas as imagens que temos de Deus. Ela não revela uma imagem, pois ela não é resposta. É uma nova forma de perguntar por Deus<sup>104</sup>. Diante do sofrimento e do abandono do Filho perguntamo-nos o que a cruz revela de Deus, quem é e onde está Deus. Na Sagrada Escritura, Deus aparece como aquele que defende as vítimas, liberta o povo. As imagens reveladas são de um Deus libertador, Deus salvador, Deus próximo, Deus

---

<sup>100</sup> SOBRINO, 1996, p. 348-349.

<sup>101</sup> BOFF, 1973, p.138.

<sup>102</sup> SOBRINO, 1996, p. 348.

<sup>103</sup> MOLTSMANN, 2000, p.39-66.

<sup>104</sup> SOBRINO, 1986, p. 232.

das vítimas.... A cruz revela que “o Pai está na cruz sofrendo junto com Jesus”<sup>105</sup>, como atesta Paulo (2Cor 5,19) e o centurião no relato marcano do Evangelho: “verdadeiramente este homem era Filho de Deus (Mc 15,39)”. Deus estava presente na cruz de Jesus, como estava presente em todas as ações e momentos da vida dele: no agir generoso de Jesus, nos seus atos de perdão, na acolhida aos pequenos, marginalizados e pecadores. Portanto, se Deus esteve presente em todas essas realidades da história de Jesus, também estava presente em sua cruz.<sup>106</sup>

O “Deus crucificado” é o “Deus solidário”. Seu sofrimento na cruz revela sua solidariedade com todos os que sofrem. “Deus sofre para que o homem viva e esta é a expressão mais acabada do amor”<sup>107</sup>. Deus sofre na cruz de Jesus e sofre também nas cruzes das vítimas deste mundo. Esta solidariedade de Deus é expressão da encarnação, da participação plena na história marcada pelo bem e pelo mal. Deus é Emanuel, está conosco em todos os momentos.

Para conhecer Deus na cruz de Jesus, Sobrino propõe três considerações relevantes: a reformulação da transcendência de Deus, a insuficiência de qualquer teologia natural para conhecer a Deus e as vítimas como lugar de revelação de Deus<sup>108</sup>.

A primeira consideração refere-se ao modo como nos expressamos para falar da transcendência de Deus. “A partir da cruz, a linguagem do ‘mais’ deve ser complementada com a linguagem do ‘menos’: Deus está também no pequeno, no sofrimento, na negatividade”<sup>109</sup>. É necessário reconhecer que Deus se manifesta também no negativo, no fragmentário, reformulando nossos conceitos de Deus. “Ao Deus ‘maior’ é preciso acrescentar o Deus ‘menor’. E a transcendência de Deus se expressa agora precisamente em manter a simultaneidade da grandeza e da pequenez de Deus”<sup>110</sup>. Sobrino apresenta a morte de Jesus na cruz como um duelo entre duas divindades. Deus perde a luta e esta perda exige que a sua transcendência seja repensada: “pertence ao ser maior de Deus o fato de se tornar o Deus menor”<sup>111</sup>.

É necessário também admitir a insuficiência de qualquer teologia natural – a partir do positivo da realidade – para chegar ao conhecimento de Deus: na natureza (os gregos),

---

<sup>105</sup> SOBRINO, 1996, p.351.

<sup>106</sup> *Ibid.*, p. 353.

<sup>107</sup> SOBRINO, 1986, p. 236.

<sup>108</sup> SOBRINO, 1996, p. 357-365.

<sup>109</sup> *Ibid.*, p. 359.

<sup>110</sup> *Ibid.*, p. 357-365.

<sup>111</sup> *Ibid.*, p. 360.

no ser (Tomás de Aquino), na história (Hegel), ou na subjetividade humana (modernidade). Tal tipo de conhecimento é colocado em questão pela cruz, pois nela não aparece diretamente o positivo, mas o negativo da realidade. Na cruz ocorre uma descontinuidade no conhecimento de Deus: “Em si mesma a cruz é sofrimento, fracasso, morte, silêncio. Ali não há vida, nem beleza, nem poder, nem racionalidade, tudo coisas através das quais o ser humano pretende ter acesso a Deus”.<sup>112</sup>

Finalmente, é preciso estabelecer o lugar por excelência onde se dá o conhecimento do Deus crucificado. Este lugar são as vítimas deste mundo: “As vítimas deste mundo são o lugar do conhecimento de Deus, mas o são sacramentalmente. Dão a conhecer Deus porque o fazem presente”<sup>113</sup>. Se queremos conhecer o Deus crucificado devemos estar ao pé da cruz de Jesus e estar ao pé das cruzes da história.

Para passar da reflexão sobre “o Deus crucificado” à consideração a respeito dos “povos crucificados”, Sobrino usa o trecho de um poema de Dom Pedro Casaldáliga:

Como falar de Deus depois de Auschwitz?, vos perguntais vós, aí, do outro lado do mar, na abundância. Como falar de Deus dentro de Auschwitz?, perguntam-se aqui os companheiros, cheios de razão, de pranto e de sangue metidos na morte diária de milhões...<sup>114</sup>

A expressão “povos crucificados” refere-se às vítimas existentes nos países do Terceiro Mundo, que o autor apresenta não apenas como corpos individuais, mas em sua dimensão eclesial. Tais vítimas são o corpo de Cristo, povo de Deus. E este corpo encontra-se crucificado na história:

“Cristo tem um corpo que o torna presente na história, e por isso é preciso perguntar se esse corpo está crucificado, que parte desse corpo está crucificada e se a crucificação desse corpo é a presença de Cristo crucificada na história”<sup>115</sup>.

A originalidade de Sobrino é inserir em sua cristologia “os povos crucificados” como corpo de Cristo crucificado na história. Segundo ele, o primeiro teólogo a usar esta expressão foi seu companheiro jesuíta Inácio Ellacuría, cuja reflexão era bastante original, pois conseguia tirar da negatividade – a própria situação em que o povo vive –

---

<sup>112</sup> SOBRINO, 1996, p. 360-361.

<sup>113</sup> *Ibid.*, p. 364.

<sup>114</sup> *Ibid.*, p. 365.

<sup>115</sup> *Ibid.*, p. 366.

a positividade, que é a salvação histórica que o povo traz: “O povo crucificado é vítima do pecado do mundo e é também aquele que trará a salvação do mundo”<sup>116</sup>.

Ao recorrer à expressão “povos crucificados” para se referir às vítimas da violência e opressão, Sobrino faz questão de frisar que não se trata apenas de uma simples questão de linguagem. É uma expressão carregada de sentido e por isso mais difícil de ser silenciada: “Existem, pois, povos crucificados. É necessário e urgente ver nosso mundo assim. E é bom chamá-los assim, porque com esta linguagem se acentua sua tragédia histórica e seu significado para a fé”<sup>117</sup>.

Para reforçar a importância de recorrer a esta expressão na elaboração de sua reflexão cristológica, Sobrino descreve o povo crucificado como o atual servo sofredor dos cânticos de Isaías e como povo mártir. Recorre a Dom Oscar Romero e Ellacuría:

Monsenhor Romero dizia que Jesus Cristo, o libertador, tanto “se identifica com o povo, ao ponto de os intérpretes da Escritura não saberem se o servo de Javé que Isaías proclama é o povo sofredor ou é Cristo que vem nos remir”. Ellacuría dizia: “esse povo crucificado é a continuação histórica do Servo de Javé, do qual o pecado do mundo continua tirando toda figura humana, o qual os poderes deste mundo continuam despojando de tudo, continuam arrebatando-lhe até a vida, sobretudo a vida”.<sup>118</sup>

Sobrino apresenta uma reflexão sobre o mistério do povo crucificado e suas semelhanças com a figura do servo sofredor. O servo é “homem das dores, habituado ao sofrimento” (Is 53,3), assim como o povo crucificado, golpeado pela fome, miséria, falta de condições mínimas de sobrevivência. Quando o povo levanta a voz, reivindicando o direito e a justiça, suas aflições crescem, pois recai sobre ele a violência, o julgamento injusto e a condenação à morte (Is 42,4-7). Assim como o servo sofredor, as vítimas do povo ficam desfigurados, sem aparência humana, sem beleza (Is 52,14;53,2). São desprezíveis, perdem a dignidade “os homens não fazem caso deles” (Is 53,3).

Como o servo, que se “humilhava e não abria a boca, como cordeiro conduzido ao matadouro” (Is 53,7), os povos crucificados morrem desta maneira e muitos deles como indigentes. Assim como o servo foi submetido a um julgamento arbitrário, injusto e violento (Is 53,8), o povo tem os seus direitos negados. Apesar da sua mansidão e inocência – “embora não tivesse praticado a violência nem houvesse falsidade em sua

<sup>116</sup> SOBRINO, Jon. Aniquilação do outro, memória das vítimas: reflexão profético-utópica, p. 21. *Concilium*, Petrópolis, n. 240, p. 13-21, 1992.

<sup>117</sup> SOBRINO, 1994, p. 86.

<sup>118</sup> SOBRINO, 1996, p. 368.

boca” (Is 53,9) –, o servo foi morto, assim como acontece em muitas situações dramáticas de massacres e chacinas que atingem os povos crucificados. A realidade dos povos crucificados os torna semelhantes ao servo sofredor, mas são também o rosto de Jesus Crucificado. Sobre isso, afirma Sobrino:

“No nível do fato básico de morrer crucificado não se pode duvidar de que estes povos são os que continuam completando em sua carne o que falta à paixão de Cristo. Mas também é verdade que o povo crucificado é o que melhor remete a Jesus e permite compreender que Jesus crucificado é o servo e porque a partir da fé foi proclamado como o servo”<sup>119</sup>.

O servo foi escolhido por Deus para a salvação (Is 42,1; 49,3.7). Só mesmo um ato de fé para crer que “o que é fraco e pequeno neste mundo foi escolhido para salvar”. Aceitar que quem traz a salvação são os povos crucificados é paradoxal e tão escandaloso como aceitar a escolha do servo e de Jesus crucificado para trazer salvação ao mundo. Ao carregar o pecado do mundo, o servo salva e liberta os pecadores de seus pecados. A morte pelo pecado é a semelhança principal com o servo, pois o povo crucificado carrega sobre si o pecado de seus opressores. O povo crucificado é, ainda, luz que revela que há pecado no mundo. Assim como o servo é luz das nações (Is 42,6;49,6) que desmascara a mentira, oferece a verdade e convida à conversão, o povo crucificado também é luz que pode trazer a salvação na história<sup>120</sup>.

## 2.6 O mistério da cruz de Jesus nos Exercícios Espirituais segundo Jon Sobrino

Apesar de não ser um comentador dos Exercícios Espirituais, e, por essa razão, não ter produzido muita reflexão sobre o tema, Jon Sobrino tem alguns escritos inspiradores para uma abordagem da espiritualidade dos Exercícios, especialmente a partir do contexto latino-americano, como é o caso do artigo *El Cristo de los Ejercicios de san Ignacio*<sup>121</sup>, no qual apresenta uma reflexão baseada na interessante premissa de que “o verdadeiro núcleo da espiritualidade e da teologia dos Exercícios está fundamentado no intenso conhecimento interno do Jesus histórico e na decisão iluminada e idealista de segui-lo”<sup>122</sup>

Mesmo considerando que Santo Inácio não era teólogo e, portanto, não tinha a pretensão de fazer teologia ao escrever os Exercícios, Sobrino se empenha em desvelar a

---

<sup>119</sup> SOBRINO, 1996, p. 371.

<sup>120</sup> *Ibid.*, p. 378-380.

<sup>121</sup> SOBRINO, 1990, p. 5.

<sup>122</sup> *Ibid.*, p. 5.

verdadeira concepção teológica que aparece às vezes implícita no texto inaciano, fruto da cultura teológica e eclesial do seu tempo. “Cremos que a verdadeira teologia de Santo Inácio está orientada para uma cristologia do Jesus histórico e do seu seguimento. E daí, também, para uma certa compreensão de Deus e do pecado”<sup>123</sup>.

Antes de desenvolver esta sua tese, Sobrino alerta que é necessário explicitar alguns condicionamentos teológico-culturais presentes no texto de Inácio: Inácio era um homem medieval, ainda receoso dos avanços da ciência, que naquele tempo apenas despontavam. Para ele, os evangelhos narram autenticamente a vida de Jesus e, por isso, nas meditações sobre Jesus, ele se detém em uma série de detalhes que hoje não seriam considerados históricos. Sua tradição cultural, que é monárquica, se reflete tanto na linguagem sobre Jesus em momentos chave (“o rei eterno”) como numa concepção de Igreja hierárquica, como se nota nas regras para sentir com a Igreja (EE 352-370)<sup>124</sup>. Para ele, a Igreja era o Reino de Deus. Por isso era necessário defender sua estrutura monárquica e, concretamente, o papado. Nesse sentido, não se encontra em Inácio a moderna distinção entre Igreja como povo de Deus e Reino de Deus escatológico. Sobrino conclui:

Todas estas reflexões pertencem certamente à bagagem intelectual e provavelmente afetiva de Santo Inácio. O problema está em ver se aí está o mais típico e fundamental da experiência de Santo Inácio. Cremos que, junto com estas e outras afirmações explícitas, existe um fio condutor (às vezes explícito, às vezes implícito) onde se encontra o núcleo de sua espiritualidade.<sup>125</sup>

Para Sobrino, trata-se de uma cristologia e de uma espiritualidade do Jesus histórico, embora admita que o problema sobre o Jesus histórico não se apresentava a Inácio da forma que se apresenta a nós hoje. Segundo a exegese do seu tempo, era tão histórica a pregação de Jesus quanto sua descida aos infernos. Por outro lado, para ele “era tão evidente a concepção praxica do cristianismo, que ele nunca viu como uma alternativa real o acesso a Cristo meramente através do culto, da ortodoxia ou do misticismo”<sup>126</sup>.

Em razão desta orientação praxica dos Exercícios, o que Inácio pensa sobre o Cristo total vai aparecer mais no tipo de praxis que ele exige do que nas declarações explícitas sobre ele. A cristologia de Inácio não se desprende tanto de suas declarações

---

<sup>123</sup> SOBRINO, 1990, p. 7.

<sup>124</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 134-138.

<sup>125</sup> SOBRINO, 1990, p. 8

<sup>126</sup> *Ibid.*, p. 8

explícitas quanto do enfoque geral que dá aos Exercícios e do tipo de práxis que vai definir como “ação cristã”. A moderna discussão acerca do Jesus histórico e o Cristo da fé não estava, é claro, no horizonte inaciano, mas nos Exercícios ele “nos dá a quintessência do modo de compreender e aceder a esse Cristo total através do seguimento do Jesus histórico”<sup>127</sup>. Sobrino oferece uma breve descrição do que é típico do Jesus histórico:

Jesus, no começo de sua vida pública, prega a vinda do Reino de Deus que se aproxima em graça; prega o evangelho, a boa notícia, sobretudo aos pobres, e exige uma conversão. Depois da crise da Galileia, Jesus capta a necessidade de uma entrega não só de sua atividade, mas também de sua pessoa. Essa entrega é provocada historicamente pela conflitividade com os poderosos, tanto religiosos como políticos, que o conduz à entrega de sua vida na cruz. A exigência desse Jesus aos seus é o seguimento de sua pessoa e de acordo com os vaivéns que vai experimentando sua pessoa. A ressurreição confirmará que essa vida concreta de Jesus foi, paradoxal mas realmente, a existência do Filho de Deus<sup>128</sup>.

Traços fundamentais dessa figura de Jesus foram influenciando Inácio de Loyola em sua experiência espiritual, configurada e compartilhada no texto dos Exercícios.

### **2.6.1 A centralidade da contemplação da vida de Jesus nos Exercícios**

Para dar vida à figura de Jesus nos Exercícios, Inácio não começa pelos dogmas conciliares ou pela cristologia de Paulo ou João nem se detém numa reflexão sobre os títulos aplicados a Jesus. Ainda que creia realmente no Cristo total, no Cristo da fé, a sua intuição, no momento de propor uma mudança de vida, se volta ao que é anterior à reflexão: dirige-se à vida mesma de Jesus, pois acredita que é o histórico dessa vida que realmente pode e deve mudar o exercitante. O que move Inácio é a intuição fundamental de que “não é qualquer vida que é ocasião de esperança, mas sim esta vida de Jesus, que tomou sobre si, em amor, a cruz e a morte (Moltmann)”<sup>129</sup>.

Por isso razão, é a contemplação da vida de Jesus que compõe o maior número de meditações dos Exercícios. E não escolhe para a contemplação, por exemplo, os hinos cristológicos do Novo Testamento, como Fl 2,6-11 ou outros parecidos. Estes são reflexões teológicas e não expressam o mais original, o mais primitivo da vida de Jesus.

---

<sup>127</sup> SOBRINO, 1990, p. 8.

<sup>128</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>129</sup> *Ibid.*, p. 12.

Nos Exercícios também não têm papel importante a liturgia ou os sacramentos. Para Inácio, o que realmente pode mudar a vida de uma pessoa é a vida de Jesus. Isso supõe que a intuição de Inácio sobre o problema fundamental de como entrar em contato com Cristo não é primariamente o cútico, mas o seguimento da vida de Jesus.

Embora os exercícios não sejam em si mesmos seguimento, mas exercícios “espirituais”, eles estão dirigidos ao seguimento: são exercícios “para buscar e encontrar a vontade de Deus” (EE 1). As meditações chave da segunda semana vão dirigidas fundamentalmente a duas coisas: a seguir Jesus e a assegurar-se de que esse seguimento é segundo Jesus. No momento mais importante da segunda semana Inácio não argumenta com considerações muito elaboradas racionalmente, como as do Princípio e Fundamento. A meditação do rei temporal e do rei eterno (EE 91-100) afirma sem rodeios o fato de que a existência cristã é seguimento de Jesus. A meditação das Duas Bandeiras (EE 136-146) explicita o conteúdo desse seguimento. E a meditação sobre os Três modos de humildade (EE 1644-168) fala da razão última da existência cristã, que já não é salvar a alma – ainda que isso se pressuponha – mas configurar-se à pessoa de Jesus.

É a vida de Jesus que pode e deve renovar a existência cristã. Esta é a intuição fundamental de Inácio nos Exercícios: favorecer ao exercitante a possibilidade de impregnar-se dessa vida. Para isso, apresenta em numerosas meditações cenas dessa vida, pedindo que se façam repetições e aplicações de sentidos para que se chegue o mais possível a uma identificação com Jesus na oração e que esta abarque também o mais possível todos os níveis da psicologia do exercitante. Tudo isso para criar uma forte disposição para o seguimento a Jesus.

### **2.6.2 O Colóquio com o Crucificado na Primeira Semana**

Inácio apresenta Jesus não meramente como o logos criador, que desenvolve as possibilidades do ser humano. Ele o apresenta como o Jesus da história, o logos redentor, que leva radicalmente a sério a dimensão negativa da existência humana: o mal, a injustiça, o pecado, a morte. Na dialética que existe entre perdoar e tirar o pecado, Jesus certamente dá mais importância ao segundo: erradicar o pecado<sup>130</sup>. E isto ele o faz entregando a vida na cruz.

---

<sup>130</sup> SOBRINO, 1990, p. 13.

Sobrino afirma que nos exercícios há várias mostras de que o Jesus histórico influencia na concepção inaciana do pecado. Inácio descobre o que é a essência do “pecado” não a partir da razão natural nem da teologia paulina, mas de reparar “o que acontece” a Jesus.

O pecado é o que mata Jesus, mata o Filho. Inácio não faz a consideração, necessária hoje, de que o pecado é aquilo que não só mata o Filho, mas os filhos, isto é, os seres humanos. Mas, em princípio, ele tende a não considerar o pecado em si, mas em suas consequências.<sup>131</sup>

Há, nesse sentido, em Inácio, a tendência à historização da concepção do pecado, mesmo considerando que o modo de mostrar a concretude desse pecado seja devedor de seu tempo: “consideração das consequências do pecado dos anjos, de Adão e Eva, da pessoa que morre com um pecado mortal e dos próprios pecados (EE 50-56)”.<sup>132</sup> O interesse de Inácio não está formalmente em que o pecado seja perdoado, mas que ele seja apagado, cancelado, tirado – “para tirar de si todas as afeições desordenadas” (EE 1). O pressuposto disso é que o pecado não é só o que afeta o íntimo da pessoa humana, mas que tem uma corporificação externa, que deve ser erradicada. Esse ponto é um ponto chave da espiritualidade inaciana.

Na Primeira Semana dos Exercícios, a consideração do pecado enquanto perdoado não leva apenas ao agradecimento (EE 61), mas a uma atitude concreta, prática. Em Inácio, diante do pecado coexistem uma atitude racional e outra cristológica. A primeira considera a lógica do pecado em sua gravidade e malícia, contra a bondade infinita, merecendo a condenação. Mas o típico inaciano é a consideração cristológica: o pecado mata o Filho.

É esta historização concreta do pecado que descobre a sua verdadeira essência e que desencadeia a autêntica atitude cristã, não meramente racional, diante do pecado; de uma consideração especulativa passa-se a uma compreensão praxica: “que fiz por Cristo, que faço por Cristo, que devo fazer por Cristo” (EE 53).<sup>133</sup>

É ao pé da cruz, na contemplação do crucificado, que o exercitante faz a si mesmo este questionamento. Na proposta deste exercício subjaz, segundo Sobrino, uma concepção de conversão conforme o Jesus histórico que, na linguagem do Novo

---

<sup>131</sup> *Ibid.*, p.13.

<sup>132</sup> *Ibid.*, p. 13.

<sup>133</sup> *Ibid.*, p. 14.

testamento, é a passagem da fé ao seguimento e na linguagem inaciana é a passagem do sentir que pelo pecado Cristo morreu ao perguntar-se “o que devo fazer por Cristo?” “A problemática do pecado não termina nem na confissão sacramental, nem na conversão pessoal, nem no agradecimento por ser perdoado, mas na disposição para fazer”.<sup>134</sup>

No artigo intitulado *El seguimiento de Jesús pobre y humilde – como bajar de la cruz a los pueblos crucificados*,<sup>135</sup> Jon Sobrino atualiza o significado do colóquio com o crucificado para hoje, relacionando-o com o pecado e a situação dos pobres:

Antes de mais nada, a meditação recorda a afirmação já conhecida, mas com frequência deixada de lado, de que existe pecado e que pecado é o que dá morte: pecado é o que deu morte ao Filho de Deus e pecado é o que hoje continua dando morte na história aos filhos e filhas de Deus. Desde aí cobra toda a sua maldade moral a pobreza: é morte infligida injustamente, é pecado, é a essência do pecado. E cobra toda sua seriedade nossa existência sobre este mundo: se e de que forma participamos na geração deste pecado. Sejam quais forem as ideologias, a morte dos pobres não é fragmento, mas totalidade, não pode ser relativizada nem suavizada por nada, e diante dela a todo ser humano se dirige a pergunta “o que fizeste do teu irmão”.<sup>136</sup>

Segundo Sobrino, Santo Inácio insiste em qual deve ser a atitude do pecador e lhe propõe que tenha coragem para olhar o Cristo – vítima do pecado – enfatizando que o exercitante deve vê-lo como vítima: “vendo-o, assim, pendurado na cruz”. E insiste numa atitude do penitente, em um *fazer*, não apenas na dor interna e no propósito de emenda:

O que há para fazer hoje concretamente ante o pecado do mundo é algo que cada um, pessoas, igrejas, congregações religiosas, devem discernir; e, em qualquer caso, devem buscar as mediações analíticas para fazê-lo com eficácia. Santo Inácio, no entanto, insiste em duas coisas: em que algo – muito – deve ser feito, e daí o princípio-práxis, e em que o olhar o crucificado desencadeia a criatividade do fazer: “refletir naquilo que me ocorrer” (EE 53), pensar concretamente naquilo que devo fazer.<sup>137</sup>

Sobrino lembra, ainda, que esta meditação foi essencial para Inácio Ellacuría, que a historizou para o mundo de hoje da seguinte maneira. “Diante desse povo crucificado,

---

<sup>134</sup> SOBRINO, 1990, p. 14.

<sup>135</sup> SOBRINO, Jon. El seguimiento de Jesus pobre y humilde: cómo bajar de la cruz a los pueblos crucificados. In.: GARCIA-LOMAS, Juan Manuel (Org.). *Ejercicios Espirituales y mundo de hoy*. Congreso Internacional de Ejercicios, Loyola, 22-26 septiembre 1991. Colección MANRESA, n. 8. Bilbao: Mensajero / Santander: Sal Terrae, 1992.

<sup>136</sup> SOBRINO, 1992, p. 90.

<sup>137</sup> *Ibid.*, p. 91.

perguntar-se: o que eu fiz para crucificá-lo? O que estou fazendo para que o descrucifiquem? Que devo fazer para que este povo ressuscite?”<sup>138</sup>

No tríplice colóquio diante do crucificado, o exercitante faz a si mesmo estas perguntas como um pecador perdoado, e daí brota seu agradecimento e a generosidade do seu fazer como resposta. No mundo atual, afirma Sobrino, “o povo crucificado é a vítima do pecado, mas é também – e isso não se costuma levar em conta – quem realmente pode perdoar. E o surpreendente é que está disposto a perdoar”<sup>139</sup>. Desta forma, a práxis que surge a partir deste colóquio é uma práxis agradecida.

Esta é a mensagem central da meditação: olhar o rosto dos povos crucificados sem passar ao largo diante deles, perguntar-nos com absoluta seriedade por nossa responsabilidade em suas cruces – “por nossos pecados” –, viver e esforçarmo-nos para tirá-los da cruz. E tudo isso com o coração agradecido, porque esses povos nos acolhem e nos perdoam.

O célebre Colóquio não é tão importante porque se trata de uma conversa com Cristo, mas pelo seu conteúdo: o pecador fala com Cristo sobre o que vai fazer, sobre como vai historizar sua existência. Fora desta tendência à historização, que vai ser vivenciada na Segunda Semana, com o seguimento de Jesus, ignora-se o fundamental da concepção inaciana do pecado.

### **2.6.3 O seguimento de Jesus, no serviço do Reino, sob a bandeira da Cruz**

O conteúdo mais original e o mais típico dos Exercícios está, segundo Sobrino, na Segunda Semana, que é toda dedicada à contemplação do Jesus histórico, mas sob uma ótica determinada: a da eleição, do seguimento, do serviço ao Reino. Logo no início desta etapa da experiência, Inácio propõe uma meditação que é chave para todas as contemplações que virão a seguir: “o chamado do rei temporal ajuda a contemplar a vida do Rei Eterno” (EE 91).

Segundo Sobrino, o Jesus dos Exercícios – de modo bem evidente nas contemplações da Segunda Semana – é o Jesus histórico, considerado, como nos evangelhos, em seu apelo relacional com o Reino de Deus. Ele é apresentado como “rei eterno” exatamente em sua atividade (EE 91) e na consciência de sua missão (EE 95). E,

---

<sup>138</sup> ELLACURÍA, Ignacio. *Las Iglesias latino-americanas interpelan a la iglesia española*. Salterae 3 (1982) 219-230.

<sup>139</sup> SOBRINO, J. 1992, p. 91.

embora o modo como ele é captado seja influenciado pela concepção monárquica da cultura do tempo (“rei eterno”), o seu conteúdo se aproxima mais da figura bíblica do servo de Javé (EE 98). “Inácio propõe uma figura de Jesus com as características típicas de sua atuação depois da crise da Galileia, quando Jesus capta que a chegada do Reino não vai ser consequência de sua pregação e milagres, mas da entrega de sua pessoa na cruz”<sup>140</sup>.

A consideração proposta por Inácio não tem por objetivo apenas que o exercitante contemple e conheça melhor a missão de Jesus, mas – e este é o foco – que a figura de Jesus apresente um “chamado”, ao qual o exercitante corresponda com um “seguimento”. Isto corresponde à “intuição da teologia moderna formulada como hermenêutica da *práxis*, ou seja, sem uma disposição para fazer não há compreensão”.<sup>141</sup> Implicitamente, na lógica inaciana, toda consideração da figura de Jesus se torna relevante para a existência cristã a partir da ótica do seguimento. Para provocar este seguimento, a argumentação não é racional, mas pessoal. O seguimento de Jesus não é resultado do arrazoado exposto no Princípio e Fundamento, mas da aparição concreta e histórica de Jesus. A existência cristã é, portanto, adesão à pessoa de Jesus. Esta adesão, no entanto, não se concretiza – ao menos em primeiro plano – como união afetiva, cúlrica ou mística com Jesus. Ela se torna concreta com a adesão no seguimento, na missão histórica, o que está bem claro na petição indicada por Inácio no exercício: “a graça de não ser surdo a seu chamado, mas pronto e diligente para cumprir a sua santíssima vontade” (EE 91).

Desde o princípio, Inácio deixa claro o que é fundamental para que o exercitante possa viver de modo concreto este seguimento de Jesus: “quem quiser vir comigo, há de contentar-se de comer como eu, beber e vestir como eu; deve trabalhar comigo de dia e vigiar de noite; há de trabalhar comigo, a fim de que, seguindo-me nas penas, também me siga na glória” (EE 93.95). A exigência fundamental é que aquele que se dispõe ao seguimento assuma o modo de ser e de viver de Jesus. Seja qual for a vontade de Deus para cada ser humano que o busca, “não pode haver nenhuma vontade de Deus que ignore esse ser ‘como Jesus’”.<sup>142</sup>

No exercício do Reino podem-se perceber os traços fundamentais da cristologia de Inácio: sem o Jesus histórico não há existência cristã, mesmo que esta, naturalmente, possa se expressar também na liturgia e na oração; sem o Jesus histórico não há acesso

---

<sup>140</sup> SOBRINO, 1990, p. 15

<sup>141</sup> *Ibid.*, p. 15.

<sup>142</sup> *Ibid.* p. 15-16.

ao Cristo total, o Cristo da fé; o Cristo da fé sem o Jesus histórico torna-se algo abstrato e, em princípio, manipulável.

O mais característico do Jesus histórico consiste na sua missão, vivida e levada às últimas consequências no sofrimento por amor e serviço, que culmina em sua entrega na cruz. Esta missão só se entende na dinâmica do seguimento:

A ótica para compreender esta cristologia consiste em considerar Jesus como aquele que “faz um chamado” e o ser humano como aquele “que está à disposição para o seguimento”. Fora desta ótica, a figura de Jesus não tem interesse para Santo Inácio. De tudo isso se deduz uma consequência fundamental da espiritualidade de Santo Inácio: o que tradicionalmente se formula como a dimensão transcendente da fé, o sobrenatural, etc. – tudo o que admite Santo Inácio – não se deve subtrair à verificação quando é introduzido, segundo o esquema do próprio Santo Inácio, no interior da pessoa. A fé cristã é verificável, a renovação interior pode ser verificada pela sua exteriorização histórica no seguimento.<sup>143</sup>

O exercício da meditação sobre os Três tipos de pessoas (EE 149-163) proposto por Inácio para o momento da Eleição, ajuda a compreender melhor este ponto. O acesso ao Deus transcendente é, para Santo Inácio, algo histórico, visível e palpável: é o seguimento de Jesus.

#### **2.6.4 A conflitividade da cruz no seguimento de Jesus: Duas Bandeiras**

Considerando que o seguimento de Jesus supõe uma identificação progressiva com ele, assumindo a sua missão desde a sua perspectiva, a vida daquele que se dispõe a segui-lo vai ser marcada também por conflitos.

O Jesus histórico atuou num mundo não redimido, um mundo de pecado, dentro do qual sua atividade tinha que ser, como de fato foi, conflitiva. Jesus não anunciou o Reino de Deus como continuação das possibilidades do mundo, mas como uma nova criação que supõe, em primeiro lugar, uma contradição com o mundo de pecado. No Jesus histórico, essa contradição se faz patente como a contradição entre o poder do amor e o poder opressor, que em seu tempo estava petrificado nas estruturas religiosas e políticas.<sup>144</sup>

Já na meditação do chamado do rei, Inácio havia esboçado a estrutura de contradição que há no seguimento de Jesus, chamando a atenção do exercitante para o fato de que na dinâmica do seguimento é necessário “agir contra” a lógica do mundo (EE

---

<sup>143</sup> SOBRINO, 1990, p. 16.

<sup>144</sup> *Ibid.*, p. 16-17.

97). A célebre meditação das Duas Bandeiras (EE 136-148) ajuda a explicitar melhor a conflitividade inerente ao seguimento de Jesus. Usando uma linguagem rica em detalhes simbólicos, que acentua os contrastes e oposições – Cristo e Lúcifer; Jerusalém e Babilônia; conhecimento da vida e enganos; apóstolos e demônios; querer ajudar e lançar redes e correntes –, Inácio apresenta a estrutura necessariamente conflitiva na qual se dá o seguimento, fora da qual ele seria idealista e meramente ideológico. Entre os dois bandos representados pelas bandeiras existe uma relação de oposição e contradição, tal como aparece claramente na vida de Jesus, que o leva a concluir: “ninguém pode seguir a dois senhores; ninguém pode servir a Deus e às riquezas” (Mt 6,24).

Inácio descreve o conteúdo do conflito segundo duas visões contraditórias da existência: por um lado, uma existência de riquezas, honras e soberba, que dão origem a todos os vícios; e, por outro lado, uma experiência segundo a pobreza, opróbrios, humildade, origem de todas as virtudes. Para Inácio, as riquezas podem se constituir historicamente um princípio de desumanização, pois criam relações antagônicas entre os seres humanos, e se apresentam como tentação do demônio (EE 142) e dificuldade para fazer a vontade de Deus (EE 154). O princípio de uma existência segundo o mundo, contrária ao seguimento, é a cobiça de riquezas. Por outro lado, está claro na proposta inaciana que a motivação positiva para rejeitar as riquezas não se baseia numa consideração racional, nem mesmo na linha do “tanto quanto”, mas na figura histórica de Jesus. “O critério é o Jesus histórico, a norma última da existência cristã”.<sup>145</sup>

As Duas Bandeiras apresentam o problema não de escolher entre o obviamente bom e o obviamente mau, considerando que este problema já se supõe resolvido na primeira semana. Trata-se da escolha entre o que é aparentemente bom, o que intencionalmente pode ser usado como bom e o que realmente é bom. O problema versa sobre se as riquezas e a honra – que aparentemente podem ser coisas boas e serem bem usadas – são realmente uma possibilidade para a vida segundo o seguimento de Jesus. Aqui se manifesta uma profunda intuição de Inácio, muito de acordo com o Jesus histórico. De fato, as tentações de Jesus, descritas programaticamente no início de sua vida pública nos evangelhos, mas que realmente são o pano de fundo de toda sua vida, não consiste em escolher entre o obviamente mau e o obviamente bom, mas em escolher entre duas formas distintas de trabalhar pelo Reino. Dito resumidamente, o problema

---

<sup>145</sup> SOBRINO, 1990, p. 18.

consiste em que tipo de poder o Reino se nos aproxima: se o poder messiânico, baseado no poder conferido por uma organização religiosa ou política, ou o poder do amor, que se encarna no sofrimento e na cruz. No fundo, se apresenta aqui o problema de Deus e sua mediação histórica, se Deus é simplesmente poder ou se Deus é amor. Assim se apresenta o problema de Santo Inácio: deve-se desmascarar qual é a tentação fundamental da existência cristã, que não consiste em escolher o pecado, mas em achar que se pode usar o que é aparentemente bom, como a riqueza e a honra (numa palavra, o poder), para seguir efetivamente Jesus.

A Santo Inácio interessa desmascarar que mesmo o aparentemente bom, como a riqueza ou a honra, não é o vínculo para dizer a última palavra sobre o seguimento. A última palavra é o amor. E porque o seguimento no amor se faz numa estrutura de contradição, a concretização desse serviço por amor não está na riqueza, mas na pobreza; não está na honra, mas no opróbio. Estas são as últimas mediações históricas do amor e, portanto, do seguimento.

É importante notar, também, observa Sobrino, que Inácio, ao descrever os dois tipos antagônicos de existência, não enumera uma lista de pecados ou virtudes concretas, mas se refere a modos estruturais de vida. Não entra na casuística, mas vai à raiz. Contrapõe duas estruturas de vida, uma segundo a humildade e outra segundo a soberba. O que mais lhe interessa, no entanto, não é tanto o fim do processo de chegar à humildade ou à soberba, mas os passos desse processo. Com isso, supera toda concepção idealista do seguimento, como se o estado de humildade se pudesse conseguir à base de atos intencionais de humildade; Inácio reage contra uma espiritualidade da “boa vontade” ou da “pureza de intenção”, historicizando e concretizando o processo que deve conduzir a esse estado. Nesse sentido, sua espiritualidade, como a do Jesus histórico, é profundamente histórica e não idealista. Mais ainda, é muito consciente do perigo enorme de espiritualizar a vida do seguimento e, por isso, dá ênfase aos passos do processo, que são em si verificáveis. Quem normalmente se move no âmbito das riquezas e das honras não pode chegar à humildade. E quem quiser chegar a uma configuração com Jesus, descrita aqui como humildade, tem que passar pelos estágios históricos da pobreza e do opróbio, bem figurados pela cruz.

Santo Inácio não faz uma análise estrutural social das consequências das atitudes diversas para a sociedade: não diz, por exemplo, explicitamente, que a consequência da riqueza não é apenas a desumanização do rico, mas a opressão do pobre, ou que a honra do rico é a dominação do pobre. Mas certamente aponta a algo fundamental da

experiência cristã e do seguimento: este tem que se historizar segundo uma lei bem concreta: pobreza, opróbios...; e daí se pode chegar ao estado habitual de seguimento, que ele caracteriza com “humildade e todas as virtudes”.

A última raiz desta visão cristológica do Jesus histórico aparece na meditação dos três modos de humildade. Na apresentação escalonada que deles faz Inácio aparece, segundo Sobrino, a distinção entre pecado e imitação de Jesus. Mas, seja qual for a concepção inaciana de moral, aparece claro que a última motivação da existência cristã não está nos mandamentos, nem tampouco nas conclusões de uma análise psicológica ou econômica sobre o papel da riqueza e da pobreza, mas da existência concreta de Jesus:

Para mais imitar e assemelhar-me de fato a Cristo Nosso Senhor, quero e escolho mais pobreza com Cristo pobre que riqueza; mais injúrias com Cristo injuriado do que honras. E também desejo ser considerado inútil e louco por Cristo, que primeiro foi tido por tal, antes de ser tido por prudente e sábio neste mundo (EE 167).

Se os três modos de humildade são vistos em conexão com as Duas Bandeiras, então se compreende que a “imitação de Cristo” não é a repetição dos traços de Jesus, mas o situar-se de igual forma que Jesus, e desse modo surgem o sofrimento, a pobreza, o opróbio e o ser tido como louco; e, nesse sentido, o seguimento, por sua própria dinâmica situacional, levará a imitar muitos dos traços, dos riscos e perigos de Jesus.

### 2.6.5 A concepção de Deus nos Exercícios

Sobrino, ao escrever sobre a experiência dos Exercícios Espirituais na América Latina,<sup>146</sup> destaca que existe nos Exercícios uma profunda reflexão sobre Deus, que converge com a reflexão teológica latino-americana, podendo ser apresentada em dois níveis.

No primeiro nível, Inácio trata de desmascarar *os mecanismos de idolatria*. Na meditação dos Três tipos de Pessoas, afirma que a maior tentação do ser humano com relação a Deus é fazer que Deus venha “aonde eu quero”, enquanto a atitude correta é ir até Deus onde ele está. O problema da correta relação com Deus não está, portanto, no mero saber correto sobre Deus, mas no movimento de deixá-lo ser Deus e não fazer passar por Deus o que ele realmente não é. Na América Latina, como nos Exercícios Espirituais, a alternativa ao problema da verdadeira realidade de Deus não é o ateísmo, a confissão

---

<sup>146</sup> SOBRINO, Ejercicios espirituales en America Latina. In.: *Los Ejercicios Espirituales hoy*. Diakonia: boletín del CICA. 16 (diciembre 1980), p. 17-22.

da inexistência de Deus, mas a manipulação de Deus, a idolatria. Para Santo Inácio, a idolatria seria fazer que Deus “venha a mim”, ou seja, manipulá-lo em função dos meus próprios interesses; na América Latina, a idolatria é divinizar o criado em nome do qual se mata o ser humano. Em qualquer caso, trata-se de desmascarar a idolatria. Não é simplesmente o ateísmo como o maior atentado à verdadeira realidade de Deus.

No segundo nível, Santo Inácio trata de afirmar a realidade positiva de Deus como amor, presente em sua criação e a quem se corresponde numa prática semelhante à da própria realidade de Deus. Na Contemplação para alcançar Amor, no fim dos Exercícios, se chega à conclusão de que quem fez verdadeiramente os Exercícios pode contemplar Deus em sua criação. Historizando isto para a América latina, poder-se-ia dizer que o cristão pode contemplar Deus em sua criação, tal como é na América Latina, e encontrá-lo nos pobres e oprimidos do continente, como na descrição do evangelho de Mateus (Mt 25). Trata-se, no fundo, de conseguir olhos novos para ver Deus onde ele realmente está. A visão dos Exercícios é mais universalista, enquanto a da teologia latino-americana historizou esse universalismo a partir dos pobres, para que a partir daí se possa contemplar Deus em todas as coisas. Em todo caso, trata-se de contemplar Deus numa prática determinada, que nos Exercícios consiste no amor de quem dá daquilo que é e tem. Trata-se de ter mãos novas para corresponder assim a Deus. Na teologia latino-americana trata-se das mãos novas de uma prática de libertação integral. Mas em qualquer caso se trata da correspondência com o amor e não da pura confissão verbal e ortodoxa sobre Deus<sup>147</sup>.

## 2.7 Conclusão

A cruz de Jesus perpassa toda a experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. É importante notar, no entanto, que Inácio não tem uma espiritualidade do sofrimento, mas do seguimento. Não proclama uma mística da cruz, como se o sofrimento de Jesus tivesse que ser imitado por ser sofrimento. O sofrimento é, sobretudo, uma consequência do seguimento. Jesus não assumiu de antemão o sofrimento para assumir deste modo a condição metafisicamente limitada do ser humano. Não foi isso que o levou à cruz. Jesus assumiu uma situação histórica conflitiva, na qual o amor sucumbe diante do poder opressor. E por isso sofre e morre na cruz.

---

<sup>147</sup> SOBRINO, 1980, p. 21.

### **3 A EXPERIÊNCIA DOS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS E A CRUZ DE JESUS NO ITINERÁRIO DOS SEUS SEGUIDORES NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

#### **3.1 Introdução**

A pergunta que perpassa o terceiro capítulo do presente trabalho é como apresentar hoje a cruz de Jesus para quem faz a experiência dos Exercícios Espirituais. A reflexão será conduzida, portanto, numa perspectiva pastoral.

A cruz de Jesus, como pudemos perceber no primeiro capítulo, está presente em momentos-chave da experiência proposta por Santo Inácio nos Exercícios Espirituais: no colóquio com o crucificado, na Primeira Semana; no chamado do Rei eterno, na oblação e nos exercícios da jornada inaciana, na Segunda Semana; na contemplação do Senhor em sua paixão e morte, na Terceira Semana; e na contemplação da ressurreição do Senhor, que vencendo o pecado e a morte, afirma a vitória da vida, na Quarta Semana.

O mistério da cruz, como vimos no segundo capítulo, continua, de muitas maneiras, presente na história, como mostrou Jon Sobrino, no sofrimento dos povos crucificados.

Consideraremos o itinerário espiritual dos seguidores de Jesus no mundo contemporâneo, mais especificamente os que fazem a experiência dos Exercícios Espirituais hoje, num contexto conturbado e conflitivo, onde a cruz de Jesus se revela no sofrimento dos mais vulneráveis. Trata-se, portanto, de considerar como a reflexão sobre a cruz pode ajudar os que propõem os Exercícios Espirituais ou acompanham pessoas na vivência de suas escolhas e decisões, no contexto de uma Igreja em saída, convidada a atuar com discernimento, frente aos desafios cada vez mais exigentes, e a comprometer-se a descer da cruz os povos crucificados.

Após uma breve descrição de diferentes situações em se pode associar o sofrimento dos pobres à cruz de Jesus, apresentaremos algumas considerações sobre como os EE podem iluminar e oferecer inspiração para aquelas pessoas que fazem os Exercícios a, ouvindo o apelo do rei eterno, seguirem-no, deixar-se configurar por ele, acompanhando-o em seus trabalhos e penas, para, assim, participar também de sua glória.

### 3.2 “Imaginando Cristo Nosso Senhor, diante de mim, na cruz...” (EE 53)

O colóquio com Nosso Senhor, “posto na cruz”, ocupa lugar central na Primeira Semana dos Exercícios. Depois de ter dolorosamente tomado consciência dos seus pecados, o exercitante é convidado a dirigir-se a Cristo, “pregado na cruz”, e fazer com ele um colóquio, ponderando a respeito de tanto sofrimento que ele passou na cruz, aniquilando-se até à morte mais ignominiosa, “por meus pecados”. Em seguida, o exercitante é orientado a, olhando para si mesmo, no espelho da cruz, questionar-se a respeito da sua vida, de suas escolhas, suas ações, seu modo de, existencialmente, viver o compromisso com o crucificado, por meio da tríplice pergunta: “o que tenho feito por Cristo, o que estou fazendo por Cristo e o que devo fazer por Cristo?” (EE 53).

Segundo Sobrino<sup>1</sup>, este exercício é proposto por Santo Inácio para provocar no exercitante a experiência da conversão. Trata-se de um questionamento que deve ser feito ao pé da cruz, ou seja, é uma pergunta cujo lugar privilegiado – para ser eficaz, capaz de causar uma verdadeira e legítima conversão – é diante do crucificado. A linguagem inaciana estimula uma experiência de comprometimento, a passagem do reconhecimento, pela fé, do quão imensa é a entrega de Jesus na cruz, ao seguimento, à prática, à disposição para fazer (“que fiz, que faço, que farei?”).

Ainda segundo Sobrino, a cruz de Jesus continua hoje, na experiência vivida pelos povos crucificados. Por essa razão, ao colocar-se diante de Jesus crucificado, contemplando o seu rosto desfigurado e o seu corpo macerado pela dor e pelo sofrimento, o discípulo faz a experiência não apenas de condoer-se pela dor que o Cristo viveu “no passado”, mas experimenta-se tocado pelo sofrimento das vítimas que hoje padecem em tantas e numerosas cruces erguidas no mundo contemporâneo.

Hoje, quem faz a experiência dos Exercícios Espirituais, movido pelo desejo de ser discípulo ou discípula de Jesus, deve começar seu processo de conversão colocando-se diante da cruz de Jesus e, neste lugar, questionar-se sinceramente sobre sua disponibilidade para tirar da cruz os povos crucificados.

---

<sup>1</sup> SOBRINO, 1990, p. 13.

### 3.2.1 O mistério da cruz de Jesus nos povos crucificados

O sofrimento humano, assumido e expresso por Jesus de modo tão eloquente em seu padecimento e morte na cruz, encontra-se no centro da preocupação da Igreja, que, no Concílio Vaticano II, deixou consignada no primeiro parágrafo da Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* a formulação que marcaria definitivamente a sua relação com os dramas humanos:

As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração.<sup>2</sup>

Nenhuma realidade humana deve, portanto, ser negligenciada ou esquecida pelos discípulos e discípulas de Jesus. Na América Latina, a imagem de um Deus solidário à dor humana foi adquirindo contornos cada vez mais claros. As comunidades cristãs do continente experimentaram, desde a segunda metade do século passado, o revigorar da fé e da esperança em um Deus sensível à dor humana, “que ouve os clamores do seu povo e desce para libertá-lo” (Ex 3,7-8). Os bispos latino-americanos, fiéis ao chamado de Deus para o cuidado do povo a eles confiado, manifestam-se preocupados “com as angústias de todos os membros do povo, qualquer que seja a sua condição social: sua solidão, seus problemas familiares, a falta de sentido que não poucos veem na vida”<sup>3</sup> e compartilham as angústias que nascem da sua pobreza. E denunciam, à luz da fé, como escândalo e contradição com o ser cristão, “a brecha crescente entre ricos e pobres, em que o luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes massas”<sup>4</sup>.

No documento final da Conferência de Puebla, os pastores do povo de Deus na América Latina afirmam que a Igreja deve manter os olhos fixos em Cristo quando se pergunta como deve ser a sua ação evangelizadora, pois o Filho de Deus, ao fazer-se homem, “identificou-se com os homens tornando-se um deles, solidário com eles e assumindo a situação em que se encontram, em seu nascimento, em sua vida e, sobretudo, em sua paixão e morte, na qual chegou à expressão máxima da pobreza”<sup>5</sup>. Esta

<sup>2</sup> CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES, n. 1. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

<sup>3</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Conclusões da Conferência de Puebla, n. 27. 8ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

<sup>4</sup> *Ibid.*, n. 28.

<sup>5</sup> *Ibid.*, n. 1141.

constatação deu origem à formulação de um princípio que norteará a ação da Igreja no continente, servindo depois como inspiração para a igreja universal: a opção preferencial pelos pobres e excluídos.

É, portanto, com os olhos fixos no Cristo, para identificar-se cada vez mais com ele, que a Igreja se pergunta “o que deve fazer” para que sua ação evangelizadora seja eficaz, na perspectiva do Reino. Olhando para o Cristo que pende da cruz, e ao mesmo tempo atenta à situação de pobreza e exclusão ao seu redor, a Igreja se dá conta da dor dos crucificados: “Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor (que nos questiona e interpela)”<sup>6</sup>:

Rostos de crianças, golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer [...] crianças abandonadas e muitas vezes exploradas de nossas cidades, resultado da pobreza e da desorganização moral da família; rostos de jovens, desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade e frustrados [...] por falta de oportunidades de capacitação e de ocupação; rostos de indígenas e, com freqüência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, os mais pobres dentre os pobres; rostos de camponeses, que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso continente, sem terra, [...] submetidos a sistemas de comércio que os enganam e os exploram; rostos de operários, com freqüência mal remunerados, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos; rostos de subempregados e desempregados, despedidos pelas duras exigências das crises econômicas; [...] rostos de anciãos cada dia mais numerosos, frequentemente postos à margem da sociedade do progresso, que prescindem das pessoas que não produzem.<sup>7</sup>

A assembleia dos bispos latino-americanos de Aparecida, em 2007, volta ao tema, reafirmando o compromisso com os pobres e exortando a Igreja do continente a contemplar os “rostos sofredores que doem em nós”<sup>8</sup>. O desejo de promover “uma globalização diferente, marcada pela solidariedade, pela justiça e pelo respeito aos direitos humanos” deveria levar os discípulos de Jesus a assumir a perspectiva dos crucificados:

<sup>6</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Conclusões da Conferência de Puebla, n. 31. 8ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1987.

<sup>7</sup> *Ibid.*, n. 32-39.

<sup>8</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007, p. 184.

[...] contemplar os rostos daqueles que sofrem: [...] as comunidades indígenas e afro-americanas que, em muitas ocasiões, não são tratadas com dignidade e igualdade de condições; muitas mulheres que são excluídas, em razão de seu sexo, raça ou situação sócio-econômica; jovens que recebem uma educação de baixa qualidade e não têm oportunidades de progredir em seus estudos nem de entrar no mercado de trabalho [...]; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem terra, aqueles que procuram sobreviver na economia informal; meninos e meninas submetidos à prostituição infantil ligada muitas vezes ao turismo sexual; as crianças vítimas do aborto; milhões de pessoas e famílias que vivem na miséria e inclusive passam fome; os dependentes das drogas; as pessoas com limitações físicas; os portadores e vítimas de enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV-AIDS, que sofrem a solidão e se vêem excluídos da convivência familiar e social; [...] os sequestrados e aqueles que são vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade; [...] os anciãos que, além de se sentirem excluídos do sistema produtivo, veem-se muitas vezes recusados por sua família como pessoas incômodas e inúteis; Sentimos as dores, enfim, da situação desumana em que vive a grande maioria dos presos, que também necessitam de nossa presença solidária e de nossa ajuda fraterna.<sup>9</sup>

O documento episcopal conclui afirmando a urgência de uma ação comprometida e solidária com os pobres, vítimas não apenas da exploração e da opressão, mas – o que é mais grave – da exclusão social. “Com ela, já não se está abaixo, na periferia ou sem poder, mas se está de fora. Os excluídos não são somente ‘explorados’, mas ‘supérfluos’ e ‘descartáveis’”.<sup>10</sup>

### 3.2.2 Contemplar os rostos dos povos crucificados

Iluminados pelas orientações do magistério da Igreja no mundo e na América Latina em sua realidade hodierna, voltamos o nosso olhar para contemplar “nos rostos sofridos dos nossos irmãos” o rosto do próprio Cristo, o mistério de sua cruz, fundamentados também nas palavras de Jon Sobrino, que declara as vítimas, “os povos crucificados do Terceiro Mundo, como o grande lugar teológico para compreender a cruz de Jesus hoje”.<sup>11</sup> Vítimas que experimentam as consequências da opressão social dos sistemas e estruturas iníquas sobre si, vivendo processos de adoecimento e deterioração de sua vida, da negação de sua dignidade, de desamparo, de “descarte”, de morte.

<sup>9</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida, n. 65. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2007.

<sup>10</sup> *Ibid.*, n. 65.

<sup>11</sup> SOBRINO, 1996, p. 288.

### a) **A cruz dos povos originários**

A situação das comunidades indígenas no Brasil é angustiante, em se tratando de seu direito à terra, à vida e à garantia de sua dignidade e dos seus direitos. O relatório do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) sobre a Violência contra os povos indígenas<sup>12</sup> registra, em 2018, em todo o país, um total de 135 assassinatos e 101 suicídios de índios, além da impressionante cifra de 591 crianças vítimas de mortalidade infantil, por negligência das autoridades competentes e ausência de políticas eficazes de saúde e assistência a estas populações.

O presidente do CIMI<sup>13</sup> denuncia que “os povos indígenas estão sendo atacados com requintes de crueldade, com discursos racistas que associam os povos indígenas com inimigos a serem combatidos e um empecilho para o desenvolvimento do país”. Mortes de líderes indígenas são relatadas cotidianamente, num contexto em que as terras já demarcadas estão sendo invadidas e loteadas pelo garimpo, agronegócio e extração madeireira, sem que os órgãos governamentais tomem providência em sua defesa. Pelo contrário, “o atual governo já afirmou que não demarcaria mais nenhum centímetro de terras indígenas, esquecendo-se de que a demarcação é um direito constitucional”, enfatizou Dom Roque.

### b) **A cruz da violência contra a mulher**

O machismo, traço infelizmente marcante nas sociedades latino-americanas, produto de uma visão patriarcal que insiste em manter a mulher numa posição de subalternidade e negação, tem como uma de suas mais terríveis consequências a violência, expressa na cultura da humilhação, do estupro e do feminicídio. Segundo dados do Ministério da Saúde<sup>14</sup>, o Brasil registra um caso de agressão à mulher a cada 4 minutos. Na maioria dos casos, a agressão ocorre no ambiente doméstico, em atos cometidos por alguém conhecido: marido, companheiro, pai, irmão ou vizinho. Em 2018 foram

---

<sup>12</sup> CIMI. Relatório – *Violência contra os povos indígenas no Brasil* - Dados de 2018, p. 151.

<sup>13</sup> D. Roque Paloschi, arcebispo de Porto Velho, em entrevista coletiva por ocasião da 57ª Assembleia da CNBB, em maio de 2019. Disponível em: [www.a12.com/redacao12/assembleia-geral-cnbb/a-ag-cnbb-bispo-enfatiza-o-sofrimento-dos-povos-indigenas-no-brasil](http://www.a12.com/redacao12/assembleia-geral-cnbb/a-ag-cnbb-bispo-enfatiza-o-sofrimento-dos-povos-indigenas-no-brasil). Acesso em 22/10/2019.

<sup>14</sup> FOLHA DE SÃO PAULO, 09 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento>. Acesso em 25/10/2019.

registrados mais de 145 mil casos de agressão. Este número na realidade é bem maior, considerando que muitas vítimas não procuram atendimento nem notificam a autoridade policial. Um número é particularmente chocante e estarrecedor: o Brasil registra uma média de 180 estupros por dia, sendo mais da metade das vítimas mulheres menores de 13 anos. Segundo o IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em 2017 foram assassinadas 4.396 mulheres no país.

Pode-se considerar que a violência contra a mulher tem suas raízes na história e apresenta as tensões de gênero no bojo das desigualdades, ao estipular que alguns lugares são para homens e outros para mulheres. No âmbito do trabalho, isso também se torna explícito quando determinam que existem algumas profissões para os homens e outras para as mulheres. E, mesmo tendo a mulher conseguido, nos últimos anos, conquistar cada vez mais espaço em profissões que antes eram desempenhadas apenas por homens, na maioria dos países seus salários são inferiores aos dos homens que exercem a mesma função. Vê-se com isto que, embora se componha uma aparente abordagem sobre a justiça dos anos 90 até os dias atuais, faz-se necessário compreender que “o discurso sobre a justiça social não incluía a justiça e a igualdade de gênero”.<sup>15</sup>

### c) **A cruz do racismo e do preconceito**

Apesar de o Brasil parecer, aos olhos do mundo, um país onde a convivência entre as raças é algo natural e pacífico, pelo fato de a população ser bastante miscigenada, os dados objetivos que as estatísticas apresentam revelam outra realidade: existe, sim, racismo no país. Dissimulado, negado. Mas bastante óbvio para quem quer ver, por exemplo, um dado simples e tragicamente eloquente do Mapa da Violência 2019: 75,5% das vítimas de homicídio no Brasil são negras.<sup>16</sup> “É um dado estarrecedor, que mostra como somos uma nação que convive com o racismo e que não consegue tirar da vulnerabilidade metade da sua população, que é negra”, afirma Samira Bueno, diretora executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Os dados também apontam que a maioria das vítimas são os jovens negros, pobres, das periferias do Brasil.

Infelizmente, esta não é uma realidade restrita ao Brasil. No mundo contemporâneo constata-se que ainda é recorrente a perseguição e ao povo negro. Ainda

---

<sup>15</sup> ROSADO-NUNES, Maria José Fontelas. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 14. Abril 2006, 294-304. p. 300.

<sup>16</sup> Dados do Atlas da Violência 2019. Disponível em: [https:// www.almapreta.com/editorias/atlas-da-violencia-2019-75-5-das-vitimas-de-homicidio-no-brasil-sao-negras](https://www.almapreta.com/editorias/atlas-da-violencia-2019-75-5-das-vitimas-de-homicidio-no-brasil-sao-negras). Acesso em 25/10/2019.

é naturalizado de forma explícita o racismo e “quando a sociedade é desigual, continua a existir uma discriminação básica no sistema policial e jurídico, que identifica mais facilmente como criminoso o delinquente oriundo das camadas populares”<sup>17</sup>. Este tipo de violência é a faceta mais cruel do que se convencionou chamar de racismo institucional.

#### **d) A cruz da violência contra crianças e adolescentes**

No Brasil, todos os dias, 31 crianças e adolescentes morrem assassinadas, segundo dados do UNICEF<sup>18</sup>. Durante a década de 2006 a 2015, cerca de 100 mil meninos e meninas adolescentes foram vítimas de homicídios no país. O número de homicídios de adolescentes do sexo masculino no Brasil é maior, inclusive, do que em países afetados por conflitos, como Síria e Iraque. Em 2015, 11.403 adolescentes de 10 a 19 anos foram assassinados no Brasil, dos quais 10.480 eram meninos. Caso não haja mudanças significativas no País, 43 mil adolescentes de 12 a 18 anos serão mortos no Brasil entre 2015 e 2021. As vítimas de homicídios são, em sua maioria, meninos negros, que vivem nas periferias dos grandes centros, estão fora da escola e vêm de famílias com baixo poder aquisitivo.

A exploração do trabalho infantil, outra face dramática da violência contra a crianças e adolescentes adquire contornos ainda mais graves e alarmantes quando se trata da exploração sexual de meninos e meninas, a prostituição infantil, no Brasil e no mundo.

#### **e) A cruz e o drama dos migrantes e refugiados**

Uma outra questão que, hoje, é central no mundo, é a discussão em torno dos imigrantes. Muitos povos saem de seus países por sentirem-se desprotegidos ou sem nenhuma perspectiva de vida. Assim, lançam-se à sorte para tentar uma vida mais digna em outros países. Muitos se deslocam de seus países, correndo sérios riscos, caminhando dias sem água e comida e/ou viajando pelo mar em barcos superlotados.

Dados divulgados no relatório da Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) em 2018 revelam que 70,8 milhões de pessoas estão em situação de deslocamento forçado no mundo. O número representa um aumento de 2,3 milhões na comparação com 2017 e equivale ao dobro dos deslocados forçados registrados 20 anos atrás. Isso significa que

---

<sup>17</sup> ZALUAR, A. Crime e castigos vistos por uma antropóloga. In: BINGEMER, M. C. L.; BARTHOLO, R. S. (Orgs.), *Violência, crime e castigo*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 50.

<sup>18</sup> UNICEF. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/homicidios-de-criancas-e-adolescentes>

em 2018, a cada dia, 37 mil pessoas tiveram que abandonar o lugar onde residiam em busca de segurança<sup>19</sup>.

Este cenário apresenta um povo crucificado em caminhada, a caminho de uma terra determinada temporalmente como lugar de vida prometida, um país e condições sociais incertas. São rostos humanos à deriva, em países com poucas estruturas para acolhimento e outros que se fecham para não receber a presença dos estrangeiros, corpos marcados pela exclusão e violentados fisicamente pelos percursos árduos. São os crucificados em movimento, andarilhos a procura de dignidade.

#### **f) A cruz da violência contra a nossa Casa Comum**

A compreensão da cruz na realidade humana não se restringe aqui, ao ser humano enquanto corpo, mas abre-se também à natureza, ou seja, à destruição do meio ambiente, da nossa casa comum, uma vez que esta experimenta sofrimentos que afetarão todos os seres vivos que habitam a casa comum, como também a longo prazo acarretará sérias consequências às populações. Por isso, faz-se necessário (re)pensar as ações humanas e enfrentar as empreitadas mercadológicas e consumistas com resistência, pois, o mau cuidado ao meio ambiente pode causar a morte de rios e ecossistemas. Acerca disso, o Papa Francisco chamou-nos para uma reflexão social e teológica sobre o meio ambiente,

Poderemos assim propor uma ecologia que, nas suas várias dimensões, integre o lugar específico que o ser humano ocupa neste mundo e as suas relações com a realidade que o rodeia. À luz desta reflexão, quereria dar mais um passo, verificando algumas das grandes linhas de diálogo e de ação que envolvem seja cada um de nós seja a política internacional. Finalmente, convencido – como estou – de que toda a mudança tem necessidade de motivações e dum caminho educativo, proporei algumas linhas de maturação humana inspiradas no tesouro da experiência espiritual cristã.<sup>20</sup>

#### **g) A cruz da violência contra as pessoas em situação de rua**

A partir do contexto de escandalosas desigualdades sociais, percebemos como povo crucificado os moradores de rua os quais dormem expostos ao frio e ao perigo. Essa

---

<sup>19</sup> ACNUR – Relatório 2018. Disponível em: <https://www.nacoesunidas.org/numero-de-pessoas-deslocadas-no-mundo-chega-a-708-milhoes-diz-acnur>

<sup>20</sup> FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudato Si'*, n. 6. São Paulo: Loyola/Paulus, 2015.

realidade fez brotar na Igreja a Pastoral de rua que entende as ações com o povo afirmando que “são muitas as lições que se levantam da rua. Lições de quem tem a alma e o corpo marcados por feridas e cicatrizes históricas. Sabedoria de quem conhece as alegrias e tristezas e carrega dores e esperanças”<sup>21</sup>. Deste modo, torna-se possível compreender as vítimas, os pobres da rua, como aqueles que sofrem com cruz por diversas denegações, tais como a sede, a fome, o frio, a falta e moradia, ou seja, são os crucificados experimentando a falta de dignidade. Assim, o povo de rua fica à mercê das injustiças, uma vez que dorme na rua, embaixo de marquises, enrolado em papelões, nas calçadas e chegam a sofrer maus tratos por pessoas com falta de sensibilidade e, às vezes, por policiais, somente para dispersar os moradores de rua.

#### **h) A cruz da homofobia e da violência contra a população LGBT**

É preciso notar que é também um cenário de tensões e sofrimentos a questão da LGBTfobia, povo crucificado pelos julgamentos os quais são violentados por um conjunto de opressões que desconsideram a temática da diversidade sexual, suas escolhas e modos de vida na sociedade contemporânea e, portanto, são classificados por grupos neoconservadores como sendo pessoas “anormais” e/ou “doentes”. A morte de LGBTs, violentados fisicamente, encaminha a reflexão para se pensar no calvário e no rosto do Crucificado, entendendo o percurso humano e divino de Jesus até a cruz, percebendo sua missão e comprometimento com os pobres e pecadores. E Jesus estava com os pobres, dialogava com os pecadores, tocava a mão dos pecadores e chamava-os à vida plena sem condená-los. Desse modo, Jesus se mostrava a misericórdia que escancara os horizontes para a libertação reconhecendo a interface entre justiça e dignidade para aqueles que foram sucumbidos às margens.

Do mesmo modo que a xenofobia, o racismo ou o antissemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em designar o outro como contrário, inferior ou anormal; por sua diferença irreduzível, ele é posicionado a distância, fora do universo comum dos humanos. Crime abominável, amor vergonhoso, gosto depravado, costume infame, paixão ignominiosa, pecado contra a natureza, vício de Sodoma – outras tantas designações que, durante vários séculos, serviram para qualificar o desejo e as relações sexuais ou afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Confinado no papel do marginal ou excêntrico, o

---

<sup>21</sup> PASTORAL DO POVO DA RUA. *Vida e Missão*. Loyola, São Paulo, 2003, p. 9.

homossexual é apontado pela norma social como bizarro, estranho ou extravagante.<sup>22</sup>

De fato, os maus tratos dirigidos aos jovens homossexuais podem causar uma série de desfechos, podendo até desenvolver uma depressão seguida de suicídio. Por isso, a perseguição e violência contra o ser humano necessita ser repudiada, principalmente, quando a caminhada existencial está imbrincada com a vivência da fé cristã. Assim, ao tomar Jesus como modelo, as leituras sobre o mundo e os outros precisam dar lugar ao princípio da dignidade humana a qual é ponto de buscas dos percursos libertadores.

A contemplação dos rostos dos sofredores faz doer o coração do discípulo desejoso de se deixar configurar com o Cristo. Esta dor, a experiência de se compadecer com o sofrimento do Cristo e dos crucificados com ele neste mundo, provoca a conversão do exercitante, fazendo-o passar do desejo à ação: o que devo fazer por Cristo? É, portanto, assim, diante da imagem do Cristo Crucificado, que a pessoa que faz a experiência dos Exercícios Espirituais começa o seu processo de configuração, de identificação com “aquele que, de Criador se fez homem e assim morreu por meus pecados” (EE 53).

### **3.3 “Sair do próprio amor, querer e interesse” (EE 189)**

É no encontro com Jesus, na intimidade da contemplação de suas atitudes, gestos e palavras, que o exercitante cresce no conhecimento profundo e no desejo de ser como ele, assumir o caminho do seguimento do mestre e configurando a sua vida à sua. É esta a tônica da Segunda Semana dos Exercícios, expressa na petição que Inácio sugere ao exercitante como desejo que o motivará particularmente nos exercícios de contemplação desta etapa: “Pedirei aqui conhecimento interno do Senhor, que por mim se fez homem, para mais amá-lo e segui-lo” (EE 104).

#### **3.3.1 O seguimento do Cristo, caminho de conversão**

---

<sup>22</sup> BORILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 13-14.

Em meio a tantas tribulações, num mundo conflagrado por situações de dor, sofrimento, miséria, fome, desigualdades sociais e injustiças de todo o tipo – eloquentes e irrefutáveis expressões da cruz de Cristo –, a Igreja busca caminhos que ofereçam aos cristãos a possibilidade de viver e enfrentar com esperança o mistério de tanta iniquidade. Os Exercícios Espirituais – que têm sido, ao longo dos séculos, uma experiência alentadora e revigoradora do espírito cristão nos últimos cinco séculos, frente a situações históricas tão adversas –, apresentam-se hoje como alternativa de uma espiritualidade consistente e integradora para a formação de homens e mulheres que, no limiar século XXI, experimentam o peso da Cruz em suas variadas expressões e se alimentam da esperança forjada na experiência pascal de Jesus.

Os Exercícios Espirituais são uma experiência de profunda conversão porque se tratam de um encontro radical com Jesus Cristo. Segundo o Documento de Aparecida, “não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou por uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva”<sup>23</sup>. Nesse sentido, os Exercícios constituem uma verdadeira mistagogia, pois favorecem à pessoa conseguir a necessária liberdade interior e lhe fornecem ferramentas para discernir com maturidade, no âmbito de uma relação saudável com Deus, a respeito do que é bom ou mau, melhor ou pior, para si, para os demais e para a realidade que a cerca. Ajudam-na a encontrar o sentido de sua existência, de suas experiências de sucessos e fracassos, vitórias e frustrações, tristezas e dores, a partir de um conhecimento profundo e realista de sua condição de criatura amada por Deus e chamada a realizar-se plenamente como pessoa humana no caminho da entrega ao serviço dos outros, no seguimento do Cristo Jesus.

No hoje do nosso continente latino-americano, levanta-se a mesma pergunta cheia de expectativa: “Mestre, onde vives?” (Jo 1,38), onde te encontramos de maneira adequada para “abrir um autêntico processo de conversão, comunhão e solidariedade?” (Ecclesia in America, 8). Quais são os lugares, as pessoas, os dons que nos falam de ti, que nos colocam em comunhão contigo e nos permitem ser discípulos e teus missionários?<sup>24</sup>

O Papa Francisco, profundamente tocado pelo mistério da cruz de Jesus nos sofrimentos dos pobres da terra, assumiu desde o início do seu pontificado a perspectiva da misericórdia para configurar o seu ofício de confirmar os irmãos na fé em um Deus

---

<sup>23</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida, 245.

<sup>24</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Documento de Aparecida, 245.

que vê e experimenta o sofrimento humano desde as periferias existenciais “que muitas vezes o mundo contemporâneo cria de forma dramática”<sup>25</sup>. Assim, no seu magistério tem insistido na necessidade de a comunidade dos seguidores de Jesus ser uma Igreja “em saída”, que se desinstala e vai em busca dos que estão à margem, os que estão pendurados na cruz com Jesus, os crucificados, oferecendo-lhes abrigo e curando-lhes as feridas:

Quantas situações de precariedade e sofrimento presentes no mundo atual! Quantas feridas gravadas na carne de muitos que já não têm voz, porque o seu grito foi esmorecendo e se apagou por causa da indiferença dos povos ricos. (...) A Igreja sentir-se-á chamada ainda mais a cuidar destas feridas, aliviá-las com o óleo da consolação, enfaixá-las com a misericórdia e tratá-las com a solidariedade e a atenção devidas. (...) Abramos os nossos olhos para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs privados da própria dignidade e sintamo-nos desafiados a escutar o seu grito de ajuda. As nossas mãos apertem as suas mãos e estreitemo-los a nós para que sintam o calor da nossa presença, da amizade e da fraternidade. Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira de indiferença que frequentemente reina soberana para esconder a hipocrisia e o egoísmo.<sup>26</sup>

### 3.3.2 Trabalhar (padecer) com ele para ter parte na sua glória

A meditação que prepara e dispõe o exercitante para viver a segunda etapa dos Exercícios – uma espécie de “transição da Primeira para a segunda Semana”, segundo Arzubialde<sup>27</sup> – é a meditação sobre “o chamado do rei temporal que ajuda a contemplar a vida do Rei eterno” (EE 91). Esta meditação dá a chave de leitura de como contemplar o Cristo dos Evangelhos: mediante uma radical mobilização de toda a pessoa para o seu seguimento<sup>28</sup>.

Nesta perspectiva, Sobrino afirma que esta meditação apresenta elementos muito importantes da estrutura do seguimento:

o chamado a seguir Jesus em uma missão (conquistar todo o mundo), exigência de assemelhar-se com o seu modo de proceder, com padecimentos e triunfos (em trabalhos e na vitória), disponibilidade e generosidade sem limites na resposta (a oblação) e a graça tão desejada

<sup>25</sup> FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus: o rosto da misericórdia*, n. 15. São Paulo: Loyola/Paulus, 2015.

<sup>26</sup> FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus: o rosto da misericórdia*, n. 15.

<sup>27</sup> ARZUBIALDE, 2009, p. 270.

<sup>28</sup> MELLONI, 2001, p. 161.

por Santo Inácio de ser aceito neste modo de vida (“se vossa santíssima Majestade me quiser escolher e receber nesta vida e estado”).<sup>29</sup>

Esta meditação fundamental sublinha que a vida cristã, como a vida de Jesus, é missão. O chamado do rei eterno se insere, portanto, nesta perspectiva: a pessoa é chamada a “conquistar o mundo”. Tal conquista, lembra Sobrino, supõe-se que seja para “transformar o mundo segundo a vontade de Deus”, embora o texto inaciano explicita mais a necessária conversão do exercitante ao seguimento e à disponibilidade de sua vida para a missão. A insistência na pessoa do exercitante nesta meditação chave é devida à própria finalidade dos Exercícios – vencer-se a si mesmo e ordenar a própria vida – mas não se pode esquecer que este movimento se dá de maneira dialética, ou seja, a busca de ordenar a própria vida não está descolada da realidade, mas dá-se numa articulação entre transformar-se a si mesmo e transformar o mundo.

O que Inácio pretende com a meditação é suscitar a atenção sobre o caráter ativo do chamado e do seguimento, para que o exercitante se prepare para o momento “passivo” da eleição, na qual “terá que deixar-se trabalhar e transformar por ela, isto é, vai-se preparando a passagem da ação na contemplação (paixão) à paixão (contemplação) na ação. Assim, vai-se configurando, pouco a pouco, a espiritualidade inaciana de ser ‘contemplativos na ação’”.<sup>30</sup>

O pedido sugerido por Inácio neste exercício é claro: “pedir a Nosso Senhor a graça de não ser surdo ao seu chamado, mas pronto e diligente para cumprir sua santíssima vontade” (EE 91). É esta prontidão e diligência, a disponibilidade para cumprir a vontade de Deus, que permitirá escutá-la. Para isso, Inácio trata de evocar os afetos do exercitante na atração do chamado, apresentando-o em dois tempos, valendo-se, primeiro, da imagem de um rei que convoca seus súditos, prometendo-lhes que os que compartilharem com ele a dureza e as penas do trabalho, também irão compartilhar com ele dos frutos da vitória. Só depois apresenta o chamado de Cristo<sup>31</sup>.

O chamado de Cristo implica num caminho de seguimento, no percurso do qual vai-se dando a configuração do discípulo ao modo de ser do mestre. Na meditação, aquele que chama esclarece enfaticamente as condições do seguimento: o discípulo deve participar dos “trabalhos” e “penas” de Cristo para, assim, com Ele, vencer e participar de sua glória. Como já explicitado no primeiro capítulo deste estudo, os termos *trabalhos*

---

<sup>29</sup> SOBRINO, 1992, p. 82.

<sup>30</sup> MELLONI, 2001, p.161.

<sup>31</sup> MELLONI, 2001, p.161-162.

e *penas* evocam os sofrimentos e padecimentos do Cristo na sua *kenosis*, na sua morte de cruz.

A meditação se conclui com a oração da oblação. Depois de escutar, ponderar e considerar com atenção o chamado do Rei eterno, o exercitante é motivado a oferecer-se “inteiramente para esse trabalho” (EE 96) e, caso queira afeiçoar-se e distinguir-se no serviço ao Rei eterno, “agindo contra sua sensualidade e contra o seu amor carnal e mundano, fará oblação de maior valor e importância, dizendo”:

Eterno Senhor de todas as coisas, eu me ofereço, com a vossa graça e ajuda [...]. Quero e desejo, e é minha determinação deliberada, desde que seja para o vosso maior serviço e louvor, imitar-vos em passar todas as injúrias, todas as afrontas e toda a pobreza – tanto material como espiritual – se vossa santíssima Majestade quiser me escolher e receber nesta vida e estado (EE 98).<sup>32</sup>

É importante lembrar que o esforço da oblação tem um “silêncio” – passividade – final: “se vossa santíssima Majestade quiser me escolher...”. Javier Melloni lembra que “a aparente *hybris* desta oblação tem aqui o seu segredo: não sou eu que escolho, eu sou escolhido; não sou eu que entro, eu sou recebido”.<sup>33</sup>

A oração da oblação assume um caráter fundamental na dinâmica do seguimento, pois trata-se da decisão que o exercitante toma com determinação e firmeza, expressando o desejo de seguir a Cristo radicalmente. Tal radicalidade se expressa na disposição de passar por injúrias, afrontas e pobreza, como o Cristo. Em outras palavras, está decidido a enfrentar o sofrimento e a cruz, se este for o desejo de Deus para ele. Sobrino chama a atenção para a concretude desta oblação, desta entrega, que, embora não explicitada no texto inaciano, é incontornável no contexto contemporâneo do seguimento de Jesus na América Latina e no mundo:

Chama a atenção o fato de que, apesar do seu desejo de perseguições e injúrias para compartilhar o destino de Jesus, não aparece (no texto inaciano) um tipo de perseguição específica, estes “opróbios e menosprezos” que não apenas acompanham historicamente o fato de ser pobres, mas que sobrevêm por necessidade à luta por deixar de sê-lo e à defesa que se faz deles. E não aparece, por último, a possibilidade do martírio por causa da justiça do reino de Deus. Tudo isso – defesa dos pobres, profecia, perseguição e martírio – não são apenas realidades importantes, mas realidades centrais em Jesus e em seu seguimento atual. Santo Inácio é insigne no seguimento do Jesus pobre e humilde, mas, pelas condições histórico-eclésiásticas e os conhecimentos bíblicos de seu tempo não chega a perceber o que há de historicamente

<sup>32</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 51.

<sup>33</sup> MELLONI, 2001, p. 163.

empobrecedor no seguimento de um Jesus profeta. Que, por isso mesmo, chega a ser mártir.<sup>34</sup>

A entrega ao seguimento de Jesus, assim, com deliberada determinação, se concretiza na prática do amor, da doação, da oblação, cuja maior expressão é a cruz, como afirma um dos mais conhecidos comentadores dos Exercícios no Brasil, o Pe. Geza:

O núcleo da perfeição é o amor, que se pratica de maneira mais intensiva pelo sacrifício (consagração total) da vida a Deus. A condição e o meio da oblação se encontram na Cruz, no seguimento de Jesus Crucificado.<sup>35</sup>

O seguimento de Jesus supõe sair de si mesmo, “sair do próprio amor, querer e interesse” (EE 189), uma atitude de disponibilidade e abertura à qual o Papa Francisco tem conclamado a Igreja e cada cristão, ao propor a inspiradora imagem de uma “Igreja em saída”, na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*:

Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar este chamado: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho.<sup>36</sup>

Francisco acredita que a Igreja adoece se fica imobilizada numa postura de autorreferencialidade. Por isso a provoca e exorta a desinstalar-se, a não ser surda ao chamado do próprio Jesus para sair do seu comodismo e sair em busca das periferias existenciais:

É preciso sair de nós mesmos, ir para a periferia. É preciso evitar a doença espiritual da Igreja autorreferencial: quando ela se torna autorreferencial, a Igreja adoece. É verdade que saindo pelas ruas, como acontece com todo homem e toda mulher, podem acontecer acidentes. Mas se a Igreja permanece fechada em si mesma, autorreferencial, ela envelhece. E, entre uma Igreja acidentada que sai pelas ruas e uma Igreja doente de autorreferencialidade, eu não tenho dúvidas de preferir a primeira.<sup>37</sup>

A meditação do chamado do Rei Eterno, culminando na oração da oblação do exercitante, que se dispõe a segui-lo em tudo, supõe esta disposição para assumir “os

<sup>34</sup> SOBRINO, 1992, p. 81-82.

<sup>35</sup> KÖVECSÉS, Géza. *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*. Porto Alegre: CECREI, 1966, p. 118.

<sup>36</sup> FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium*: a alegria do Evangelho, n. 20. São Paulo: Loyola/Paulus, 2013.

<sup>37</sup> Trecho de uma entrevista ao então Card. Jorge Mario Bergoglio, datada de janeiro de 2012 e publicada no dia 14.03.2013. Disponível em: [www.ihu.unisinos.br/noticias/os-males-da-igreja-se-chamam-vaidade-e-carreirismo-entrevista-com-jorge-mario-bergoglio-atual-papa-francisco](http://www.ihu.unisinos.br/noticias/os-males-da-igreja-se-chamam-vaidade-e-carreirismo-entrevista-com-jorge-mario-bergoglio-atual-papa-francisco)

trabalhos e penas” de Jesus, ou seja, o seu sofrimento e cruz, consequência do compromisso concreto com os pobres, com os povos crucificados.

### 3.3.3 A contemplação dos mistérios da vida de Jesus

Depois de fazer a meditação do Reino, com a oração da oblação, repetindo-as algumas vezes,<sup>38</sup> o exercitante é convidado a entrar propriamente na Segunda Semana, passando a contemplar os mistérios da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, para deixar-se interpelar e configurar por ele.

A maior contribuição inaciana para os cristãos que vivem a sua fé no Terceiro Mundo é a sua insistência no seguimento de Jesus<sup>39</sup>. E para motivar o exercitante no exercício deste seguimento, Inácio o convida a contemplar os mistérios da vida de Jesus. Trata-se, segundo Sobrino, “do que hoje chamamos o Jesus histórico, o Jesus real, aquele que passou fazendo o bem, curando os enfermos e endemoninhados”. Os conhecimentos bíblicos da época eram, certamente, limitados, mas a intuição fundamental de Inácio continua tendo total validade e é insubstituível. O que realmente importa é ser e “fazer” como Jesus. Sobrino explicita assim a importância de conhecer e seguir Jesus no mundo de hoje, de modo particular na realidade do povo crucificado:

O seguimento de Jesus hoje, quando conhecemos um pouco melhor sua “vera historia”, é a melhor contribuição que podemos oferecer como cristãos ao povo crucificado, como a história o confirma. O Jesus que anuncia o Reino de Deus aos pobres e denuncia o antirreino, o Jesus que sente misericórdia do povo, cura suas enfermidades e lhe dá de comer, que sente ira contra seus opressores e os denuncia e desmascara, o Jesus que denuncia o pecado dos ricos, fariseus, sumos sacerdotes..., e o assume para erradicá-lo, o Jesus fiel até o final, perseguido e justificado pelos poderosos, mas ressuscitado pelo Pai para que as vítimas tenham esperança. Este Jesus continua gerando esperança, lucidez, criatividade, compromisso, misericórdia e amor, e os pobres sabem que ele é deles. Santo Inácio não o apresenta exatamente desta maneira, mas a sua absoluta convicção e até obsessão o que deve fazer é apresentar a verdadeira história de Jesus de Nazaré e segui-lo, é o grande princípio que inaugura boas realidades para o povo crucificado.<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> MELLONI, 2001, p. 163.

<sup>39</sup> SOBRINO, 1992, p. 93.

<sup>40</sup> SOBRINO, 1992, p. 93.

A contemplação dos mistérios da vida de Jesus é proposta por Inácio como motivação para o seguimento e a configuração do discípulo a ele. Segundo Sobrino, as contemplações propostas por Inácio devem ser vividas desde esta perspectiva da realidade da vida de Jesus e desde a realidade em que vive o exercitante. É o que o teólogo chama “princípio-realidade”, essencial para uma verdadeira e profunda experiência dos Exercícios, que leve a uma conversão e uma ação que tenha incidência na realidade do exercitante e na sua ação (no seu fazer) para a humanização do próprio sujeito e do mundo:

Chamamos Jesus o “princípio-realidade” e gostaria de explicar por que e em que sentido. Na tradição cristã, o seguimento de Jesus é sempre apresentado no contexto da perfeição, depois de termos chegado, supostamente, a ser humanos. Tal como estão as coisas no mundo, no entanto, o seguimento de Jesus é algo mais simples, mas também mais profundo: seguir Jesus é o modo de chegar a ser simplesmente humanos, de poder viver com um mínimo de dignidade e sem nos envergonharmos de ser humanos em um mundo desumano. Seguir Jesus pobre e humilde, como Inácio nos pede, é, hoje, sobretudo e antes de tudo, participar de sua pobreza e humilhação, e, às vezes, de seu destino. E dessa forma chegamos a ser seres humanos “reais”, não fictícios.<sup>41</sup>

O primeiro exercício da Segunda Semana é a contemplação do mistério da Encarnação de Jesus. Jon Sobrino, lembrando o compromisso insistente que Inácio tem com “a honradez do real”, como primeiro passo de toda espiritualidade, afirma que “esta honradez primigênia consiste em ver a realidade tal como é e em reagir segundo as exigências que brotam dela”.<sup>42</sup> Trata-se da honradez consigo mesmo, para não se deixar enganar, e da honradez para com Deus, para fazer a sua vontade. Esta é uma marca que perpassa todas as contemplações e meditações propostas por Inácio em seus Exercícios Espirituais. Na contemplação da encarnação, nos propõe contemplar a realidade do mundo, e nos pede para olhá-lo com os olhos de Deus. Pede-nos para contemplar “como as três pessoas divinas olhavam toda a superfície plana ou curva do mundo, cheia de gente” (EE 102) e convida o próprio exercitante a “olhar toda a grande extensão e a curvatura do mundo”. Pede, portanto, para que ele olhe “o gênero humano”, com amplitude e não com pequenez.

O que esse olhar encontra é uma imensa variedade e diversidade. Ao mesmo tempo, e sobretudo, dá-se conta de uma imensa tragédia. Sobrino lembra que Santo Inácio

---

<sup>41</sup> *Ibid.*, p. 93-94.

<sup>42</sup> *Ibid.*, p. 86.

faz notar que desse olhar a tragédia, que teoricamente poderia levar ao “Javé arrependeu-se em seu coração de haver criado o homem sobre a terra” (Gn 6,6), surge uma reação contrária e primária. As pessoas divinas decidem: “ façamos redenção” (EE 107), a “salvação do gênero humano” (EE 102).<sup>43</sup> Ao propor os Exercícios Espirituais hoje, não podemos esquecer de “olhar com honradez” a realidade – com suas belezas mas também com suas contradições e malícia – e reagir com misericórdia diante de sua tragédia. Sobre isto, Sobrino explicita:

Se olhamos o mundo com os olhos com que o próprio Deus olha a sua criação – e é isso que nos pede Santo Inácio – a reação é óbvia: é necessário olhá-lo com misericórdia. E é preciso entender bem do que se trata essa misericórdia. Não é um puro sentimento, nem uma pura ajuda pontual ante uma tragédia. Trata-se da reação primária diante do sofrimento alheio interiorizado, ao qual se deve responder com urgência e sem mais razões para isso senão o próprio fato do sofrimento, e é aquilo que configura, daí por diante, toda a vida e a missão de quem é honrado com nossa realidade.<sup>44</sup>

Esta misericórdia deve ser historizada de acordo com a vítima que está ferida no caminho, e por isso, porque se trata de milhares de milhões de seres humanos, a misericórdia no mundo em que vivemos tem que tornar-se justiça. Contemplar assim o mistério da Encarnação, no contexto de um mundo dilacerado por desigualdades que crucificam os pobres, leva o exercitante a comprometer-se com a defesa dos seus direitos, a solidarizar-se com os crucificados, padecendo com eles e com eles lutando para descê-los da cruz.

O convite a contemplar o mistério da Encarnação hoje é o convite a olhar o mundo em sua imensa pobreza. Vista desde o Terceiro Mundo, a pobreza é uma realidade gritante, tanto em qualidade quanto em quantidade, afirma Sobrino:

*Qualitativamente*, significa gravíssima dificuldade de dominar a vida e, portanto, aproximar-se da morte: estruturas injustas, ausência de direitos, fome, massacres, torturas... *Quantitativamente*, porque pobreza e indignidade não são a exceção, uma realidade massiva que atinge a mais seres humanos. No mundo, mais de 4 bilhões de seres humanos vivem na pobreza, quantidade que aumenta cada vez mais, com o passar dos anos.<sup>45</sup>

---

<sup>43</sup> SOBRINO, 1992, p. 87.

<sup>44</sup> *Ibid.*, p. 89.

<sup>45</sup> SOBRINO, 1992, p. 87.

### 3.3.4 A Jornada Inaciana e a Eleição

Como preparação imediata para o momento da Eleição nos Exercício, visando a uma maior lucidez, Inácio propõe a meditação das Duas Bandeiras, o primeiro dos três exercícios da Jornada Inaciana, confronta o exercitante com duas realidades: riqueza e pobreza. Ambas funcionam como princípios com um dinamismo próprio. A riqueza leva à honra vã do mundo, daí à soberba e daí a todos os vícios. A pobreza leva a opróbios e desprezos, daí à humildade e daí a todas as virtudes. Sobrino faz uma reflexão sobre como propor este exercício na realidade latino-americana, articulando a necessidade de lucidez com o que ele chama de “princípio-pobreza”:

Desta forma – e olhando o mundo de hoje – Santo Inácio oferece lucidez sobre a realidade em si mesma. 1. Na materialidade da riqueza e da pobreza está inserido um dinamismo que, embora não funcione de maneira mecânica, está objetivamente presente na própria natureza das coisas: “para que mais facilmente venham a...”. Riqueza e pobreza são princípios, não apenas realidades regionais. 2. Estes princípios são não apenas diferentes, mas apresentam uma disjuntiva: ou um ou outro. 3. São, além do mais, princípios duélicos, pobreza contra riqueza, opróbios contra honra vã do mundo, humildade contra soberba... 4. Chegam a configurar totalidades quando, através do caminho percorrido, chega-se a todos os vícios ou a todas as virtudes<sup>46</sup>.

Esta visão da realidade ilumina muito o nosso mundo de hoje, os princípios pelos quais se rege e o que é preciso fazer em um mundo que de fato está antagonicamente dividido. Segundo Sobrino, o “Primeiro Mundo está baseado explicitamente sobre o princípio-riqueza, que leva à opressão, à prepotência e à cegueira sobre si mesmo e sobre o que produz”. O Terceiro Mundo é produto do primeiro e está, objetivamente, em luta contra ele. Chegar a superar a pobreza só pode acontecer libertando-se da riqueza que a ocasiona. A respeito disso, Sobrino afirma:

Considerando teologicamente, nesta realidade existe a luta dos deuses, com suas mediações e seus mediadores, entre os quais deve-se escolher, eleger. Concretamente, existe o Deus da vida, Deus dos pobres, e os ídolos de morte que produzem vítimas. Existem as mediações, o reino de Deus e as sociedades desumanas, o antirreino. Existem os mediadores, Jesus e os servidores dos ídolos. E entre ambos tipos de realidades há oposição e luta. Teo logicamente, “não se pode servir a Deus e às riquezas”, “é preciso adorar o verdadeiro Deus e aborrecer os deuses rivais”. Cristo logicamente, quem não está comigo está contra

---

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 91-92.

mim”. Antropologicamente, “quem quer salvar a sua vida, perde-a...”.<sup>47</sup>

As controvérsias de Jesus sobre a verdadeira realidade de Deus contra as falsas divindades e a sua pregação de bem-aventuranças e maldições ajudam a recuperar e a compreender a estrutura da encarnação e a dimensão de combate e luta da sua vida: fazer-se carne histórica é optar pela carne do pobre, defender os pobres contra seus opressores e sofrer perseguição da parte destes. Sobrino está convencido que “é desde a pobreza, e não desde a riqueza – mas contra ela – que hoje se adquire lucidez sobre a utopia”:

Como o servo sofredor de Javé e como Jesus crucificado, os pobres deste mundo são “luz para os povos” e “sabedoria de Deus”. Dito em termos históricos, a totalidade de nosso mundo, a tragédia e suas causas, se vê melhor desde o Terceiro Mundo que desde o Primeiro. E desde essa realidade mais real se concebe melhor a utopia. Dito na linguagem de Inácio Ellacuría – conscientemente profético e utópico – a utopia é a civilização da pobreza e a civilização do trabalho que façam possível o mínimo, que é o máximo dom de Deus, como dizia Mons. Romero: a vida dos pobres. A utopia é a austeridade compartilhada, que, enquanto austeridade, faça possível a vida para todos, pois os modelos que os países da abundância oferecem não são universalizáveis; e, enquanto compartilhada, expresse fraternidade.<sup>48</sup>

Quanto ao pedido do exercitante para ser acolhido sob a bandeira da cruz, na pobreza do Filho, Sobrino assevera que seria ingenuidade tentar contemplar Jesus pobre e humilde sem se dar conta “do empobrecimento e humilhação que campeia pelo mundo”, e seria ironia “pedir a graça de ser postos na pobreza e humildade do Filho sem relacioná-la com a sorte da maior parte da humanidade que vive empobrecida e humilhada, sem pedi-lo e por necessidade”<sup>49</sup>. Não se pode considerar estas duas coisas como realidades separadas, sem mais.

Os Exercícios tratam do tema da pobreza para ajudar o exercitante a fazer uma boa eleição, e, mais especificamente, relacionada a Jesus pobre e humilde, ao qual se deve seguir. Seguindo a melhor tradição cristã, segundo Sobrino, Santo Inácio considera a pobreza como modo do seguimento de Jesus, como sendo “a melhor salvaguarda contra a tentação de poder, tentação à qual – muito evangelicamente – é especialmente sensível, e como denúncia profética, ainda que implícita, contra a corrupção da Igreja de seu tempo, pelo qual exige para si e para os seus ‘pregar em pobreza’”<sup>50</sup>.

---

<sup>47</sup> SOBRINO, 1992, p. 92.

<sup>48</sup> *Ibid.*, p. 92-93.

<sup>49</sup> *Ibid.*, p. 78.

<sup>50</sup> SOBRINO, 1992, p. 80.

Em conjunto, Santo Inácio enfoca a pobreza mais como um bem (uma virtude centralmente evangélica) que como um mal (a realidade social dos injustamente empobrecidos). É certo que em sua vida real isto não o levou a esquecer os pobres reais nem a escapar da exigência ética do que fazer com eles. Na conhecida carta aos jesuítas de Pádua, Santo Inácio relaciona o seguimento de Jesus pobre com os pobres reais, e inclusive teologiza sua relação: “são tão grandes os pobres na presença divina que principalmente para eles foi enviado Jesus Cristo à terra... A amizade com os pobres nos faz amigos do Rei Eterno”<sup>51</sup>. Sobrino encontra nesta intuição de Inácio “um fundamento importante do que hoje se chama ‘opção pelos pobres’, embora lhe pareça que a prioridade recai mais sobre o Jesus pobre do que sobre os pobres reais”. Quanto a esta afirmação, esclarece:

Podemos dizer que a análise dos pobres é cristológica, com toda a riqueza que isto oferece, mas que não é teológica (e, é claro, não é econômico-social). Santo Inácio se concentra mais no Cristo pobre ao qual se deve seguir, porque isso nos assemelha ao *vere homo*, do que no aspecto teológico. Segundo o enfoque teológico, a própria existência dos pobres reais é, por um lado, a máxima expressão do pecado do mundo e a negação da vontade de Deus, e, por outro, esses pobres são sacramentos de Deus quase *ex opere operato* e destinatários privilegiados de sua boa notícia, dados que aparecem claramente no AT (Êxodo, profetas...) e no NT (Magnificat, bem aventuranças de Jesus em Lucas...)<sup>52</sup>.

Hoje, ao se propor e ao se viver a experiência dos Exercícios, não se pode esquecer um conteúdo e uma vontade central em Deus, de modo que, mesmo que esta vontade deva ser concretizada para o exercitante (desde que estado de vida, por exemplo, vai-se levar a cabo), o central dela não pode ser colocado em questão. E este central que não pode ser posto em questão é, segundo Sobrino, “a parcialidade essencial de Deus para com os pobres e vítimas deste mundo e sua vontade de libertá-los”.<sup>53</sup> O documento de Puebla afirma isto num texto de uma audácia teológica sem precedentes. Ao falar dos pobres, diz: “criados à imagem e semelhança de Deus para ser seus filhos, esta imagem jaz obscurecida e também escarnecida. Por isso Deus toma sua defesa e os ama”<sup>54</sup>. Não há nenhuma dúvida: esta pobreza é o verdadeiro sinal dos tempos no sentido histórico-pastoral, é o que caracteriza, de forma trágica e assustadora, a nossa época. É, portanto,

<sup>51</sup> INÁCIO DE LOYOLA. Carta a los padres y Hermanos de Padua, 7 de agosto 1547. In: *Obras completas de San Ignacio de Loyola*. Madrid: BAC, 1991, p. 818-819.

<sup>52</sup> SOBRINO, 1992, p. 80-81.

<sup>53</sup> *Ibid.*, p. 84.

<sup>54</sup> CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Conclusões da Conferência de Puebla, n. 1142.

“o que deve ser levado em conta pela Igreja, a Companhia e os Exercícios, para que sua missão não seja anacrônica e vã”.<sup>55</sup>

É necessário considerar o “lugar” desde o qual se lê o evangelho – o Terceiro Mundo –, o lugar no qual a inocultável opressão exige a libertação. Isto serve *a fortiori* para os Exercícios e é mais do que uma óbvia exigência hermenêutica. No que se refere ao tema dos pobres, é uma exigência da própria revelação. A questão não é se alguém busca a Deus ou não. A questão é se o está buscando onde ele mesmo disse que estava. Para superar o que há de limitação na compreensão inaciana dos pobres e da pobreza, o mais eficaz é estar no lugar onde Deus disse que estava: os pobres deste mundo. E acrescentamos que se não se está nele dificilmente se superará a limitação<sup>56</sup>.

### **3.4 “A divindade, que parecia esconder-se na paixão, aparece e se mostra” (EE 223)**

Depois da Eleição, ponto alto e cume da segunda etapa dos Exercícios, o exercitante avança no seu processo de configuração com Jesus, convidado a contemplar o Mistério Pascal nas duas etapas seguintes: a contemplação do mistério “do Senhor, que vai à sua Paixão por meus pecados” (EE 193), na Terceira Semana; e a contemplação do mistério “de sua santíssima Ressurreição” (EE 223), na Quarta Semana. Ambas as etapas são profundamente marcadas pela presença redentora da cruz de Jesus, que vence a morte.

#### **3.4.1 Contemplação da Paixão do Senhor e sua morte na cruz**

A Terceira Semana se desenvolve em torno da contemplação do mistério da cruz do Senhor. Ela é fundamental para alcançar o fruto dos Exercícios. Na semana anterior, o exercitante pediu a graça de conhecer, amar e seguir o Cristo. Isso o levou a fazer uma eleição acerca dos meios para realizar em toda a vida esse amor. Agora, depois de feita essa eleição, “a contemplação da paixão e da morte do Cristo o deve confirmar no caminho para o qual foi escolhido, através da união amorosa com o Senhor, que por amor a nós foi até a cruz”<sup>57</sup>. Inácio espera que a contemplação de amor tão grande conduza o exercitante à união mística com o Cristo crucificado.

---

<sup>55</sup> SOBRINO, 1992, p.88.

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 86.

<sup>57</sup> GOPEGUI, J. A. R. de. *Procurar e encontrar Deus no dia-a-dia por meio dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 171.

A identificação com a Paixão de Cristo, por meio da participação em sua *kenosis*, é o que Inácio propõe ao convidar o exercitante para, numa atitude de ainda maior silêncio e reverência, viver a experiência mais radical do mistério da encarnação: o padecimento e a morte do Filho de Deus na cruz. Deste modo, “vai aprendendo a morrer cada vez mais para si mesmo e vai se aprofundando no seguimento e na imitação do modo de proceder de Deus”.<sup>58</sup> Inácio assim apresenta as considerações que devem nortear as contemplações:

Considerar o que Cristo nosso Senhor padece na humanidade, ou o que quer padecer, segundo o passo que contemplo. Começar, então, com muito empenho, esforçando-me por condoer-me, entristecer e chorar. E assim continuar trabalhando nos outros pontos seguintes. Considerar como a divindade se esconde: poderia destruir a seus inimigos, e não o faz; e deixa padecer tão cruelmente sua sacratíssima humanidade. Considerar como ele padece tudo isso por meus pecados etc. E o que devo eu fazer e padecer por ele (EE 195-197)<sup>59</sup>.

A etapa começa com a contemplação da última ceia, na qual já aparece a entrega total de Jesus, que será consumada, depois, na cruz. Para ser verdadeiro discípulo de Jesus, é preciso ter os mesmos sentimentos que ele (Fl 2,5), que o tornaram capaz de um despojamento total, até a morte na cruz (Fl 2,6-8). Jesus conclui a Nova Aliança, entrega-se, dá a sua vida: “Tomai e comei”. Logo depois seguem os acontecimentos da Paixão que vão revelar o que Jesus nos entrega na Ceia, o único acontecimento que se pode reviver para comungar pessoalmente com Ele. O fundamento desse mistério é a *kenosis*, o abaixamento de Deus em Jesus. Na ceia, Jesus lava os pés dos discípulos. O Filho de Deus se esvazia de si mesmo. Inácio destaca nos Exercícios o descentramento de si para centrar-se em Deus. A situação mais crítica de Jesus é conciliar o fracasso de sua missão com a total confiança em Deus. Na Paixão vemos o sofrimento de Jesus: esquece-se de si mesmo para dar lugar totalmente a Deus. O seguimento de Jesus é, naquele momento, um estar com Ele, estar muito próximo dele, esvaziar-se com Ele para dar lugar total ao Amor. Produz-se um silêncio profundo que nasce do silêncio de Jesus na Paixão, silêncio de suas palavras, de sua atividade, de toda relação. O Papa Francisco lembra o horizonte da misericórdia no qual Jesus vive sua paixão e morte:

Enquanto instituí a Eucaristia, como memorial perpétuo dEle e de sua Páscoa, Jesus colocava simbolicamente este ato supremo da Revelação sob a luz da misericórdia. No mesmo horizonte da misericórdia, viveu

<sup>58</sup> MELLONI, 2001, p. 234.

<sup>59</sup> INÁCIO DE LOYOLA, 2000, p. 80-81.

ele a sua paixão e morte, ciente do grande mistério de amor que se realizaria na cruz<sup>60</sup>.

O mistério da cruz de Jesus é a mais clara expressão do mistério do “Deus maior” que se faz menor e se revela parcial em relação aos pobres. É nesta perspectiva que Sobrino reflete sobre o tema da *kenosis* de Deus na cruz ao referir-se à afirmação de Inácio de que na Paixão “a divindade se esconde”:

Não se pode apelar ao mistério de Deus para não reconhecer sua essencial parcialidade para com os pobres, não se pode apelar à extraordinária intuição inaciana sobre o mistério de Deus para não fazer hoje a óbvia vontade de Deus. Não deve haver medo de que assim o mistério de Deus possa se apequenar. O próprio Rahner o diz: “Deus é sempre maior e, também por isso mesmo, menor”. Santo Inácio – com a Escritura e a teologia atual do Deus crucificado – fala do apequenamento de Deus, “a divindade se esconde” (EE 196). O que queremos acrescentar e enfatizar é que esse apequenamento não é arbitrário, mas é produto da parcialidade primigênia de Deus para com o pequeno. Deus é, essencialmente, um Deus dos pobres.<sup>61</sup>

É a este apequenamento que se refere Sobrino quando, ao falar da parcialidade do Deus de Jesus em relação aos pobres, aos pequenos, aos esquecidos e marginalizados...; um Deus solidário à dor da humanidade, sugere que a identificação com o Jesus dos Exercícios inacianos é o que leva o exercitante a se comprometer, como missão confiada a ele pelo próprio Deus, a descer da cruz os povos crucificados.

A passagem da Segunda para a Terceira Semana dos Exercícios é marcada por uma mudança brusca de perspectiva. Segundo Kolvenbach, esta mudança é bem clara a partir da contemplação da agonia de Jesus no horto. Na Segunda Semana, Inácio seleciona mistérios da vida de Cristo onde prevalecem contemplações luminosas, que apresentam o Cristo ativo, manifestando a glória de Deus, como o ícone do *Pantocrátor*. Na Terceira Semana, ao contrário, o texto inaciano enfatiza os padecimentos do “manso Senhor” (EE 291) a caminho da cruz, manifestando-se como Servo Sofredor. Inácio resume bem esta perspectiva num dos pontos que apresenta para as contemplações da Paixão: “a divindade se revela ocultando-se livremente na humanidade que sofre tão cruelmente. O *Pantocrátor* é o Servo Sofredor”.<sup>62</sup> Diz, ainda, o Pe. Kolvenbach:

Esta insistência da terceira Semana sobre a impotência divina não difere, apenas, dos mistérios da infância na Segunda Semana. A *kenosis* do Senhor é testemunhada na impotência humana assumida nos mistérios da infância e na impotência livremente aceita nos mistérios

<sup>60</sup> FRANCISCO, Papa. *Misericordiae Vultus*: o rosto da misericórdia, n. 7.

<sup>61</sup> SOBRINO, 1992, p. 85.

<sup>62</sup> KOLVENBACH, 1999, p. 96.

da paixão. Daí a referência à cruz no mistério do nascimento: “o caminhar e trabalhar, para que o Senhor nasça na maior pobreza e, depois de tantos trabalhos, passando fome e sede, calor e frio, injúrias e afrontas, morra na cruz (EE 116). Este texto contém já a impotência em que caminha, desde o seu nascimento, o Onipotente.<sup>63</sup>

Se Deus sofre assim, é por excesso de amor desde o princípio, por ser fiel ao seu amor por nós, mesmo quando este amor signifique os sofrimentos de seu Filho único. Inácio não insiste no sofrimento, mas no Cristo que sofre (EE 195). Jesus nunca deixou de combater o sofrimento, que sempre considerou um mal e que experimentou em si mesmo com tanta angústia. Não é tanto o sofrimento em si que nos aproxima de Cristo, mas o próprio Cristo, nosso Senhor. Que em seu sofrimento e no escândalo de sua morte na cruz, faz seus os sofrimentos e as dores dos seres humanos.

A palavra *compaixão*, nos recorda Kolvenbach, pode ser perigosa e ambígua; em um contexto sem amor significa um puro sentimentalismo, uma espécie de piedade consoladora, na qual o ser humano se consola de tantas desgraças e tantas misérias. A experiência da contemplação da Paixão nos Exercícios nos faz perceber que “não existe compaixão sem sofrimento, mas sofrimento entendido como continuidade e consequência livremente assumidas de um amor que não copia, absolutamente, a paixão de Cristo, mas se assemelha a ela efetivamente enquanto “pobre” e “louco” por sua Glória (EE 197)”.<sup>64</sup>

Nesta perspectiva, é importante lembrar que Inácio não propõe, nos Exercícios, uma experiência dolorista, promotora de uma fé masoquista, que cultua o sofrimento e a dor. É verdade que o caminho do seguimento de Jesus supõe que, em alguns momentos nos sobrevenham a cruz, padecimentos e dores. Mas não porque os temos buscado. Serão simplesmente a consequência de uma vida vivida desde a identificação com o Cristo pobre e humilde, que assumiu a vida dos pobres, dos crucificados.

### 3.4.2 Os “efeitos da Ressurreição do Senhor” e “o ofício da consolação”

O fruto da Terceira Semana foi, para o exercitante, a identificação amorosa com Jesus, que por nós assumiu a Paixão, e a confirmação da eleição, a disposição de seguir o Cristo com uma fidelidade capaz de superar o escândalo da cruz. Na Quarta Semana,

---

<sup>63</sup> *Ibid.*, p. 96.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 99.

Inácio propõe ao exercitante contemplar a presença do Senhor Ressuscitado, servindo-se dos relatos evangélicos das aparições do Senhor ressuscitado ao discípulos. A Ressurreição do Senhor mostra ao exercitante a meta de sua caminhada no seguimento do Cristo, fazendo nascer nele a esperança de “acompanhar o Senhor na glória”. De fato, na contemplação do chamado do Rei eterno, ele prometera: “quem quiser vir comigo deve trabalhar comigo, a fim de que, seguindo-me nos trabalhos, me acompanhe também na glória”.

Na Quarta Semana o exercitante é convidado a contemplar os mistérios da Ressurreição do Senhor. A Ressurreição como um grito de liberdade total de Jesus e libertação total de toda a humanidade. Deus faz novas todas as coisas, recria a humanidade. A Ressurreição é a vitória do amor. Se a Paixão foi o "sim" do Crucificado ao Pai, a Ressurreição foi o "sim" do Pai ao Crucificado. É a confirmação da pessoa, da obra e da mensagem de Jesus de Nazaré. Os relatos evangélicos das aparições de Jesus são, sobretudo, a manifestação da divindade na humanidade de Jesus, expressão de um "caminhar na fé", segundo o qual o discípulo vai progressivamente acolhendo o Cristo como vivo e, assim, participa da libertação que traz consigo o Ressuscitado.

Inácio introduz as contemplanções da Ressurreição elencando cinco pontos para a consideração do exercitante, sendo os três primeiros comuns às demais etapas e apenas o quarto e o quinto pontos específicos desta quarta semana: “Considerar como a divindade, que parecia esconder-se durante a Paixão, aparece e se mostra tão miraculosamente agora em sua santíssima ressurreição, pelos seus verdadeiros e santíssimos efeitos” (EE 223) e “Olhar o ofício de consolar, que Cristo Nosso Senhor exerce, comparando como os amigos costumam consolar-se.” (EE 224). A respeito destes pontos, Javier Melloni comenta:

O quarto ponto desta Semana dialoga com o quarto e o quinto pontos da Terceira Semana. Neles se considerava o que Cristo padecia em sua humanidade (EE 195) e como a divindade se escondia (EE 196). Agora, na Quarta Semana, a divindade “aparece e se mostra”. O quinto ponto dialoga com o sexto da Terceira Semana: se ali se havia de considerar o que se devia fazer e padecer por Cristo (EE 197), aqui se acentua a dimensão passivo-receptiva do deixar-se consolar. Note-se como estes dois pontos específicos da Quarta Semana supõem uma radical inversão em relação ao clima da Terceira Semana. Depois do abaixamento kenótico e purificativo da Paixão, o exercitante entra de novo em um clima unitivo. Trata-se da iluminação iniciática após a morte e a descida aos infernos que Cristo e o exercitante realizaram conjuntamente.<sup>65</sup>

---

<sup>65</sup> MELLONI, 2001, p. 242-243.

Inácio não se detém tanto no fato da Ressurreição, mas nos seus verdadeiros e santíssimos efeitos. A divindade de Cristo se manifesta, ele é Rei e Senhor e isso é motivo de alegria para o discípulo que o segue. Em cada um vai se manifestar o dom de Deus segundo a sua divina vontade. Os efeitos não serão os mesmos para todos, mas na contemplação dos mistérios, vemos, ouvimos e deixamos “refletir” em nós o que contemplamos. Deste modo, vemos os efeitos da divindade de Cristo ressuscitado em Maria, nas mulheres, nos discípulos, em mim: “finalmente, a mim, apareceu-me...” (EE 311). As aparições constituem a experiência pessoal, na fé do Cristo Vivo, de não procurá-lo mais entre os mortos; experiência que é acompanhada essencialmente da libertação de tudo aquilo que poderia limitar e prender o discípulo. Libertar para uma adesão mais total ao Cristo, ao amor e à vida eterna.

Consolar é o que define a ação do Ressuscitado, transformando a situação dos seus discípulos e discípulas: a tristeza se converte em alegria contagiante, o medo em valentia e audácia, a negação de Cristo em profissão de fé e martírio... Não se trata de um ato pontual, mas de um ofício que definirá para sempre a atividade do seu Espírito no mundo. São Paulo fala da consolação de Deus como dom para a missão (2Cor 1,3-7). Trata-se de uma experiência transbordante, expansiva, que impulsiona o discípulo em direção aos outros. O consolo que ele recebe está destinado a transbordar para os outros. A presença de Cristo Ressuscitado conforta, consola, anima em situações difíceis. É presença de força e alento para continuar na missão. Não vem tocar no passado, no abandono e na traição dos seus apóstolos, mas vem consolá-los e fazê-los crescer na fé, na esperança e no amor.

O tema da consolação foi abordado pelo Papa Francisco por ocasião do Jubileu da Misericórdia:

A misericórdia possui também o rosto da consolação. «Consolai, consolai o meu povo» (Is 40, 1): são as palavras sinceras que o profeta faz ouvir ainda hoje, para que possa chegar uma palavra de esperança a quantos estão no sofrimento e na aflição. Nunca deixemos que nos roubem a esperança que provém da fé no Senhor ressuscitado. É verdade que muitas vezes somos sujeitos a dura prova, mas não deve jamais esmorecer a certeza de que o Senhor nos ama. A sua misericórdia expressa-se também na proximidade, no carinho e no apoio que muitos irmãos e irmãs podem oferecer quando sobrevêm os dias da tristeza e da aflição. Enxugar as lágrimas é uma ação concreta que rompe o círculo de solidão onde muitas vezes se fica encerrado. Todos precisamos de consolação, porque ninguém está imune do sofrimento, da tribulação e da incompreensão. [...] Uma palavra que anima, um abraço que te faz sentir compreendido, uma carícia que deixa perceber o amor, uma oração que permite ser mais forte... são todas

expressões da proximidade de Deus através da consolação oferecida pelos irmãos.<sup>66</sup>

Hoje, num mundo dilacerado pelo sofrimento decorrente de tanta violência para com os pobres e vulneráveis – os povos crucificados –, o discípulo de Jesus que faz a experiência dos Exercícios Espirituais sente-se impulsionado pela força do ressuscitado a exercer o ofício da consolação, a ser um instrumento de sua misericórdia, como explicita Sobrino:

É necessário ver a misericórdia como princípio configurador do nosso ser humano, cristão e jesuíta. Se a tragédia deste mundo não é capaz de nos mover à conversão, de iluminar a direção fundamental do nosso quefazer, de configurar nosso seguimento de Jesus e nossa fé em Deus, podemos perguntar-nos o que o fará. No Primeiro Mundo, sobretudo, é necessário despertar do “sono de inumanidade” no qual está mergulhado, como foi necessário um dia despertar do “sono dogmático”. É necessário que a razão se torne razão misericordiosa e solidária para humanizar a melhor herança da razão ocidental e superar suas consequências desumanizantes. É necessário que a teologia seja concebida não só como *intellectus fidei*, mas como *intellectus spei*, que dê esperança às vítimas, e sobretudo, como *intellectus amoris (misericordiae, iustitiae, liberationis)* que guie a práxis de libertação.<sup>67</sup>

Para descer da cruz os povos crucificados, é preciso reagir com o movimento primário de Deus: com misericórdia, sem segundas intenções, e com total consciência das consequências: seja aonde quer que nos leve, é necessário exercitar a misericórdia. E hoje, como no tempo de Jesus, certamente, leva à denúncia, à perseguição e à cruz. Segundo Sobrino, este princípio-misericórdia é difícil, mas é necessário. É difícil, porque sempre estará presente e atuante a tendência de colocar-nos a nós mesmos – também a Igreja e a Companhia – antes do sofrimento alheio. Não são muitos os que, como Monsenhor Romero, antepõem a misericórdia para com as vítimas não só à sua vida pessoal, mas até mesmo à instituição eclesial. Mas é necessário, sem dúvida, por fidelidade à fé e por necessidade histórica: as vítimas necessitam urgentemente de defesa e apoio. Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio devem ajudar hoje para isso<sup>68</sup>.

### 3.5 Conclusão

Jon Sobrino, no final da conferência que proferiu num Congresso Internacional sobre Exercícios Espirituais no mundo contemporâneo, levantou a provocativa pergunta:

<sup>66</sup> FRANCISCO, Papa. *Misericordia et misera*, n. 13. São Paulo: Loyola/Paulus, 2017.

<sup>67</sup> SOBRINO, 1992, p. 89-90.

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 90.

“os Exercícios produzem hoje seres humanos assim, seres ‘reais’, na pavorosa realidade de nosso mundo, que carregam esta realidade nos ombros e com ela caminham para Deus?”

Ele se referia à realidade dos povos crucificados, particularmente aqueles do Terceiro Mundo. Estariam os Exercícios ajudando a formar pessoas dispostas a seguir e deixar-se configurar pelo Cristo pobre e humilde, “com a cruz às costas” e, depois, “pendente da cruz”, expressão máxima do amor radical de Deus pela humanidade? Estariam os Exercícios sendo um instrumento eficaz na formação de discípulos e discípulas de Jesus, capazes de ouvir o apelo do Papa Francisco para “sair do seu próprio amor, querer e interesse” rumo às periferias existenciais?

As perguntas se multiplicam, se consideramos a enorme quantidade de homens e mulheres da Igreja que se dedicam à pastoral do Exercícios hoje. Não há dúvida de que, como afirmamos no início deste trabalho, os Exercícios têm sido, ao longo dos séculos, uma experiência poderosa e inspiradora na transformação de muitas vidas no seguimento de Jesus, muitos deles até à radicalidade do martírio. A este respeito, Sobrino, com um tocante testemunho, responde à pergunta que ele mesmo levantara:

Desde a Congregação Geral XXXII e seu decreto quarto, 33 jesuítas foram assassinados, todos eles no Terceiro mundo. Eu tive a felicidade de viver e trabalhar com seis deles. Não sei como eles entendiam e faziam os Exercícios, mas sei muito bem que era deles – embora não apenas deles – que tiravam luz e motivação. Nos meus irmãos mártires vi atuantes os princípios de misericórdia, práxis e lucidez que analisei. Neles percebi uma fé no mistério de Deus presente nos crucificados. E a partir deles entendi um pouco o que se costuma considerar como o ponto alto dos exercícios: o terceiro modo de humildade. Estes jesuítas e muitos outros seguiram Jesus até o final e permaneceram fiéis até o martírio. Aprenderam com Santo Inácio que devemos ser fiéis assim, porque assim fizeram com Jesus. E talvez tenham acrescentado ao texto inaciano que é assim que ainda fazem com o seu corpo na história. O que aprenderam, sem sombra de dúvida, é que no mundo de hoje só se pode ser homens, cristãos e jesuítas, tirando da cruz os crucificados.<sup>69</sup>

---

<sup>69</sup> SOBRINO, 1992, p. 94.

## CONCLUSÃO

Começamos a pesquisa situando o tema, no primeiro capítulo, com a apresentação do itinerário espiritual de Inácio de Loyola e o lugar da cruz na sua experiência de Deus, consignada no livro dos Exercícios Espirituais. Constatamos a centralidade do mistério da cruz de Jesus na dinâmica interna da experiência dos Exercícios, como tema recorrente e transversal desde o seu início até o final, ou seja, do Princípio e Fundamento à Contemplação para Alcançar Amor, marcando clara e explicitamente cada uma das quatro semanas que a constituem.

O mistério da cruz de Jesus está presente no princípio e Fundamento, embora implicitamente, na atitude da indiferença, na liberdade interior que implica renúncia (cruz) e o desejo de buscar o que mais conduz ao cumprimento da vontade de Deus. Na Primeira Semana, a cruz está presente no colóquio com o crucificado, diante do qual o exercitante experimenta o amor radical de Jesus que perdoa o pecado e provoca a conversão. Na Segunda Semana, consciente de ser pecador amado e perdoado, o exercitante faz a experiência do seguimento de Jesus, entregue ao serviço do Reino, na oblação de sua vida, disposto a padecer com ele “nos seus trabalhos” (cruz), para celebrar com ele sua vitória. Ainda na segunda etapa, o seguimento se explicita nas contemplações dos mistérios da vida de Jesus, nos quais está presente a cruz em suas diversas manifestações, e na Jornada Inaciana, que culmina suprema identificação com o Cristo no terceiro modo de humildade e na Eleição.

Na Terceira Semana, a cruz aparece de modo mais explícito, quando o exercitante é convidado a contemplar o Cristo, que “vai à sua Paixão por meus pecados” (EE 193), e padecer com ele. Na Quarta Semana, ele experimenta os efeitos da vitória do Cristo sobre a cruz e é convidado a experimentar a consolação do Crucificado Ressuscitado, que o envia a exercer o ofício da consolação. E, por último, na Contemplação para Alcançar Amor, a cruz de Jesus aparece na consideração sobre “como Deus trabalha e age por mim em todas as coisas criadas” (EE 236), através do seu amor radical que vence a cruz e a morte.

Depois de apresentar os Exercícios em suas linhas gerais e sua dinâmica interna, destacando o modo como a cruz de Jesus em cada etapa, dedicamo-nos, no segundo capítulo, à cristologia de Jon Sobrino, mais especificamente sobre a sua compreensão a respeito da cruz de Jesus.

Sobre isto Sobrino afirma que as principais interpretações da cruz nas primeiras comunidades não explicam o porquê da morte de Jesus, mas dão consistência à afirmação de que a cruz de Jesus é salvífica. A teologia do Novo Testamento sobre a cruz não acentua um dolorismo ou a salvação como fruto do sofrimento. O que ela apresenta é a vida de Jesus como vida doada com amor gratuito até o extremo. É a revelação plena do amor de Deus, que salva. A cruz de Jesus é mistério. Mas revela um Deus que, como no Antigo Testamento, aparece como aquele que defende as vítimas, liberta o povo. O “Deus crucificado” é o Deus solidário, cujo sofrimento na cruz revela sua solidariedade com todos os que sofrem. Deus sofre na cruz de Jesus e sofre também nas cruzes das vítimas deste mundo. Esta solidariedade de Deus é expressão da encarnação, da participação plena na história marcada pelo bem e pelo mal. Deus é Emanuel, está conosco em todos os momentos.

Com Sobrino, constatamos que o Cristo dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio é o Jesus histórico, considerando que Inácio não começa pelos dogmas conciliares ou pela cristologia, nem se detém numa reflexão sobre os títulos aplicados a Jesus. A sua intuição, no momento de propor uma mudança de vida, se volta ao que é anterior à reflexão: dirige-se à vida mesma de Jesus, pois acredita que é o histórico dessa vida que realmente pode e deve mudar o exercitante. A concepção de conversão no diálogo com o crucificado é conforme o Jesus histórico, pois trata-se de passar da fé ao seguimento, do mero arrependimento para uma atitude prática e solidária, a disposição de fazer algo.

A cruz de Jesus perpassa toda a experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio. É necessário, no entanto, notar que Inácio não propõe uma espiritualidade do sofrimento, mas do seguimento. Ele compreende a cruz como uma consequência do seguimento. Por essa razão não propõe uma mística da cruz, como se o sofrimento de Jesus tivesse que ser imitado por ser sofrimento. Jesus assumiu uma situação histórica conflitiva, na qual o amor sucumbe diante do poder opressor. E por isso sofre e morre na cruz.

No terceiro capítulo, com uma preocupação explicitamente pastoral, detivemo-nos a considerar como a reflexão sobre o mistério da cruz de Jesus nos Exercícios pode contribuir tanto para os que fazem a experiência quanto aos que propõem os Exercícios Espirituais ou acompanham pessoas na vivência de suas escolhas e decisões. Num contexto social, religioso e pastoral tão desafiador como o do Brasil e da América Latina, no qual o mistério da cruz de Jesus assume os rostos dos povos crucificados, certamente,

a experiência dos Exercícios Espirituais são um instrumento eficaz para uma Igreja em saída, convidada a atuar com discernimento.

Para que tenham esta eficácia, no entanto, é necessária “a correta consideração da história atual, tanto por parte do que dá os Exercícios quanto daquele que os vivencia”, como orienta a CPAL, no Documento *Ejercicios Espirituales em América Latina*:

uma “localização” histórica que corresponda à maneira como o próprio Inácio se situava na história, como aparece no texto dos Exercícios. Atualizar esta situação histórica supõe, por um lado, saber situar-se dentro dos processos que o Povo de Deus na América Latina vai experimentando sob a ação do Espírito, e conseguir captar os clamores que manifestam as dores, sofrimentos, esperanças e aspirações que este povo tem, através dos quais se escuta a voz de Deus. Mas também, por outro lado, supõe saber interpretar esta situação, o que irá proporcionar novas categorias e formas de expressão, assim como novos marcos de referência teológicos, sociológicos, culturais, etc. A tudo isto ajudará uma atitude aberta do discernimento tal como o viveu Inácio e o deixou plasmado em seu livro.<sup>1</sup>

Ao chegar ao fim desta pesquisa – que, como dissemos, nasceu de uma preocupação pastoral –, constatamos que a maior contribuição que os Exercícios podem oferecer hoje à Igreja e aos cristãos é aquilo que é uma das características fundamentais da espiritualidade inaciana: o discernimento, para responder ao desafio do ser humano de afirmar a sua liberdade diante de uma realidade cada vez mais complexa e diversa, como nos adverte o Papa Francisco: “Hoje em dia, tornou-se particularmente necessária a capacidade de discernimento, porque a vida atual oferece enormes possibilidades de ação e distração, sendo-nos apresentadas pelo mundo como se fossem todas válidas e boas”<sup>2</sup>.

Nesse sentido, os Exercícios constituem uma verdadeira mistagogia, pois favorecem à pessoa conseguir a necessária liberdade interior e lhe fornecem ferramentas para discernir com maturidade, no âmbito de uma relação saudável com Deus, a respeito do que é bom ou mau, melhor ou pior, para si, para os demais e para a realidade que a cerca. Ajudam-na a encontrar o sentido de sua existência, de suas experiências de sucessos e fracassos, vitórias e frustrações, tristezas e dores, a partir de um conhecimento profundo e realista de sua condição de criatura amada por Deus e chamada a realizar-se plenamente como pessoa humana no caminho da entrega ao serviço dos outros, no seguimento do Cristo Jesus.

<sup>1</sup> CPAL – CONFERÊNCIA DOS PROVINCIAIS DA AMÉRICA LATINA. *Ejercicios Espirituales em América Latina: para ayudar al modo nuestro de dar los ejercicios hoy*. Rio de Janeiro: CPAL, 2010, p. 30.

<sup>2</sup> FRANCISCO, Papa. *Gaudete et Exsultate*: sobre o chamado à santidade no mundo atual, n. 167. São Paulo: Loyola. 2018.

O mistério da cruz está presente nos Exercícios de diferentes maneiras e em vários momentos do processo vivido pelo exercitante – como pudemos constatar ao longo de nossa pesquisa –, e continua, de muitas maneiras, presente na história, como mostrou Jon Sobrino, no sofrimento dos povos crucificados. A experiência de conversão, vivida no colóquio com o Crucificado e no seguimento do Cristo pobre e humilde, motiva o exercitante à oblação de sua vida, configurando-se com este Cristo “dos Exercícios”, livre, pobre, humilde e obediente ao Pai. Tal experiência levará o exercitante, hoje, a ver o rosto do Crucificado refletido nos irmãos pobres e aflitos, acentuando mais claramente esta perspectiva, em relação à experiência de Santo Inácio, no seu tempo. Ao sofrer “com Cristo”, o exercitante abre-se aos pobres de hoje e reitera expressamente a sua “opção pelos pobres” e o compromisso de tirar da cruz os povos crucificados.

## REFERÊNCIAS

- ACNUR – Relatório 2018. Disponível em: <https://www.nacoesunidas.org/numero-de-pessoas-deslocadas-no-mundo-chega-a-708-milhoes-diz-acnur>.
- ARZUBIALDE, Santiago. “Dolerse de” y “Padecer por” en la mente de S. Ignacio. Reflexiones en torno al análisis textual. *Manresa* 65 (1993) 107-138.
- \_\_\_\_\_. *Ejercicios espirituales de S. Ignacio: historia y análisis*. 2.ed. Santander: Sal Terrae, 2009.
- BARREIRO, Álvaro. *A Paixão de Jesus Cristo: escândalo, loucura ou revelação do amor de Deus?* São Paulo: Loyola, 2010.
- BENOIT, P. *Paixão e Ressurreição do Senhor*. São Paulo: Paulinas, 1975.
- BENTO XVI, Papa. Encíclica *Spe Salvi*, n.39. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*, 21ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Paixão de Cristo – Paixão do mundo: o fato, as interpretações e o significado, ontem e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BOMBONATTO, V. I. *O seguimento de Jesus: uma abordagem segundo a cristologia de J. Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- \_\_\_\_\_. *O compromisso de descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. In: VIGIL, J. J. (org.). *Descer da cruz os pobres: Cristologia da Libertação*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BORILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte, Autêntica: 2010.
- BUCKLEY, Michael J. Contemplación para alcanzar amor. In: CASTRO, José Garcia de (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana: A-F*. Madrid: Mensajero, Sal Terrae, 2007.
- CACHO, Ignacio. Ignacio de Loyola. In: CASTRO, José García de (Dir.). *Diccionario de espiritualidad ignaciana: G-Z*. Madrid: Mensajero Sal Terrae, 2007.
- CAPORALE, V. *Dimensione antropologica della cristologia moderna*. Napoli: M. D’Auria Editore Pontificio, 1973. p. 10.
- CATALFO, Carlos Eduardo. A teologia da encarnação na cristologia de Jon Sobrino. In: SOARES, Afonso Maria Ligório (org.). *Dialogando com Jon Sobrino*. São Paulo: Paulinas, 2009.
- COMBLIN, J. 30 anos de teologia latino-americana. In: SUSIN, L. C. (org.). *O mar se abriu*. São Paulo: Loyola, 2000.

- CODINA, Victor. Teología desde la Cancha. *Revista CBR*, La Paz, 2006, p. 5-8.
- \_\_\_\_\_. *Teología y experiencia espiritual*. Santander: Sal Terrae, 1977.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. Conclusões da Conferência de Puebla. 8ª Ed. São Paulo: Paulinas, 1987.
- \_\_\_\_\_. Documento de Aparecida. São Pulo: Paulinas/Paulus, 2007.
- CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. *Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.
- CONSTITUIÇÕES DA COMPANHIA DE JESUS e normas complementares. São Paulo: Loyola, 2004.
- CIMI. *Relatório – Violência contra os povos indígenas no Brasil - Dados de 2018*, p. 151.
- FOLHA DE SÃO PAULO, 09 de setembro de 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/brasil-registra-1-caso-de-agressao-a-mulher-a-cada-4-minutos-mostra-levantamento>.
- FRANCISCO, Papa. Carta Encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2015.
- \_\_\_\_\_. *Evangelii Gaudium: a alegria do Evangelho*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Gaudete et Exsultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual*. São Paulo: Loyola. 2018.
- \_\_\_\_\_. *Misericordia et misera*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Misericordiae Vultus: o rosto da misericórdia*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2015.
- DHÔTEL, Jean-Claude. *Qui es-tu, Ignace de Loyola?* Paris: Vie Chrétienne, 1981.
- ELLACURÍA, I. El Pueblo crucificado. Ensayo de soteriología histórica. In: \_\_\_\_\_. *Cruz y Resurrección: Presencia y anuncio de una Iglesia nueva*. Mexico, Soto, 1978, p. 48-82.
- \_\_\_\_\_. *Las Iglesias latino-americanas interpelan a la iglesia española*. Sal Terrae 3 (1982) 219-230.
- ÉMONET, Pierre. Primeira Semana. In: CASTRO, José Garcia de (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana: G-Z*. Madrid: Mensajero, Sal Terrae, 2007.
- ENDEAN, Philip. La cruz y las gracias de los Ejercicios. In “*Pasión de Cristo, Pasión del Mundo: desafíos de la cruz para nuestros tempos*”. *Apuntes Ignacianos 61* (enero-abril 2011) p. 105. CIRE. Bogotá, Colombia.
- ESPINOZA, Clemente (Org.). *Los Ejercicios de San Ignacio a la luz del Vaticano II*. Congreso Internacional de Ejercicios, Loyola 1966). Madri, BAC, 1968.
- FESSARD, Gaston. *La dialectica de los ejercicios espirituales de San Ignacio de Loyola: tiempo, gracia, libertad*. Bilbao: Mensajero, 2010.

- GARCIA-LOMAS, Juan Manuel (Org.). *Ejercicios Espirituales y mundo de hoy*. Congreso Internacional de Ejercicios, Loyola, 22-26 septiembre 1991. Colección Manresa, n. 8. Bilbao: Mensajero / Santander: Sal Terrae, 1992.
- GARCIA Mateo, Rogelio. *El misterio de la vida de Cristo: en los ejercicios ignacianos y en el Vita Christi Cartujano*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2002.
- GARCÍA, A. Meditación sobre el Crucificado. *Cuadernos de Espiritualidad* (marzo 1982) 18-24.
- GONNET, D. la souffrance de Dieu. *Christus* 139 (1988) 227-285.
- GONZÁLEZ-QUEVEDO, L. Introdução à Terceira Semana dos Exercícios Espirituais. *Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana* 60 (2005) 68-84.
- GOPEGUI, J. A. R. de. *Procurar e encontrar Deus no dia-a-dia: por meio dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. São Paulo: Loyola, 2005.
- IDÍOGRAS, José Ignacio Tellechea. *Inácio de Loyola, sozinho e a pé*. São Paulo: Loyola, 1991.
- INÁCIO DE LOYOLA, Santo. *Autobiografia de Santo Inácio de Loyola*. Braga: Editorial Apostolado da Oração, 2005.
- \_\_\_\_\_. Carta a los padres y Hermanos de Padua, 7 de agosto 1547. In: *Obras completas de San Ignacio de Loyola*. Madrid: BAC, 1991, p. 818-819.
- \_\_\_\_\_. *Escritos de Santo Inácio: cartas escolhidas*. São Paulo: Loyola, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Escritos de Santo Inácio: diário espiritual de Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Exercícios Espirituais: apresentação, tradução e notas do Centro de Espiritualidade Inaciana de Itaici*. São Paulo: Loyola, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Obras Completas*, Madrid: BAC, 1991.
- IPARRAGUIRRE, Ignacio. *Historia de la practica de los ejercicios de San Ignacio de Loyola: practica de los ejercicios de San Ignacio de Loyola en vida de su autor (1522-1566)*. Roma: Institutum Historicum Societatis Iesu, 1946, v. 1.
- \_\_\_\_\_. *Historia de los ejercicios de San Ignacio: desde la muerte de San Ignacio hasta la promulgacion del directorio oficial (1556-1599)*. Roma: Institutum Historicum S.I., 1955, v.2.
- \_\_\_\_\_. *Historia de los ejercicios de San Ignacio: evolucion en Europa durante el siglo XVII*. Roma: Institutum Historicum S.I., 1973, v.3.

\_\_\_\_\_. *Introduzione allo studio degli esercizi spirituali de S. Ignazio*. Roma.: Pontificia Universita Gregoriana, 1951.

\_\_\_\_\_. *Líneas directivas de los ejercicios ignacianos*, Mensajero, Bilbao, 1949.

\_\_\_\_\_. *Vocabulario de ejercicios espirituales: ensayo de hermeneutica ignaciana*. Roma: Centrum Ignatianum Spiritualitatis, 1972.

JOÃO PAULO II, Papa. Encíclica *Dominum et Vivificantem*, n. 41. São Paulo: Paulinas, 1986.

JURADO, Manuel Ruiz. *Jerónimo Nadal: el teólogo de la gracia de la vocación*. Madrid: BAC, 2011.

\_\_\_\_\_. *Per Cristo, con Cristo e in Cristo: esercizi spirituali ignaziani*. Roma: ADP, 1996.

KASPER, W., *Gesù, il Cristo*. Brescia: Queriniana Editrice, 1992.

KEMPIS, Tomas de. *Imitação de Cristo*. São Paulo: Martin Claret, 2001.

KESSLER, H., Cristologia, p. 256. In: SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 219-400.

KIECHLE, Stefan. Cruz. In: CASTRO, José Garcia de (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana: A-F*. Madrid: Mensajero, Sal Terrae, 2007. v. 1.

KOLVENBACH, Peter-Hans. *Decir... al "indecible"*. Estudios sobre los Ejercicios Espirituais de San Ignacio. Bilbao: Mensajero, 1999.

KÖVECSES, Géza. *Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*. Porto Alegre: CECREI, 1966.

LETURIA, Pedro de. *El gentilhomme Inigo Lopez de Loyola em su pátria y em su siglo*. 2ª ed. Barcelona: Labor, 1949.

MARTINI, C. M. *I racconti della Passione*. Brescia: Morcelliana, 1994.

MCKENZIE, J. L, Cruz, p. 203. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.

\_\_\_\_\_. *Sacrifício*, p. 823. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1984.

MELLONI, Javier. *La mistagogia de los ejercicios*. Bilbao: Mensajero, 2001.

MENDES DE ALMEIDA, Luciano. *Servir por amor*. Trinta dias de Exercícios Espirituais. São Paulo: Loyola, 2001, p 113-142.

MESQUITA RIBEIRO, Clarita Sampaio. *Mysterium paschale: a quenose de Deus segundo Hans von Balthasar*. São Paulo: Loyola, 2004.

MOLTMANN, J. *O Deus Crucificado: a cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã*. Santo André: Academia Cristã, 2011.

- \_\_\_\_\_. Trindade e reino de Deus: uma contribuição para a Teologia. Petrópolis: Vozes, 2000.
- O'MALLEY, John W. *Los primeros jesuitas: Juan Antonio Montero Moreno*. Bilbao: Mensajero, 1990.
- PAIVA, Raul. *O discernimento: pessoal, em família, em comunidade*. São Paulo: Loyola, 2000. p.15.
- PALACIO, Carlos. *Mistérios de Cristo - Mistério do cristão: contemplação dos mistérios da vida de Cristo e existência cristã nos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola*. São Paulo: Loyola, 2013.
- PALAURO, Adroaldo. *A experiência espiritual de Santo Inácio e a dinâmica interna dos Exercícios*. São Paulo: Loyola, 1992.
- PASTORAL DO POVO DA RUA. *Vida e Missão*. Loyola, São Paulo, 2003.
- RAHNER, Hugo. *Genesis y teologia del libro de los ejercicios*. Madrid: Apostolado de la Prensa, 1966.
- RAHNER, Karl. A presença da paixão de Jesus em nós. Itaici: Revista de Espiritualidade Inaciana. 28 (1997) 90-92.
- \_\_\_\_\_. *Meditaciones sobre los ejercicios de S. Ignacio*. Barcelona, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Palavras de Inácio de Loyola a um jesuíta de hoje*. São Paulo: Loyola, 1990.
- ROSADO-NUNES, Maria José Fontelas. Teologia feminista e a crítica da razão religiosa patriarcal: entrevista com Ivone Gebara. In: *Revista Estudos Feministas*, vol. 14. Abril 2006, 294-304.
- SAMPAIO, Alfredo. *Los tiempos de eleccion en los directorios de ejercicios*. Santander: Sal Terrae, 2004.
- SEBASTIÁ, M. L. (Org.). *Los directorios de Ejercicios: 1540-1599*. Bilbao: Mensajero, 2000.
- SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis: Vozes, 2000.
- \_\_\_\_\_. Aniquilação do outro, memória das vítimas: reflexão profético-utópica. In: *Concilium*, Petrópolis, n. 240, p. 13-21, 1992.
- \_\_\_\_\_. *A oração de Jesus e do cristão*. São Paulo: Loyola, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Jesus, o Libertador: a história de Jesus de Nazaré*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Cristologia a partir da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 33.
- \_\_\_\_\_. *El Cristo de los ejercicios de San Ignacio*. Santander: Sal Terrae, 1990.

\_\_\_\_\_. Ejercicios espirituales en America Latina. In.: *Los Ejercicios Espirituales hoy*. Diakonia: boletín del CICA. 16 (diciembre 1980), p. 17-22.

\_\_\_\_\_. El Jesus histórico, crisis y desafío para la fe, p. 202. In: *ECA*, abril, 1975, n. 318, p. 201-224.

\_\_\_\_\_. El seguimiento de Jesus pobre y humilde: cómo bajar de la cruz a los pueblos crucificados. In.: GARCIA-LOMAS, Juan Manuel (Org.). *Ejercicios Espirituales y mundo de hoy*. Congreso Internacional de Ejercicios, Loyola, 22-26 septiembre 1991. Colección MANRESA, n. 8. Bilbao: Mensajero / Santander: Sal Terrae, 1992.

\_\_\_\_\_. Epílogo, p. 350. In: VIGIL, J.M. (Org.), *Descer da cruz os pobres: cristologia da libertação*. São Paulo: Paulinas. 2007. p. 345-357.

\_\_\_\_\_. *Moseñor Romero: Exigência, juicio y buena noticia*. En el XX aniversario de su martírio. San Salvador: UCA, 2000.

\_\_\_\_\_. *O princípio misericórdia: descer da cruz os povos crucificados*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *Oscar Romero: Profeta e mártir da libertação*, Madrid: PPC, 1980.

\_\_\_\_\_. *Ressurreição da verdadeira Igreja: os pobres, lugar teológico da eclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 153-161.

\_\_\_\_\_. Teología desde la realidad. In SUSIN, L. C. (org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2000. p. 153-170.

\_\_\_\_\_. *Terremoto, terrorismo, barbárie y utopía: El Salvador, Nueva York, Afeganistán*. Madrid: Editorial Trotta, 2002. p. 208-209.

TABORDA, F. Apreciações. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. LVI, 1996, p. 243.

TAVARES, S. S. A cruz de Jesus e o sofrimento no mundo. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEJERA, Manuel. Cuarta semana. In: CASTRO, José Garcia de (Dir.). *Diccionario de Espiritualidad Ignaciana: A-F*. Madrid: Mensajero, Sal Terrae, 2007.

THEISSEN, G.; MERZ, A., *O Jesus histórico: um manual*. São Paulo: Loyola, 2000.

WITWER, Anton. Contemplativo en la acción. In: CASTRO, José García de (Dir.). *Diccionario de espiritualidad ignaciana: A-F*. Madrid: Mensajero Sal Terrae, 2007.

ZALUAR, A. Crime e castigos vistos por uma antropóloga. In: BINGEMER, M. C. L.;

BARTHOLO, R. S. (Orgs.), *Violência, crime e castigo*. São Paulo: Loyola, 1996, p. 50.

UNICEF. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/homicidios-de-criancas-e-adolescentes>